



MARC LEVY

E SE FOSSE VERDADE...



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MARC LEVY

{1961}

E Se Fosse Verdade...

Título original francês

ET SI C'ÉTAIT VRAI...

{1999}

A Louis

Capítulo 1

Verão de 1996

Acabara de tocar o pequeno despertador que havia sobre o criado-mudo de madeira clara. Eram cinco e meia, e uma luz dourada que somente tem o alvorecer em San Francisco, iluminava a habitação.

Toda a família dormia: Kali, a cadelinha, ao pé da cama, sobre a almofada, e Lauren, sob o edredom, no centro da cama enorme.

O apartamento de Lauren surpreendia pela ternura que dele emanava.

Estava situado no primeiro andar de uma casa estilo vitoriano de Green Street, e compunha-se de um salão com cozinha americana, um grande dormitório, um vestuário e um enorme banheiro com janela. O piso era de taboas de madeira largas, de cor queimada, exceto no banheiro, onde eram pintadas de branco, alternando com ladrilhos negros. As paredes, brancas, eram decoradas com desenhos antigos, comprados nas galerias de *Union Street*, e uma moldura incrustada, finamente cinzelada por mãos de um hábil ebanista do princípio do século, que Lauren havia envernizado em tom caramelo, enfeitava o teto. Alguns tapetes de gorgulho debruados de juta Beis delimitavam os espaços do salão, o refeitório e a lareira. Em frente à lareira, um grande sofá forrado com algodão cru convidava à sentar-se. Os móveis escassos, dispersos, estavam dominados por lâmpadas com abajur plissados, que haviam sido adquiridos durante os 3 últimos anos.

A noite havia sido muito curta. O plantão de Lauren, médica interna do Hospital Memorial de San Francisco, havia se prolongado muito mais do que as 24 horas habituais, devido à chegada, na última hora, de vítimas de um grande incêndio. As primeiras ambulâncias haviam chegado dez minutos antes do término do plantão e Lauren havia começado a enviar os feridos às diferentes

salas de tratamento, diante dos olhares desesperados de seus companheiros.

Com precisão, auscultava em alguns minutos cada paciente, o identificava com uma etiqueta colorida conforme a gravidade de seu estado, redigia um diagnóstico preliminar, ordenava os primeiros exames e os enviava às macas, para a sala apropriada. A classificação das 16 pessoas que chegaram entre as doze e doze e um quarto da noite, terminou às doze e meia em ponto, e os cirurgiões, cuja presença haviam solicitado, puderam começar as primeiras cirurgias daquela noite infinda, às 0h45 . Lauren assistira ao dr. Fernstein em duas intervenções seguidas, e, não foi para casa até que recebeu ordem expressa do médico, que a convenceu de que o cansaço a faria não trabalhar a contento, com conseqüente perigo para a saúde de seus pacientes.

Saiu em plena noite do estacionamento do hospital, dirigindo seu Triumph e se dirigiu para casa em alta velocidade pelas ruas desertas. "Estou muito cansada e dirijo em excessiva velocidade", repetia-se várias vezes para lutar contra o sono, ainda que a idéia de voltar para cuidar dos casos urgentes de carro, e não a pé, fosse por si só suficiente para mantê-la desperta.

Chegou à garage e estacionou o velho automóvel. Passando pelo corredor, subiu de 4 em 4 os degraus da escadaria principal e entrou em casa com uma sensação de alívio. Os ponteiros do relógio de pêndulo pendurado sobre a lareira marcavam duas e meia. Lauren deixou cair sua roupa no chão, no meio da grande sala. Completamente nua, passou para o outro lado do balcão para preparar um chá. Os potes que adornavam a estante continham toda a espécie de ervas, como se a cada momento do dia, correspondesse um aroma. Deixou o copo no criado-mudo, deitou-se sob o edredom e dormiu imediatamente. O dia anterior havia sido muito longo, e o que se anunciava exigia que se levantasse logo. Aproveitado os dois dias de festa, que por uma vez coincidiam com o final de semana, havia aceitado um convite para ir a casa de uns amigos, em Carmel. E, apesar do cansaço acumulado, nada pudera fazê-la atrasar aquele despertar cedo. Lauren se encantava em ver o amanhecer na estrada que, bordeando o Pacífico, une San Francisco

à baía de Monterey. Ainda sonolenta, procurou o botão para desligar o despertador. Esfregou os olhos com as mãos fechadas e dedicou o primeiro olhar a Karli, estendida sobre a almofada.

— Não me olhe assim! Já não faço mais parte deste planeta —
Ao ouvir sua voz, a cadelinha se apressou a rodear a cama e apoiou a cabeça no ventre de sua dona. — Vou deixar você, dois dias, querida. Mamãe passará para buscá-la às 11.

Afaste-se um pouco, vou me levantar e dar algo para você comer.

Lauren esticou as pernas, deu um grande bocejo esticando os braços para cima e saltou da cama com os pés juntos.

Passou por trás do balcão, esfregando a pele, abriu a geladeira. Bocejou novamente e pegou manteiga, marmelada, torradas, uma lata de comida para cães, um saco aberto de queijo de Parma, um pedaço de Gouda, uma garrafa de leite, um vidro de compota de maçã, dois iogurtes naturais, cereais e meio *grapefruit*; a outra metade ficou na parte inferior. Como Kali a observava, movendo a cabeça, Lauren a olhou com cara de enfado e disse: — Tenho fome!

Como de costume, preparou primeiro o desjejum de sua protegida em uma pesada tigela de barro.

Continuando, pegou sua bandeja e a levou para a mesa de trabalho. Dali, girando ligeiramente sua cabeça, podia Sausalito e suas casas suspensas nas colinas, o *Golten Gate* que unia os dois lados da baía, o porto de pesca de

Tiburón, e, a seus pés, os telhados que se estendiam, escalonados, até La Marina.

Abriu a janela de para em par. A cidade encontrava-se em silêncio: apenas as sirenas dos navios com destino à China.

Misturadas com os gritos das gaivotas, acompanhavam a languidez da manhã.

Esticou-se novamente, e, com apetite, atacou o desjejum. A noite anterior não tinha jantado por falta de tempo. Por três vezes tentara comer um sanduíche, mas interrompera, pois a chamavam para atender “urgência”. Quando era apresentada a alguém e perguntavam-lhe a que se dedicava, respondia, invariavelmente: “A Correr”.

Depois de haver devorado boa parte do desjejum, deixou a bandeja e se dirigiu ao banheiro. Introduziu os dedos entre as lâminas de madeira da persiana, para incliná-las, deixou cair no chão o roupão de algodão e entrou na ducha. O jarro potente da água temperada acabou de despertá-la.

Ao sair da ducha, enrolou-se uma toalha ao redor da cintura, deixando as pernas e pés livres.

Fez uma careta em frente ao espelho e decidiu-se por uma maquiagem ligeira. Colocou jeans e uma blusa polo, tirou os jeans, colocou uma saia-calça, tirou e colocou novamente os jeans. Tirou do armário uma bolsa de lona, colocou algumas coisas e a nécessaire na mesma, e considerou que estava prontinha para começar o fim de semana. Ao virar-se viu a desordem reinante — roupas espalhadas no chão, toalhas, cama desfeita — e disse em voz bem alta, com determinação, dirigindo-se a todos os objetos do lugar: — Nem uma palavra! Nem reclamação! “Amanhã estarei de volta e os arrumarei para toda a semana”.

Pegou papel e caneta e redigiu uma nota, antes de pregá-la na porta do frigorífico com um grande ímã em forma de rã.

Mamãe:

Obrigada por tomar conta da cadelinha. Não precisa arrumar nada. Vou fazê-lo quando regressar.

Passarei diretamente em sua casa para pegar a Kali, no domingo até as cinco.

Com amor

Sua doutora preferida.

Colocou o casaco, acariciou a cabecinha da cadela, a beijou e saiu de casa.

Desceu os degraus da grande escadaria, saiu em direção à garagem e de um salto se colocou dentro do velho conversível.

— Lá vou eu, lá vou eu, — se repetia — Não posso acreditar, é um verdadeiro milagre. A única coisa que falta é que você se digne a arrancar. Se você falhar uma só vez, pode se preparar. Eu vou afogá-

lo em xarope, antes de levá-lo ao desmanche e vou trocá-lo por um carro novo, totalmente eletrônico,

sem afogador e sem achaques quando fizer frio pela manhã! Você compreendeu bem? Espero que sim!! Contato!!

O velho inglês parece ter se impressionado enormemente com a convicção de sua dona ao pronunciar aquelas palavras, pois seu motor pegou com o primeiro giro da chave. Um belo dia se anunciava.

Capítulo 2

Lauren arrancou lentamente para não despertar a vizinhança. Green Street é uma bonita rua, bordeada com árvores e casas. Os que ali vivem, conhecem-se uns aos outros, como nos povoados. Seis cruzamentos antes de chegar a *Van Ness*, uma das grandes artérias que atravessam a cidade, mudou a marcha e acelerou. Uma luz clara, que mudava de cor à medida que transcorriam os minutos, despertava pouco a pouco as perspectivas deslumbrantes da cidade. O carro ia bem veloz, por ruas desertas. Lauren saboreava a embriaguez daquele momento. As costas de São Francisco são particularmente propícias para experimentar uma sensação de vertigem.

Volta fechada em *Sutter Street*. São seis e meia, o cassete reproduz música ruidosa. Faz muito tempo que Lauren não se sente tão feliz. Deixou para trás o estresse, o hospital, as obrigações. Anuncia-se um fim de semana completo para ela e não quer perder um minuto sequer. *Union Square* está tranqüila. Horas mais tarde, as ruas se enchem de gente da cidade e de turistas que irão às compras.

Agora, reina a calma. Os letreiros das vitrinas estão apagados, alguns mendigos dormem nos bancos. O guarda do estacionamento deixa um sonho na guarita. El Triumph engole o asfalto no ritmo dos impulsos da mudança de marchas. Os sinais estão verdes. Lauren reduz para segunda, para contornar melhor *Polk Street*, uma das quatro ruas que bordeiam a praça ajardinada.

Embriagada com um lenço na cabeça, começa a girar diante da imensa fachada do edifício de Macy's. Uma curva perfeita. Os pneus chiam ligeiramente, sucedem-se os barulhos, tudo vai muito depressa.

Um estalido repentino! O tempo se detém. Já não há diálogo entre a direção e os pneus, a comunicação interrompeu-se definitivamente. O carro vai para um lado e derrapa na calçada bastante úmida. O rosto de Lauren se crispa. Suas mãos agarram o volante que se voltou dócil e aceita girar sem fim, em um vazio que compromete o resto do dia. El Triumph continua patinando, o tempo parece acalmá-lo e estirar-se de repente como num grande bocejo. Dá voltas na cabeça de Lauren; na realidade é o cenário que gira ao redor dela com uma velocidade incrível. O carro se parece com um pião. As rodas se chocam brutalmente contra a calçada, o morro se levanta e beija uma boca de incêndios.

O capô eleva-se até o céu. O carro gira sobre ele próprio num último esforço e expulsa a motorista, pois é muito pesada para a pirueta que desafia as leis da gravidade. O corpo de Lauren sai pelos ares e se espatifa contra a fachada do grande armazém... O velho Triumph termina sua carreira caindo, boca acima, com parte sobre a calçada. Um pouco de vapor escapa de suas entranhas e exala o último suspiro, seu último capricho de velho inglês.

Lauren está inerte. Descansa placidamente. Seu semblante está sereno, sua respiração é lenta e regular. Na boca, ligeiramente aberta, poderia descobrir-se um leve sorriso. Tem os olhos fechados, como se estivesse dormindo. Os cabelos longos emolduram o rosto. A mão direita, apoiada no ventre.

Na guarita, o guarda do estacionamento pestaneja. Viu tudo, como num filme, mas ali, era real, dirá. Levanta-se, sai correndo, troca de opinião e retorna.

Disca febrilmente o telefone para 911. Pede ajuda, e a ajuda se põe em marcha.

O restaurante do Hospital San Francisco é grande com piso branco e paredes pintadas de amarelo. Uma grande quantidade de mesas retangulares de fórmica acham-se dispostas ao longo de um corredor central que conduz às máquinas de bebida e comida

embalada a vácuo. O doutor Philip Stern cochilava, sobre uma das mesas, com uma xícara de café frio na mão. Um pouco mais adiante, seu companheiro se balançava numa cadeira, com o olhar perdido no vácuo. No fundo de um de seus bolsos sonhava a busca. Abriu um olho e fitou o relógio...

faltava apenas um quarto de hora para terminar o plantão.

— Estou com azar, Frank, veja o que está acontecendo.

Frank pegou o telefone mural que tinha sobre sua cabeça, escutou a mensagem que uma voz transmitiu, e virou-se para Stern — Vamos, amigos, é para nós!!. *Union Square*, um código 3, parece que é grave...

Os dois internos designados para o serviço de plantão se levantaram e dirigiram-se para o lugar onde os esperava a ambulância, com o motor ligado, ao pé da rampa luminosa intermitente. Dois toques breves de sirena marcaram a saída da unidade dois. Eram sete menos um quarto da manhã. *Market Street* estava totalmente deserta e o veículo circulava com muita velocidade.

— Merda! E pensar que hoje vai fazer um bom dia..

— Por que se queixa?

— Porque estou arreventado. Vou passar o dia dormindo, sem poder aproveitá-lo.

— Vira à esquerda. Seguiremos pela contramão.

A ambulância seguiu por Polk Street até *Union Square*.

— Ali está.

Ao chegar à grande praça, o que primeiro viram os dois internos foi o velho Triumph chamuscado. Frank parou a sirena.

— Pois sim, foi em cheio — constatou Stern, descendo do veículo. .

Dois policiais já estavam ali, e um deles conduziu Philip até a vitrina quebrada.

— Onde está? — perguntou o interno ao policial.

— Ali. É uma mulher e é médica, parece-me que de emergências. Talvez a conheçam..

Stern, ajoelhado junto ao corpo de Lauren, pediu aos gritos ao seu companheiro que se apressasse. Já havia cortado com tesouras,

os jeans e o jersey, deixando a pele respirar. Na perna esquerda, uma grande deformação, com um grande hematoma, indicava uma fratura. O resto do corpo, aparentemente, estava sem contusões.

— Prepara-me as chapas e a perfusão. O pulso escapa e não há tensão, respiração a 48, ferida na cabeça, fratura no fêmur direito, com hemorragia interna. A Conhecemos? É do hospital?

— Sim, eu já a vi. É interna em plantões, trabalha com Fernstein. É a única que tolera ele.

Philip não teve reação diante desta última observação. Frank colocou as sete placas (radiografias) sobre o peito da jovem, uniu cada uma delas com 1 fio elétrico de cor diferente do eletro portátil e o conectou. A tela se iluminou.

— O que se vê? — perguntou seu companheiro..

— Nada bom. Tensão a 8/6, pulso a 140, lábios cianóticos. Prepare uma sonda endotraqueal de 7, vamos intubar.

O dr. Stern acabava de colocar o catéter e estendeu o frasco de soro a um policial.

Segure bem! Necessito suas duas mãos.

Continuando, pediu a seu companheiro que injetasse 5 mgs de adrenalina no tubo e 125 mgs de Solumedrol, e que preparasse imediatamente o desfibrilador.

No mesmo momento, a temperatura de Lauren começou a baixar rapidamente, enquanto o eletrocardiograma mostrava-se irregular. Na parte inferior da chapa verde, começou a bater um pequeno coração, acompanhado por um sinal curto e repetitivo, sinal de aviso da iminência de uma fibrilação cardíaca.

— Vamos, querida, fique conosco!! Deve estar inundada de sangue por dentro. Como está seu ventre?!

— Brando. Provavelmente sangra na perna. Você está preparado para a intubação?

Em menos de um minuto, Lauren estava entubada. Stern perguntou pelas constantes; Frank disse que ela respiração estava estável e que a tensão tinha baixado a 5. Não teve tempo de terminar a frase. O sibilar curto foi substituído por um som estridente que saiu do aparelho.

— Já começamos..., está fibrilando. Manda-me trezentos...

O corpo arqueou-se brutalmente pelo efeito da descarga, com o ventre apontando o céu, antes de cair de novo.

— Não, não foi bem. .

— Coloque a 360. Tentaremos novamente

— Já está, 360.

— Segure-os!

O corpo se ergueu e de novo caiu inerte.

— Passe mais 5mgs de adrenalina e torne a carregar 360.

Vamos!!

Outra descarga, outro sobressalto. Outra descarga, outro sobressalto.

— Fribilando. Nós a perdemos. Injete uma unidade de Lidocaína na perfusão e volte a carregar Já!!!!

O corpo elevou-se.

— Injete 500mgs de Berilium e carga a 380, imediatamente.

Lauren sofreu nova sacudida. Seu coração parece ter respondido bem às drogas injetadas e recobrou um ritmo estável, mas só por alguns instantes. O barulho do sibilo retornou.

— Parada cardíaca! — disse Frank.

Philip começou imediatamente uma massagem cardíaca com uma obsessão pouco habitual.

— Não se faça de boba, — suplicou enquanto tentava devolver-lhe a vida — hoje faz um lindo dia. Não nos faça isso.

Depois, ordenou a seu companheiro que carregasse novamente a máquina.

— Deixa, Philip — disse Frank, tratando de acalmá-lo —, é inútil.

Mas Stern se negava a abandonar; repetiu a seu companheiro que carregasse o desfibrilador e este obedeceu. Uma vez mais descarregaram. O corpo tornou a voltar, mas o eletro seguia. Philip reiniciou a massagem com a fronte banhada em suor. O cansaço acentuava o desespero do jovem médico ante sua impotência. Seu companheiro tomou consciência de que sua atitude não tinha lógica. Deveria ter parado vários minutos antes e ter certificado a hora do falecimento, mas não o fazia, continuava massageando o coração.

— Coloque mais meio mg de adrenalina e sobre a 400.

— Philip, pare já. Não tem sentido. Está morta. Você não sabe o que faz...

O policial olhou o interno ajoelhado junto a Lauren inquisitivamente, mas este não lhe prestou qualquer atenção. Frank deu de ombros e voltou a carregar o desfibrilador e anunciou o umbral de 400 mgs. Stern enviou a descarga, sem sequer pedir que segurassem. Sacudido pela intensidade da corrente, o tórax se ergueu bruscamente. A linha permaneceu plana. O interno não a olhou, sabia, antes de aplicar esta última descarga. Golpeou com o punho o peito de Lauren.

— Merda! Merda!

Frank o agarrou pelos ombros com força...

— Pare, Philip, você está perdendo a cabeça, acalme-se!! Ateste o óbito e vamos embora. Você já não pode mais. Tem que ir descansar.

Philip estava suando e tinha o olhar perdido... Frank levantou a voz e segurou a cabeça do amigo entre as mãos, obrigando-o a olhá-lo nos olhos.

Ordenou-lhe que se acalmasse, e, como parecia não raciocinar, esbofetou-o. O jovem médico reagiu.

— Vamos, amigo, fique tranqüilo — insistiu seu companheiro, num tom de voz deliberadamente apaziguador. Logo, fatigado, soltou-o. Os policiais contemplavam os dois médicos estupefatos. Frank caminhava dando voltas sobre si mesmo, totalmente desconcertado, a julgar pelas aparências. Philip, ajoelhado, levantou lentamente a cabeça, e disse em voz baixa:

— Hora da morte, sete e dez. Levem-na! — dirigindo-se ao policial que segurava o frasco — Acabou-se. Não podemos fazer mais nada por ela. — Levantou-se, passou um braço pelos ombros do companheiro e o conduziu até a ambulância. — Vem, vamos!

Os dois agentes os seguiram.

— Não me pareceu que já tivessem tido outros casos assim! — Comentou um deles.

O outro policial olhou para seu colega.

— Você já viu algum caso em que se tenha encarregado um de nós?

— Não.

— Pois então você não pode compreender o que acabam de viver. Venha, ajude. Vamos colocá-la com cuidado sobre a maca e no furgão.

A ambulância já havia dobrado a esquina. Os dois agentes levaram o corpo inerte de Lauren, depositaram-no sobre a maca e o cobriram com uma manta.

Com o fim do espetáculo, os curiosos que tinham ali permanecido, se foram. No interior da ambulância, os dois médicos permaneciam calados, até que Frank perguntou: — O que aconteceu com você, Philip??

— Não tem sequer trinta anos, é médica, é bonita...

— Sim, mas não se trata disso!! Muda as coisas o fato de que seja bonita e médica? Poderia ter sido feia e trabalhar em um supermercado. É o destino.

Você nada pode fazer para evitá-lo, havia chegado a hora dela. Agora, voltaremos, você irá descansar e tentar esquecer o ocorrido.

Dois quarteirões atrás deles, o carro de polícia se dispunha a passar por um cruzamento, quando um taxi ultrapassou o sinal. O policial, furioso, freou bruscamente e ligou a sirena por instantes; o motorista de Limo Service parou e pediu desculpas. O corpo de Lauren havia caído da maca. Os dois homens passaram para a parte posterior. O mais jovem segurou Lauren pelos pés e o maior pelos braços. O último parou, petrificado, ao reparar no peito da jovem.

— Respira!

— Como??!!!!?

— Respira!!! Pegue o volante agora mesmo e vamos ao hospital.

— Você se dá conta??? Já dizia eu que aqueles médicos não estavam bem.

Que confusos!!

— Cale-se e apresse-se. Nada entendo, mas eles dois vão ouvir falar de mim...

O furgão da polícia adiantou-se com uma chamada à ambulância, face ao olhar atônito dos dois internos. Eram "seus policiais". Philip queria que seu companheiro que também conectara a sirena os seguisse, mas este se opôs.

Estava esgotado.

— Por que iam tão depressa??

— Não tenho idéia — respondeu Frank -. Além do que, pode ser que não fossem eles. Todos se parecem. Dez minutos mais tarde estacionavam ao lado do furgão policial, cujas portas haviam sido deixado abertas.

Philip saiu da ambulância e entrou na emergência. Encaminhou-se com passos cada vez maiores à recepção.

— Em que sala está? — perguntou recepcionista sem cumprimentá-la.

— Quem, dr. Stern? — indagou a enfermeira.

— A moça que acabam de trazer...

— Na sala cirúrgica 3. Está sendo atendida por Fernstein. Parece que é de sua equipe.

O policial mais velho aproximou-se e tocou seu ombro.

— Pode-se saber o que vocês têm na cabeça?

— Perdão!!??

Fazia bem em pedir perdão, mas não bastava. Como podia ter certificado o falecimento de uma moça que ainda respirava??

— Se não fosse por mim, a teriam metido viva na geladeira!!

Sim, desde cedo, iria ouvir falar dele. O Dr. Fernstein saiu da sala no momento, e, fingindo não prestar qualquer atenção ao agente de polícia, dirigiu-se diretamente ao jovem médico.

— Stern, quantas doses de adrenalina injetou nela??

— 4 vezes 5 miligramas — respondeu o interno.

O professor o repreendeu de imediato, lembrando-o que esse modo de agir indicava obsessão terapêutica; depois, dirigindo-se ao oficial de polícia, afirmou que Lauren estava morta, muito antes do Dr. Stern ter certificado a hora de seu falecimento.

Acrescentou que o erro da equipe médica provavelmente havia sido empenhar-se em fazer funcionar o coração daquela paciente com doses altas.

Para resolver qualquer possível debate, explicou que o líquido injetado havia se acumulado ao redor do pericárdio.

E, quando você freou bruscamente, passou para o coração, que teve uma reação puramente química e que se colocou em marcha.

Desgraçadamente, aquilo em nada mudava a morte cerebral da vítima. Com referente ao coração, quando o líquido se dissolvesse, pararia.

— No caso de que já não tenho ocorrido , acrescentou.

Fernstein convidou o policial a pedir desculpas ao dr. Stern por seu nervosismo, totalmente fora de lugar, e pediu a este último que fosse vê-lo antes de sair. O agente se voltou para Philip.

— Vejo que na polícia não temos o monopólio do corporativismo. Não lhe desejo que passe um bom dia.

Ato seguido, girou sobre seus calcanhares e abandonou o recinto do hospital.

As portas se fecharam atrás dele, e cerrou as portas do furgão com violência.

Stern se abaixou, os braços apoiados no balcão, olhando a enfermeira de plantão, franzindo o cenho.

— Mas, o que é toda esta confusão que você contou?

A mulher balançou os ombros e lembrou-lhe que Fernstein o esperava.

Philip foi à porta do chefe de Lauren. Foi convidado a entrar. De pé, por trás da mesa, de costas e olhando pela janela, esperava, ostensivamente que Stern falasse primeiro, coisa que foi feita. Confessou que não entendia o que havia dito o policial. Fernstein o interrompeu:

— Escuta-me bem, Stern. O que eu dei a este oficial foi a explicação mais simples para que não haja uma informação sobre você que possa destruir sua carreira. Seu comportamento é inadmissível para alguém com sua experiência.

Tem que saber aceitar a morte quando ela chega. Não somos deuses ou responsáveis pelo destino. Esta moça estava morta quando vocês chegaram, e, sua obstinação poderia podido custar-lhe caro.

— Mas como explica que tenha começado a respirar de novo??

— Nem o explico, nem tenho porque fazê-lo. Não sabemos tudo. Está morta, dr. Stern. Que isso não o agrade é uma coisa, mas o certo é que ela se foi . Estou me lixando que os pulmões se movam e que o coração palpite por sua conta.

Seu eletroencefalograma está certo. Sua morte cerebral é irreversível.

Esperaremos que o resto siga o mesmo caminho e a enviaremos ao necrotério.

Ponto final.

— Mas... Não pode fazer isso! Não pode fazê-lo com tantas evidências!

Fernstein expressou sua irritação com um gesto de cabeça e elevando a voz.

Não tinha porque receber lições. Sabia Stern o custo de um dia de reanimação?

Acreditava que o hospital iria ocupar um leito para manter artificialmente, com vida, um “vegetal”? Convidou-o, com eloquência a raciocinar um pouco.

Achava injusto que uma família tivesse que passar semanas inteiras junto à cabeceira de um ser inerte e sem inteligência, mantido com vida, graças às máquinas. Negava-se a ser responsável por tal tipo de decisões, simplesmente para satisfazer o ego de um médico.

Ordenou a Stern que desaparecesse de sua vista e que tomasse uma ducha. O

jovem interno ficou de pé, plantado frente ao professor, defendendo com ardor, sua postura. Quando certificara a morte, sua paciente estava com parada cardiorrespiratória havia dez minutos. Seu coração e pulmões tinham deixado de viver. Assim, ficara obcecado, porque desde que era médico, notara que alguém, aquela mulher, não queria morrer. A descreveu como, se através de seus olhos abertos, a tivesse sentido lutar, negar a ir-se.

Então, havia lutado junto com ela, pulando normas, e, dez minutos mais tarde, contra toda a lógica, contra tudo o que haviam ensinado, seu coração havia começado a palpitar novamente, seus pulmões a inspirar e a expirar o ar, um sopro de vida.

— Tem razão — prosseguiu — , somos médicos e não sabemos tudo. Essa mulher também é médica...

Pedi a Fernstein que lhe desse uma esperança. Tinha visto comas com mais de seis meses que retornaram à vida, sem que não

se entendesse como. O que ela tinha feito nunca ninguém fizera antes, assim era igual ao que custara. — Não deixe que se vá, não quero. É o que ela está nos dizendo.

O professor esperou alguns instantes antes de responder.

— Dr. Stern, Lauren era minha aluna. Tinha um caráter rebelde, mas, um grande talento. Eu a admirava muito e tinha grandes esperanças em sua carreira, como também tenho na sua. Esta conversa terminou.

Stern saiu do consultório sem fechar a porta. Philip o esperava no corredor.

— O que você faz aqui?

— Mas, pode-se saber o que você tem na cabeça, Philip? Você sabe com que você estava falando neste tom?

— Você dirá.

— O homem com quem você falava era o professor dessa moça, a conhece e ensinava-a nos últimos quinze meses. Salvou mais vidas do que você, talvez possa salvar em toda a sua. Você tem que aprender a se controlar. A verdade é que às vezes você delira.

— Deixe-me em paz, Frank. Hoje já recebi minhas doses de lições de moral.

Capítulo 3

Dr. Fernstein fechou a porta de seu consultório, tirou o telefone do gancho e o recolocou novamente. Deu uns passos em direção à janela e tornou a tirar o fone do gancho. Pediu para falar com a cirurgia. Em seguida ouviu-se uma voz do outro lado.

— Sou Fernstein. Preparem-se. Vamos operar em dez minutos. Em seguida, enviou o informe.

Desligou com cuidado e balançou a cabeça. Ao sair do escritório, deu de cara com o professor Williams.

— Vamos tomar um café? Perguntou Williams.

— Não. Não posso.

— O que você vai fazer.

— Uma estupidez, me disponho a fazer uma coisa estúpida. Logo o chamarei.

Fernstein entrou na cirurgia com um uniforme verde amarrado na cintura.

Um enfermeiro o esterilizou. A sala era enorme; uma equipe completa rodeava o corpo de Lauren. Atrás de sua cabeça havia um monitor em cujo visor apareciam os sinais que mostravam o ritmo de sua respiração e seus batimentos cardíacos.

— Como estão as funções vitais? Fernstein perguntou ao anestesista — Estáveis, 65 e 12/8. Está anestesiada. O sangue está normal. Pode começar.

— Sim, ela está anestesiada, como você falou.

O bisturi penetrou o músculo, cortando toda a região que ocupava a fratura.

Enquanto começava a separar os músculos, Fernstein se dirigiu à equipe, chamando-a de “queridos colegas” e lhes explicou que iriam ver um professor de cirurgia, com vinte anos de carreira, realizar uma intervenção apropriada a um estudante do quinto ano: redução de fêmur.

— E sabem por que a faço eu?

Porque nenhum estudante do quinto ano aceitaria reduzir uma fratura no corpo de uma pessoa com morte cerebral havia mais de duas horas. De modo que pedia a todos que não fizessem perguntas e agradecia seu comparecimento.

Demorariam no máximo quinze minutos. Mas Lauren era uma de suas alunas e todos os médicos presentes compreendiam o cirurgião e o aprovavam.

Entrou um radiologista e pediu que lhe passassem chapas de scanner. Os negativos mostravam um hematoma na altura do lóbulo occipital. Decidiu-se a efetuar uma pulsão para liberar a compressão. Fez um orifício na parte posterior da cabeça; controlando a trajetória através de uma tela, o médico atravessou as meninges com uma agulha fina e a dirigiu até o lugar onde se encontrava o hematoma. O cérebro não parecia afetado. O fluxo sanguíneo correu pela sonda. A pressão intracraniana desceu quase no mesmo instante. O anestesista aumentou a quantidade de oxigênio enviado ao

cérebro, imediatamente, mediante a entubação das vias respiratórias. As células, libertas da pressão, recuperaram o metabolismo normal, eliminando, pouco a pouco, as toxinas acumuladas. A perspectiva da cirurgia, mudava a cada instante. Toda a equipe não parecia lembrar-se de que estavam operando um ser humano clinicamente morto. Cada um cumpria seu papel, e os movimentos foram se encadeando. Fizeram radiografias da parede posterior, consertaram as fraturas das costelas fizeram uma punção na pleura. A cirurgia foi precisa. Cinco horas mais tarde, o prof. Fernstein retirava as luvas. Pediu que fechassem os ferimentos e que depois transferissem a paciente para a sala de reanimação. Em seguida, ordenou, que após passado o efeito da anestesia, desconectassem todos os tubos de auxílio respiratório.

Agradeceu novamente a sua equipe pela presença e pediu descrição. Antes de sair, pediu a Betty, uma das enfermeiras, que o avisassem quando retirassem o respirador de Lauren. Saiu da sala de cirurgia em passos rápidos em direção aos elevadores. Passando pelo balcão, perguntou à recepcionista se o dr. Stern se encontrava dentro do hospital. A jovem disse que não e o médico afastou-se abatido, não sem antes agradecer e dizer-lhe que estaria em seu consultório caso alguém perguntas por ele.

Depois da cirurgia, Lauren foi conduzida à sala de recuperação. Betty conectou o monitor cardíaco, o eletroencéfalo e o tubo do respirador artificial. Com tudo aquilo, a jovem parecia um cosmonauta. A enfermeira pegou uma amostra de sangue e saiu do aposento. A paciente dormia, serenamente, suas pálpebras pareciam mergulhadas nos contornos do universo de um sono sereno e profundo.

Meia hora mais tarde, Betty telefonou para o prof. Fernstein e lhe comunicou que Lauren encontrava-se sob os efeitos da anestesia. Ele perguntou como estavam seus sinais vitais. A enfermeira confirmou o que se esperava, que permaneciam estáveis, e, insistiu para que ele repetisse o que deveria fazer.— Desligue o respirador — disse o médico — Eu irei em seguida — acrescentou, antes de desligar.

Betty entrou na sala e separou a sonda do tubo, deixando que a paciente tentasse respirar por si mesma. Instantes depois, retirou o tubo, liberando a traquéia.

Tirou uma mecha de cabelo do rosto de Lauren, olhou-a com ternura, e, saiu, apagando a luz. O aposento ficou banhado pela luz verde do aparelho de encefalografia, cujo traçado seguia como plano. Eram quase nove e meia da noite e tudo estava quieto.

Ao cabo de uma hora, o sinal do osciloscópio começou a tremular, a princípio, muito levemente. Depois, o ponto que marcava o extremo da linha, elevou-se consideravelmente, para descer de forma vertiginosa e voltar à posição horizontal

Ninguém testemunho tal anomalia. O azar é assim. Betty entrou novamente no aposento uma hora mais tarde. Tomou a temperatura, pressão de Lauren, desenrolou alguns cm da tira de papel que saía da máquina, viu a ponta anormal, franziu o cenho revisando mais alguns centímetros. Ao constatar que permanecia fazendo uma linha reta, retirou o papel, sem dar-lhe maior atenção.

Pegou o telefone do corredor e chamou Franstein.

— Sou eu. Temos um coma profundo com constantes estáveis. O que faço?

— Procure um leito no quinto andar. Grato, Betty.

Fernstein desligou.

Capítulo 4

Inverno de 1996

Arthur procurou a porta da garage e estacionou o carro. Subiu pela escada interior e entrou em seu apartamento novo. Fechou a porta, empurrando-a com um pé, deixou a carteira, e sentou-se no sofá. Umhas vintas caixas espalhadas no meio da sala, fê-lo recordar-se de suas obrigações. Tirou a roupa, colocou jeans e começou a esvaziar as caixas, colocando nas estantes os livros que nelas estavam. Ouvia o barulho na rua. Horas mais tarde, quando

terminou, dobrou as caixas de papelão, passou o aspirador de pó e acabou de arrumar a cozinha.

Então, contemplou seu novo ninho. “Devo estar me tornando um pouco maníaco” falou para si, enquanto se dirigia ao banheiro. Uma vez ali, optou por um banho, ao invés de uma ducha. Abriu a torneira, ligou o pequeno rádio que estava sobre o radiador junto aos armários de madeira, despiu-se e entrou na, com um suspiro de alívio.

Enquanto Peggy Lee cantava Fever na 101.3 FM, Arthur submergiu a cabeça várias vezes na água da banheira. Primeiro, chamou sua atenção, a qualidade sonora da canção que estava escutando, e depois, o surpreendente realismo estereofônico, sobretudo, tratando-se de um aparelho que suponha ser monofônico. Prestando muito atenção, parecia que o estalido de dedos que acompanhava a melodia, vinha do interior do armário. Intrigado, saiu da água e aproximou-se, sem fazer barulho. O som era cada vez mais preciso. Vacilou, respirou fundo e bruscamente abriu as duas portas. Com olhos arregalados, deu um passo para trás.

Escondida entre os cabides, havia uma mulher com olhos fechados, aparentemente cativada pelo ritmo da música, que acompanhava, estalando os dedos.

— Quem é você?? O que você faz aqui? — perguntou Arthur.

A mulher abriu os olhos, assustada.

— Você me vê?

— Claro que a vejo!.

Parecia absolutamente surpreendida pelo fato dele a vir. Ele lhe disse que não estava cego nem surdo e tornou a perguntar-lhe o que fazia ali. Como resposta, ela disse que aquilo lhe parecia fantástico. Arthur nada via de fantástico naquela situação, e, em tom mais irritado, perguntou-lhe pela terceira vez o que estava fazendo no seu armário àquelas horas da noite.

— Creio que não seja de sua conta — disse ela — . Toque meu braço!

Ele ficou desconcertado.

A mulher insistiu.— Toque meu braço, por favor.

— Não, não penso em tocar no seu braço. O que está acontecendo aqui??.

A mulher tocou a mão de Arthur e perguntou-lhe se ele sentia quando ela o tocava. Ele, exasperado, confirmou, com firmeza, que a havia sentido quando o havia tocado e que também a via e ouvia perfeitamente. Depois, perguntou-lhe pela quarta vez quem era e o que fazia em seu armário. Ela ignorou completamente a pergunta e repetiu, muito feliz, que era fabuloso que a visse, ouvisse e tocasse. Arthur, que havia tido um dia agitado, não se encontrava com humor para brincadeiras.

— Já está bem, senhorita! Trata-se de um trote de meu sócio? Quem é você?

Uma garota de programa para inaugurar o apto?

— Você é sempre tão grosseiro?? Acaso pareço puta?

Arthur suspirou.

— Não, não se parece com puta, mas está escondida no meu roupeiro, quase à meia-noite.

— Olhe, é você quem está nu e não eu!

Arthur cobriu-se com uma toalha, amarrando-a na cintura e tentou adotar uma atitude normal.

— Bem - disse, elevando a voz— , agora, paremos com o jogo. Você sai daqui, vá para sua casa e diga a Paul que não teve graça alguma, nenhuma graça.

A mulher não conhecia Paul e pediu-lhe que abaixasse o tom de voz. Mesmo porque, ela não era surda; surdos eram os outros que não a ouviam. Ela ouvia perfeitamente. Arthur estava cansado e nada entendia. Aquela mulher parecia perturbada; ele acabara de se mudar e somente o que queria era paz.

— Seja boazinha, moça. Pegue suas coisas e deixe a casa. E, saia imediatamente de meu armário.

— Calma, não é tão fácil. Não sou de uma absoluta precisão, ainda que nos últimos dias, esteja melhorando muito.

— O que está melhorando nos últimos dias?

— Feche os olhos, vou tentar...

— O que você vai tentar?

— Sair do armário. É o que você quer, não? Pois feche os olhos e cale-se por dois minutos. Tenho que me concentrar.

— Você está louca!!

— Você pode deixar de ser tão desagradável? Cale-se, feche os olhos, e, não vamos passar a noite assim.

Arthur, desconcertado, obedeceu..

Dois segundos depois, ouviu uma voz vinda do salão.

— Não está mal. Justamente ao lado do sofá, mas não está mal.

Arthur saiu precipitadamente do banheiro e viu a jovem sentada no chão, no centro do aposento. Ela agia como se nada tivesse acontecido.

— Fico feliz de que você tenha deixado as almofadas, mas esse quadro que colocou na parede me parece horrível.

— Eu coloco os quadros que quiser, onde quiser, e, gostaria de me deitar, assim, se você não quiser me dizer quem é você, não diga, mas vá embora para sua casa!

— Estou na minha casa! Bem, eu estava... Tudo isso é tão confuso...

Arthur balançou a cabeça. Ele havia alugado o apartamento dez dias atrás .

— Sim, eu sei, você é meu inquilino *post mortem*. A situação é chocante.

— Você não sabe o que diz. A proprietária é uma senhora de 70 anos.

Ademais, o que significa "*inquilino post mortem*"?

— Não acharia graça se o ouvisse. Tem 62 anos, é minha mãe, e em minha atual situação, é minha tutora legal. Eu sou a verdadeira proprietária.

— Você tem uma tutora legal?

— Sim. Dadas as circunstâncias, no momento atual tenho muitas dificuldades em assinar papéis.

— Você recebe tratamento em um hospital?

— Sim, é o mínimo que se pode dizer.

— Devem estar muito preocupados. Qual hospital? Vou acompanhá-la.

— Ouça... acaso você me toma por uma louca que escapou de um manicômio?

— Não, claro que não!

— Porque depois de chamar-me de puta, já é demasiado para um primeiro encontro.

Ele pouco se importava se ela era uma garota de programa ou uma louca.

Estava muito cansado e queria dormir, simplesmente. Ela não se moveu e continuou com seu questionário.

— Como você me vê?

— Não entendo a pergunta...

— Como sou? Eu não consigo me ver nos espelhos. Como você me vê?

— Perturbada, muito perturbada - disse ele, impassível...

— Quero dizer, fisicamente...

Arthur duvidou. A descreveu como uma morena alta, de olhos bem grandes, boca bonita, semblante doce, que contrastava totalmente com seu comportamento e mãos grandes que se moviam com delicadeza.

— Se lhe tivesse pedido que descrevesse uma estação de metrô, me teria dado todas as correspondências?

— Perdão, mas não estou entendendo...

— Você sempre descreve as mulheres com tanta precisão??

— Como você entrou? Tem uma cópia das chaves.

— Não as necessito... É tão incrível que você me veja!!

Insistiu de novo. Para ela era um milagre que a vissem. Disse-lhe que devia ser bonita, pela forma como ele a descrevera e o convidou a sentar-se ao seu lado..

— O que vou dizer-lhe é difícil de entender, é quase impossível, mas se você tiver a bondade de escutar minha história, se tiver a bondade de confiar em mim, então, talvez, termine por acreditar e é muito importante, porque você é, sem que o saiba, a única pessoa do mundo com a qual posso dividir este segredo.

Arthur se deu conta de que não tinha opção, de que teria que escutar o que a moça queria dizer-lhe, mesmo que seu único desejo

fosse dormir, naquele momento. Sentou-se junto a ela e escutou a coisa mais incrível que já tinha ouvido em sua vida.

Chamava-se Lauren Kline, afirmava ser médica residente e que seis meses atrás tinha sofrido um gravíssimo acidente de carro.

— Estou em coma desde então. Não, não pense nada. Deixe-me contar-lhe.

Não se recordava de nada sobre o acidente. Havia recobrado a consciência na sala de recuperação, depois que a tinham operado. Experimentava sensações estranhas, ouvia tudo o que falavam ao seu redor, mas não podia se mover nem falar. Inicialmente, pensou que fosse o efeito da anestesia.

— Estava equivocada. Passaram-se horas e eu não conseguia despertar fisicamente.

Continuava percebendo tudo, mas, era incapaz de comunicar-se com o exterior. Então, dominara-a um medo terrível ao pensar durante vários dias que estava tetraplégica.

— Você não imagine o que passei. Prisioneira de meu próprio corpo.

Havia desejado com todas suas forças morrer, mas era impossível, quando não se podia levantar sequer o dedo mindinho. Sua mãe estava à cabeceira da cama. Suplicava-lhe, mentalmente, que a asfixiasse com o travesseiro. Depois, havia entrado um médico na UTI e havia reconhecido a voz dele. Era seu professor. A Sra. Kline havia lhe perguntado se sua filha poderia ouvir o que falassem, ao que Fernstein respondeu que não sabia, porém, alguns estudos demonstravam que pessoas naquela situação, percebiam sinais do exterior, e assim, seria conveniente ter cuidado com as palavras que pronunciassem perto dela.

— Mamãe queria saber se algum dia eu voltaria a mim.

Ele contestara em tom sereno que também não sabia, que deveria manter uma dose certa de esperança, que alguns doentes haviam recobrado a consciência depois de vários meses, que era muito difícil, mas acontecia. “Tudo é possível” — havia dito — . Não somos deuses, não sabemos tudo. — E, acrescentara: “O coma profundo é um mistério para a medicina.”

Paradoxalmente, ela se sentia aliviada: seu corpo estava intacto. O diagnóstico não era mais tranquilizador, mas tampouco era definitivo — A tetraplegia é irreversível — acrescentou Lauren — . Nos casos de coma profundo sempre há uma esperança, ainda que seja mínima..

As semanas haviam transcorrido lentamente, cada vez mais lentamente. Ela as vivia recolhida em suas lembranças e pensando em outros lugares. Uma noite, pensando na vida que corria do outro lado da porta de seu quarto, imaginara o corredor, com as enfermeiras carregando históricos clínicos ou empurrando um carrinho, em seus colegas indo e vindo de um quarto a outro.

— E, então, aconteceu pela primeira vez: encontrei-me no meio desse corredor no qual pensava com tanta intensidade. No princípio, achei que fosse a imaginação pregando-me uma peça, pois conheço bem o lugar. É o Hospital onde trabalhava. Mas a situação era constrangedora de tão real que era. Via o pessoal trabalhando ao meu redor. Betty abria um armário, retirava compressas e voltava a fechá-lo. Stephan passava balançando a cabeça. Tem um tic nervoso, e frequentemente o faz.

Tinha ouvido as portas do elevador, percebido o odor das comidas que levavam ao pessoal de plantão. Ninguém a via; as pessoas passavam ao seu lado sem sequer tentar esquivar-se, totalmente alheias à sua presença. Logo se sentira cansada e regressara ao seu corpo.

Durante os dias seguintes, aprendeu a percorrer o hospital. Pensava no restaurante, e, um instante depois ali se encontrava; pensava na sala de emergências e ali estava. Depois de três meses exercitando-se, havia conseguido deixar o hospital. Compartilhara momentos com um par de franceses em um de seus restaurantes favoritos, assistira meia película em um cinema, e passara algumas horas na casa de sua mãe.

— Mas, essa experiência não repetiu. Era-me muito penoso estar ao seu lado, sem poder comunicar-me com ela.

Ademais, Kali percebia sua presença e começava a dar voltas ao redor, ganindo; pensavam que a pobrezinha estava louca. Havia ido

ali porque no final de contas era sua casa, e, assim, o lugar onde melhor se encontrava.

— Vivo em uma absoluta solidão. Você não imagina o que é não poder falar com ninguém, ser totalmente transparente, não existir mais na vida das pessoas.

Assim, poderá compreender minha surpresa e excitação quando você falou comigo esta noite, no armário, e me contou que me via. Não sei o motivo, mas, do modo que me tem sido penoso, poderia ficar falando com você durante horas. Preciso tanto falar! Tenho centenas de frases guardadas.

O frenesi de palavras mudou para um instante de silêncio. Lágrimas vieram a seus olhos. Olhou Arthur. Passou a mão por uma mecha e por baixo do nariz.

— Você deve pensar que estou louca.

Arthur havia se acalmado, impressionado pela emoção da moça, atônito com a profundidade do relato que acabara de ouvir.

— Não. Tudo isto é muito... como diria??!! Inquietante, surpreendente, insólito. Não sei o que dizer. Quisera poder ajudá-la, mas não sei como.

— Deixe que eu fique aqui. Ficarei quieta, não o incomodarei.

— Você realmente acredita em tudo o que acaba de me contar?

— Você não acreditou em uma palavra sequer do que eu contei, não é verdade? Está se dizendo que tem a sua frente uma garota completamente desequilibrada, sem nenhuma possibilidade.

Ele pediu-lhe que ela se pusesse em seu lugar. Se ela tivesse encontrado, à meia noite, um homem escondido no armário de sua casa, fortemente

emocionado, tentando explicar-lhe que era uma espécie de fantasma em coma...

o que haveria de pensar e qual teria sido sua reação?

A jovem esboçou um sorriso, com o rosto mais sereno, e acabou por confessar-lhe que ficaria "assustada", sem dúvida teria gritado; admitiu que haviam circunstâncias atenuantes, fato que fê-lo agradecer.

— acredite-me, Arthur, eu lhe imploro! Ninguém poderia inventar uma história assim.

— Eu suponho que sim. Meu sócio é capaz de idealizar algo deste calibre.

— Isto não é nenhum trote de seu sócio. Esqueça-o!

Quando Arthur lhe perguntou como sabia seu nome de batismo, Lauren disse-lhe que já ali muito antes dele ter se mudado. Tinha-o visto visitar o apto.

E assinar o contrato com o corretor de imóveis, na mesa da cozinha. Também ali se encontrava quando chegaram as caixas e quando ele arrebentara o selo aéreo, ao desembulhar tudo. Para ser sincera, achara muita graça. Também o tinha visto colocar aquele insípido quadro em cima da cama.

— Você é um pouco maníaco. Trocar vinte vezes o lugar do sofá, para acabar colocando-o no único em que fica bem... Era tão evidente, que ficava angustiada para dizê-lo. Estou aqui com você desde o primeiro dia. Tenho estado todo o tempo.

— Também está quando tomo banho e quando estou na cama?

— Não sou uma curiosa. Se bem que..., bem, reconheço que você não está ruim de tudo.

Arthur franziu o cenho. A garota era muito convincente ou, estava muito convencida, mas ela tinha a impressão de estar dando voltas no mesmo lugar; aquela história não tinha sentido. Se ela queria acreditar, era coisa dela; ele não tinha qualquer motivo para tentar demonstrar-lhe o contrário, não era seu psiquiatra. O que ele queria era dormir e, para consegui-lo, ofereceu-lhe alojamento por uma noite; ele dormiria no sofá da sala "que tanto demorara a arrumar" e lhe cederia o dormitório. No dia seguinte, ela voltaria à sua casa, ao hospital, a onde quisesse, e suas vidas seguiriam caminhos distintos. Mas Lauren não estava de acordo. Plantou-se diante dele, semblante fechado, absolutamente decidida a fazer-se ouvir, respirou fundo e enumerou uma surpreendente série de coisas que ele tinha feito durante os últimos dias.

Reproduziu uma conversa telefônica que ele tivera com Carol-Ann, dois dias antes, às 11 da noite. Ela contou, depois que ele lhe dera uma lição de moral, bastante racional, sobre as razões pelas quais não queria mais ouvir suas histórias.

— “Creia-me!” — Fê-lo lembrar-se dos copos que havia sujado enquanto esvaziava as caixas. “Creia-me!” lembrou-lhe que havia acordado tarde e que se havia queimado com a água do chuveiro; “creia-me!” Assim como o tempo que passava buscando as chaves do carro, chateado consigo mesmo. — Creia-me de uma vez por todas”. Para ele, a verdade, parecia ser muito incerta, pois estavam na pequena mesa da entrada. A companhia telefônica havia ido quarta-feira às cinco da tarde e o havia feito esperar meia hora. E ele havia comido um sanduíche de patê, havia manchado seu paletó e havia se trocado antes de sair.

— Agora você acredita em mim?

— Você ficou vários dias me espionando. Por quê?

— Veja, isto não é Watergate! A casa não está cheia de câmaras e microfones!

— E por que não? Seria mais coerente do que sua história, eu suponho.

— Pegue as chaves do carro!

— Para ir aonde??

— Ao hospital. Vou levá-lo para que me veja.

— Só me faltava isso. É quase uma da manhã e vou ao hospital, que está do outro lado da cidade, e pedir às enfermeiras de plantão que tenham a bondade de levar-me com urgência ao quarto de uma mulher que conheço porque seu fantasma está em meu apartamento, que eu gostaria de dormir, mas que ela é cabeça dura e que só me deixará em paz se eu a vir no quarto...

— Você vê outra??

— Outra o quê?

— Outra maneira. Não vai me dizer que você vai conseguir dormir...

— Mas o que eu fiz para que Deus me castigue desta maneira?

— Você não acredita em Deus. Você o disse ao seu sócio quando falavam de um contrato “Paul, eu não creio em Deus. Se tal negócio correr bem, será porque somos os melhores, e se correr mal, teremos que fazer uma autocrítica e tomar outras decisões.” Muito bem, pois dedique cinco minutos a fazer uma autocrítica, é tudo o

que eu lhe peço. Acredite-me! Preciso de você... Você é a única pessoa...

Arthur pegou o telefone e discou o número de seu sócio.

— Acordei você??

— Não, que bobagem! É uma hora da manhã, e, eu estava esperando que você me chamasse para me acordar — replicou Paul.

— Eu tinha que chamá-lo?

— Não, você não tinha que me chamar... e assim, você me acordou. O que você quer a essa hora?

— Passá-lo para falar com alguém e dizer-lhe que seus trotes são cada vez mais estúpidos.

Arthur estendeu o telefone para Lauren e pediu para que ela falasse com seu sócio. Ela não podia pegar o telefone; explicou que não podia segurar qualquer objeto. Paul que estava ficando impaciente, perguntou, do outro lado da linha, quem falava. Arthur sorriu, vitorioso, “mãos livres” do aparelho..

— Você me ouve, Paul??

— Claro que a ouço. O que você pensa? Eu gostaria de dormir.

— Eu também. Fique calado um segundo. Fala com ele, Lauren, fala com ele agora.

Ela encolheu os ombros.

— Sim, se empenhe... Alô, Paul, com certeza você não me ouve, mas seu sócio não acredita em mim..

— Bem, Arthur, se você me telefonou para nada dizer, eu tenho que dizer-lhe uma coisa: é muito tarde!

— Responda.

— A quem?

— À pessoa que acaba de falar com você.

— A pessoa que acaba de falar comigo é você e estou respondendo.

— Você não ouviu alguém mais?

— Ouvi, Joana D’Arc. Você está estressado?

Lauren o fitava com compaixão.

Arthur meneou a cabeça. De toda forma, só poderiam estar de conchavo.

Paul não cederia assim. Ouviram a voz de Paul, elevar-se, perguntando de novo com quem falava. Arthur pediu-lhe que se esquecesse de tudo, e, se desculpou por tê-lo chamado tão tarde. Paul quis saber se estava tudo bem, se precisava que fosse até sua casa. Ele o tranqüilizou; tudo estava bem, e, agradecia seu interesse.

— Por nada, amigo, você pode acordar-me quando quiser dizer asneiras. Não deixe de fazê-lo, pois afinal somos sócios para o bem e para o mal. Assim, quando algo estiver ruim, acorda-me e o dividiremos. Bem, posso continuar dormindo ou tem algo mais?

— Boa noite, Paul. E, desligaram.

— Vá comigo ao hospital. Já podíamos estar lá.

— Não, não a acompanharei. Cruzar esta porta, seria dar crédito à mirabolante história que você me contou. Estou cansado, senhorita, e quero dormir, assim que você for para o dormitório, e, eu ficarei no sofá da sala; caso não queira, vá embora. É minha última oferta.

— Pois bem. Encontrei alguém mais cabeça dura do que eu. Vá para o dormitório. Eu não preciso de cama.

— Você fará o quê?

— O que mais você me oferece?!

— Pois você não me dá nada...

— Ficarei no salão...

— Até amanhã de manhã, e logo..

— Sim, até amanhã de manhã. Agradeço sua hospitalidade.

— Você não virá olhar-me onde estou, certo?

— Como você não acredita em mim, não precisa mais trancar a porta. Se é porque dorme nu, eu já vi de sobra.

— Você é uma abelhuda.

— Acredite-me! Eu não o era!

Ela recordou-lhe que algum tempo antes, no banheiro, ele não fazia caso dela ser uma abelhuda, sem estar completamente cega para vê-lo sem roupas. Ele ficou vermelho como um tomate e lhe deu boa noite.

— Boa noite, Arthr, que você tenha sonhos felizes.

Arthur foi para o quarto e fechou a porta.

— Está como uma cabra — resmungou — É uma história louca.

Caiu na cama. Os números verdes do rádio-despertador marcavam uma e meia. Os viu passar até duas horas e onze minutos. Levantou-se de um salto, colocou uma camisa de jersey, jeans e calçados e saiu para o salão. Lauren estava sentada com as pernas cruzadas junto à janela.

— Gosto dessa vista — disse, sem voltar-se quando ele entrou.

— Foi o que me fez me enamorar deste apto. Gosto de olhar o poente; no verão gosto de abrir a janela e ouvir as sirenas dos navios. Sempre sonhei contar quantas ondas romperam contra seu casco, antes de cruzar *Golden Gate*.

— Bem, vamos — disse ele por resposta...

— De verdade? Por que você se decidiu finalmente?

— Fiquei pensando, assim que tentei dormir, mais vale solucionar o assunto nesta mesma noite, porque amanhã cedo tenho uma reunião importante ao meio-dia e devo tentar dormir pelo menos duas horas, de modo que vamos agora.

— Tá bom. Já me reunirei a você.

— Onde?

— Eu digo que reunirei a você. Confie um pouco em mim, ainda que seja somente por dois minutos.

Para Arthur parecia, que tendo em vista a situação, já estava confiando demasiadamente nela. Antes de sair, tornou a perguntar seu sobrenome. Ela o disse, assim como o local e o número do quarto onde estava. 505. Acrescentou que era fácil decorar porque era palíndromo. Para ele nada parecia fácil, do que o esperava. Arthur fechou a porta atrás de si, desceu a escada e entrou no estacionamento. Lauren já estava dentro do carro, sentada atrás.

— Não sei como você faz isso, mas é impressionante. Olhe, você não é uma aluna de Houdini!!

— De quem?

— Houdini, um ilusionista.

— Você está muito informado.

— Passe para frente. Não gosto de ser chofer.

— Tenha um pouco de tolerância. Já lhe disse que não tenho precisão suficiente, e, depois, o assento posterior não está tão ruim; havia podido fechar o capô, apesar de ter me concentrado no interior do carro. Asseguro-lhe que estou fazendo muitos progressos, e, cada vez mais depressa.

Lauren sentou-se ao seu lado e permaneceram em silêncio. Ela olhava pela janela, enquanto Arthur dirigia pelas ruas escuras. Ele perguntou como deveria proceder quando chegassem ao hospital. Ela disse que ele poderia se passar por um primo do México que acabara de inteirar-se da notícia e que havia dirigido durante todo o dia e noite. Tomaria um avião para a Inglaterra às primeiras horas, e não voltaria antes de seis meses; daí, a necessidade imperiosa de quebrarem as regras, dando-lhe permissão para ver sua querida prima, apesar de ser tão tarde. Ele não acreditava que tivesse aparência de sul-americano e que acreditassem nele. Ela o achou muito negativo e sugeriu que se fosse assim, para voltarem no dia seguinte. Não deveria preocupar-se. Era, mais a imaginação dela que o preocupava. O veículo entrou no recinto do complexo hospital. Ela pediu que virasse à direita e que tomasse a segunda rua à esquerda; logo, indicou que estacionasse atrás da coluna. Uma vez estacionado o carro, ela assinalou com um dedo o timbre de chamada, advertindo-o que não tocasse muito, porque os enervava.

— A quem? — perguntou Arthur.

— Às enfermeiras, que quase sempre chegam desde a outra ponta do corredor. Venha, desperte!!

— Eu queria!

Capítulo 5

Arthur saiu do automóvel e tocou a campainha brevemente. Atendeu a chamada uma mulher baixa, com olhos borrados pela maquilagem. Entreabriu a porta e perguntou o que ele queria. Ele contou o melhor que pode sua história. A enfermeira informou que havia um regulamento, que se havia era para ser cumprido, e, que o que tinha a fazer era retardar sua viagem e voltar no dia seguinte.

Ele suplicou, pediu uma exceção para a regra, dispunha-se a resignar-se, com lágrimas nos olhos, e, então, viu que a enfermeira cedia e olhava o relógio.

— Tenho que fazer a ronda — disse — . Siga-me, sem fazer um só ruído, nem toque em nada, e, dentro de 15 minutos quero que saia.

Arthur pegou sua mão e a beijou em forma de agradecimento.

— São todos assim no México? Perguntou a mulher, sorrindo.

Deixou-o entrar no pavilhão, convidando-o a acompanhá-la.

Dirigiram-se ao elevadores e foram direto para o quinto andar.

— Vou levá-lo ao quarto, farei a ronda e voltarei para buscá-lo. Não toque em nada.

Empurrou a porta do 505. O quarto estava escurecido pela penumbra.

Estendida na cama, iluminada por uma luz Tênuê, havia uma mulher que parecia profundamente adormecida. Desde a entrada, Arthur não podia distinguir seus traços.

— Deixarei aberto — disse a enfermeira em voz baixa — . Entre, ela não acordará, mas tome cuidado com o que você vai dizer perto dela. Com os pacientes em coma, nunca se sabe. De qualquer modo, é isto o que dizem os médicos. O que eu digo é outra coisa.

Arthur entrou sigilosamente. Lauren estava de pé, junto à janela e pediu-lhe que se aproximasse.

— Venha, homem, não vou mordê-lo.

Ele não parava de se perguntar o que fazia ali. Aproximou-se da cama e abaixou os olhos. A coincidência era surpreendente. A

mulher inerte estava mais pálida que sua dublê, que sorria para ele, mas apesar de tal detalhe, as feições eram idênticas

— Impossível!! São irmãs gêmeas? — perguntou Arthur, dando um passo atrás.

— Você é desesperador. Não tenho qualquer irmã. Sou eu, estendida aí, sou eu mesma. Ajuda-me e tente admitir o inadmissível. Não há qualquer dúvida e você não está dormindo. Arthur, só tenho você, há de acreditar em mim, não pode dar-me as costas. Necessito de sua ajuda; você é a única pessoa do mundo com quem posso falar, fazem meses, o único ser humano que percebe minha presença e me vê.

— Por que eu?

— Não tenho a menor idéia. Em tudo isso, não existe nada coerente.

— “Tudo isso” é muito estranho.

— Você acredita que eu não tenho medo?

Sim, tinha medo para dar e vender. Era seu próprio corpo, que via emagrecer um pouco mais a cada dia, como um vegetal, estendido com uma sonda urinária e uma perfuração para ser alimentado. Não tinha qualquer resposta para as perguntas que ele fazia e que ela também se fazia todos os dias, desde o acidente.

— Tenho tantas perguntas que você sequer pode imaginar.

Com um triste olhar, o fez participar de suas dúvidas e medos.

Quanto tempo duraria este enigma? Poderia voltar a levar a vida de uma mulher normal ainda que somente por alguns dias, caminhar, estreitar em seus braços as pessoas queridas? Para que servia ter dedicado tantos anos a estudar medicina, se fosse para terminar assim? Quantos dias faltavam até que seu coração falhasse? Se via morrendo e tinha medo.

— Sou um fantasma humano, Arthur.

Ele baixou o olhar, evitando o seu.

— Para morrer tem que ir-se, e você está aqui. Venha, voltemos para casa, estou cansado e você também.

Passou um braço por seus ombros e a estreitou contra si, como para consolá-la. Ao virar-se, encontrou-se cara a cara com a enfermeira, que o olhava inquieta.

— Você teve uma câimbra?

— Não. Por quê?

— Seu braço está levantado e a mão fechada. Não é uma câibra?

Arthur soltou Lauren, imediatamente, e deixou cair o braço ao longo do corpo.

— Você não a vê? — perguntou à enfermeira.

— Não vejo quem??

— Não, a ninguém!

— Você quer descansar um pouco antes de partir? Noto que você está cansado.

A enfermeira quis animá-lo: aquela situação sempre impressionava, era normal, e, depois, passaria a impressão. Arthur contestou, falando muito lentamente, como se tivesse perdido as palavras e as buscasse.

— Não, estou bem, já vou.

Ela, preocupada, perguntou-lhe se encontraria o caminho. Ele a tranqüilizou: a saída estava no final do corredor.

— Então, vou deixá-lo aqui. Tenho trabalho no quarto ao lado.

Trocar os lençóis; um pequeno acidente

Arthur se despediu e caminhou pelo corredor. A enfermeira o viu levantar o braço, novamente, até deixá-lo na posição horizontal, suspenso.

— Acredito em você, Lauren, eu acredito...

Franziu as sobrancelhas e entrou no quarto contíguo. “Está claro que afeta muito algumas pessoas.” Arthur e Lauren pegaram o elevador. Ele olhava para baixo e nada dizia; tampouco ela. Saíram do hospital. Na baía, soprava um vento norte que tinha trazido consigo uma chuva fina e penetrante. Fazia um tempo ruim. Ele levantou o capuz do agasalho para proteger-se do frio e abriu a porta para Lauren

— Vamos nos esquecer dos efeitos de atravessar paredes e colocar as coisas em seus lugares, por favor.

Lauren entrou normalmente no carro e sorriu para ele.

Regressaram sem pronunciar palavra. Arthur ia concentrado na direção: Lauren olhava as nuvens pela janela. Quando chegaram à

porta da casa, ela começou a falar do medo, sem tirar o olhar do céu.

— Eu gostava muito das noites, pelos seus silêncios, suas silhuetas sem sombras, as coisas que não podemos ver durante o dia. Como se dois mundos compartilhassem a mesma cidade, sem se conhecerem, sem a existência um do outro. Muitos seres humanos aparecem ao por do sol e desaparecem ao amanhecer. Não se sabe onde vão. Nós, do hospital, éramos os únicos que os podíamos conhecer.

— É uma história louca, reconheço. Difícil de se crer.

— Sim, mas nem por isso vamos ficar aqui e passarmos o resto da noite repetindo.

— Pois, para o que cai a noite...

— Estacione. Eu o esperarei lá em cima.

Arthur deixou o carro na rua para não acordar os vizinhos com o ruído da porta da garage. Subiu as escadas e entrou. Lauren estava sentada no meio do salão, com as pernas cruzadas.

— Você queria ir para o sofá? — perguntou ele, brincando.

— Não, queria ir para a almofada e estou justamente em cima dela.

— Mentirosa. Estou certo de que você olhava o sofá.

— Eu o digo: queria sentar-me na almofada.

— Você é má perdedora.

— Queria preparar-lhe um chá, mas... Deveria deitar-se, restam poucas horas para dormir.

Ele perguntou-lhe sobre as circunstâncias do acidente. Ela falou sobre os caprichos do "velho inglês", o Triumph, ao qual tinha tanto apego, do fim de semana em *Carmel* no princípio do verão passado que havia terminado em *Union Square*. Não sabia o que tinha ocorrido.

— E seu noivo?

— Meu noivo?

— Ia encontrar-se com ele?

— Mude a pergunta — disse Lauren sorrindo. — O que deve perguntar é: "Você tem um noivo?"

— Você tinha um noivo? — repetiu Arthur.

— Obrigada pelo verbo no passado. Antes ou depois, tinha que acontecer.

— Você não me respondeu...

— Isto importa, na verdade?

— Não, o certo é que não sei porque me meto neste caso.

Arthur girou sobre os calcanhares e dirigiu-se ao dormitório.

Novamente, convidou Lauren a descansar na cama: ele ficaria na sala. Ela agradeceu seu cavalheirismo, mas disse que estaria muito bem no sofá. Ele deitou-se. Estava demasiadamente cansado para pensar em todo o que tinha acontecido durante a noite; fariam no dia seguinte. Antes de fechar a porta, desejou-lhe boa-noite. Então, ela pediu um último favor.

— Você se importaria de me beijar na face?

Arthur inclinou a cabeça, desconcertado.

— Você, está com cara de um menino de dez anos. Somente lhe pedi que desse um beijo na face. Há seis meses, ninguém me toma nos braços.

Ele voltou-se, aproximou-se de Lauren, pegou-a pelos ombros e a beijou nas faces. Ela apoiou a cabeça em seu peito. Arthur sentiu-se confuso. Passou os braços ao redor de suas magras ancas e Lauren descansou o rosto em seu ombro.

— Obrigada, Arthur, obrigada por tudo. Vá dormir, você deve estar esgotado.

Eu o despertarei logo.

Ele foi para o dormitório, tirou a camiseta e a camisa, deixou os jeans sobre a cadeira e entrou embaixo do edredom. O sono o invadiu em poucos minutos.

Quando estava profundamente adormecido, Lauren, que havia permanecido no salão, fechou os olhos, concentrou-se e aterrizou em precário equilíbrio sobre um braço da poltrona, em frente à cama. O rosto de Arthur estava sereno, com um sorriso nos lábios. Ficou observando-o vários minutos, até que ela também foi tomada pelo sono. Era a primeira vez que dormia desde o acidente.

Quando despertou, às 10h, ele continuava dormindo profundamente.

— Caramba! — exclamou. Sentou-se perto da cama e o chamou:
- Acorda, é muito tarde.

Ele deu meia volta.

— Carol-Ann, não tão alto... — resmungou.

— Que amável, mas que amável! Vamos, desperte, não sou Carol-Ann e são 10h05.

Arthur descerrou os olhos pouco a pouco; logo os abriu e sentou-se na cama...

— A comparação é decepcionante? Perguntou.

— Você está aqui. Então, não foi um sonho?

— Você poderia ter evitado fazer essa pergunta, o fato é claro. Deveria apressar-se, são mais de 10 horas.

— Como? — ele gritou - “Você não ia me acordar?”

— Não estou surda, não sou Carol-Ann... Sinto muito, eu dormi. Não havia dormido desde que estou no hospital e esperava comemorar com você, mas vejo que você não está com bom humor. Vá se arrumar.

— Olhe, não precisa utilizar este tom de troça. Arruinou minha noite e agora quer me ferir de manhã. Faça-me o favor!

— Estou vendo que você é muito amável pela manhã - disse Lauren em tom irônico — , mas é certo que gosto mais quando você está dormindo.

— Você está me fazendo uma cena?

— Não fique remoendo e vá se vestir; de qualquer modo, eu serei a culpada por você se atrasar.

— Mas é claro que a culpa é sua, e, se você não se importa, faça a gentileza de sair, porque estou nu.

— Agora se tornou pudico??

Ele disse que detestava uma cena matrimonial, nada além disso, levantou-se e terminou a frase de modo infeliz “porque sim... não”

— “Sim não” são duas palavras que quase sempre são demais!! Ela o espetou, antes de desejar-lhe, em tom azedo que tivesse um bom dia, e, desaparecer subitamente.

Arthur olhou ao redor, duvidou uns instantes, e logo disse: — Lauren?... Tá bom, eu sei que você está aqui.

Não obteve resposta e se sentiu decepcionado. Tomou uma ducha rápida. Ao sair, repetiu o exercício do armário, e, diante da ausência de reação, colocou uma roupa. Teve que refazer três vezes o nó da gravata — Que lento estou hoje! — resmungou.

Uma vez vestido, foi à cozinha, revolveu os objetos à procura das chaves, mas elas estavam num bolso. Saiu apressadamente de casa, deteve-se, deu meia volta e abriu a porta de novo.

— Lauren, você ainda não voltou?

Depois de uns segundos de silêncio, trancou a porta. Foi diretamente até o estacionamento pela escada interior, procurou o carro, recordou-se que o havia deixado do lado de fora, tornou a percorrer o corredor, e, finalmente chegou ao carro. Ao levantar os olhos, viu seu vizinho que o olhava, perplexo. Dirigiu-lhe um sorriso forçado, introduziu a chave na porta do veículo, sentou-se ao volante, colocou-o em marcha e saiu em disparado.

Quando chegou ao estúdio, seu sócio, que estava no hall, meneou várias vezes a cabeça ao vê-lo e fez uma careta.

— Creio que você devesse tirar alguns dias de férias — disse.

— Ocupe-se de sua vida e não me estrague a manhã, Paul.

— Veja, que amável!

— Você não irá começar também!!!

— Você tem visto Carol-Ann?

— Não, não a tenho visto. Eu terminei com ela, você sabe perfeitamente.

— Para você estar desse jeito, só há duas explicações: ou Carol-Ann, ou uma nova.

— Não, não há nenhuma nova. E, afaste-se, que estou atrasado.

— Não sem antes que você confesse; são somente onze menos um quarto.

Como se chama?

— Quem?

— Você já viu seu rosto?

— O que há com ele??

— Você parece ter passado a noite em um carro de combate;

Vamos, conte-me tudo logo!

— Mas, se nada tenho para contar....

— E sua chamada de ontem à noite, com todas as asneiras...? Com quem você estava? Arthur olhou para seu sócio, desafiador.

— Veja, à noite, comi uma coisa que não me caiu bem, apenas dormi e tive um pesadelo. Por favor, não estou com bom humor. Assim, deixe-me passar, está muito tarde.

Paul se afastou, mas quando Arthur passou ao seu lado, colocou uma mão em seu ombro.

— Sou seu amigo, verdade?— Arthur voltou-se e ele acrescentou: - se você tivesse algum problema iria contá-lo para mim?

— Mas, posso saber o que há com você? Eu dormi mal esta noite, é tudo. Não precisa fazer uma montanha com um grão de areia.

— Vai, vai.. A reunião é à uma hora no Cais Hyatt. Se você quiser, iremos juntos; depois, voltarei ao estúdio.

— Não, eu irei em meu carro. Depois, tenho um encontro.

— Como você quiser.

Arthur entrou em seu escritório, puxou a cadeira e sentou-se. Depois, chamou sua secretária, pediu-lhe um café, girou a poltrona até ficar de frente para a janela, inclinou-se para trás e pôs-se a pensar.

Alguns instantes mais tarde, Maureen entrou com os papéis para serem despachados, com uma caneta em uma mão, e uma travessa com um *donut* e uma xícara na outra. Deixou a bebida quente em um canto da mesa.

— Coloquei leite, porque pensei que fosse seu primeiro café da manhã.

— Obrigado. Maureen, como está meu rosto?

— Parece dizer: "Eu ainda não tomei o café da manhã."

— Tem algumas mensagens. Relaxe, não há nada urgente.

Deixou-lhe algumas cartas para assinar.

— "Você está bem?"

— Sim. Só estou cansado.

Nesse mesmo instante, Lauren apareceu no escritório, esquivando-se pelos cantos da mesa, e, desaparecendo

imediatamente do campo de visão de Arthur, ao cair sobre o tapete. Este se levantou de um salto.

— Você se machucou?

— Não, não, estou bem — disse Lauren.

— Por que iria me machucar, perguntou Mauren.

— Não. Você não, disse Arthur.

Maureen deu uma olhada no escritório.

— Não somos muitos aqui...

— Pensava em voz alta.

— Pensava em voz alta que eu tivesse me machucado?

— Não, estava pensando em outra pessoa e me expressei em voz alta; nunca aconteceu com você?

Lauren havia se sentado com as pernas cruzados, num canto da mesa e decidiu repreender Arthur.

— Não precisa me comparar a um pesadelo!

— Mas, eu não a chamei de pesadelo...

— Só faltava isso — entrevistou Maureen. Você não encontrará pesadelos que preparem café, pode ficar seguro...

— Maureen, não estou falando com você!!

— Há um fantasma aqui ou padeço de uma cegueira parcial e estou perdendo alguma coisa?

— Perdão, Maureen, isso é ridículo, eu sou ridículo... Estou esgotado e falo em voz alta; tenho a cabeça em outro lugar...

Maureen perguntou-lhe se havia ouvido falar em depressão causada pelo estresse.

— Você sabe que precisa ser diagnosticada quando aparecem os primeiros sintomas? Do contrário, poderá levar meses para ficar bom.

— Maureen, eu não tenho nenhuma depressão causada por estresse. Passei uma noite ruim, é tudo.

— Tá vendo? Interveio Lauren — Noite ruim, pesadelo...

— Basta, por favor, isto não pode ser, dê-me um minuto.

— Mas eu nada falei! — replicou Maureen.

— Maureen, deixa-me só, tenho que me concentrar. Farei um pouco de relaxamento.

— Vai fazer relaxamento? Você me preocupa, Arthur! Preocupa-me muito!

— Você não tem porque se preocupar. Eu estou bem.

Implorou-lhe que o deixasse só e que não lhe passasse qualquer chamada; precisava de tranqüilidade. Maureen saiu do escritório e fechou a porta. No corredor, cruzou com Paul e disse que gostaria de falar com ele, um momento, em particular.

Uma vez sozinho, Arthur olhou para Lauren.

— Você não pode aparecer assim, de improviso. Vai me colocar em situações comprometedoras.

— Queria me desculpar por tudo desta manhã. Eu estava insuportável.

— A culpa foi minha. Estava com um humor canino.

— Não vamos ficar nos desculpando. Precisava falar com você.

Paul entrou sem se anunciar.

— Posso dizer-lhe duas palavras?

— É o que você está fazendo.

— Acabo de falar com Maureen O que se passa com você?

— Você pode deixar-me em paz?? Se alguém, um dia, chega atrasado e cansado, não é motivo para diagnosticar uma depressão..

— Eu não disse que você está com depressão.

— Não, mas Maureen me deu a entender. Quando cheguei, de manhã com cara de alucinação.

— De alucinação não, de alucinado.

— É que estou alucinado, rapaz...

— Por quê? Você conheceu alguém?

Arthur abriu os braços e fez um sinal afirmativo com expressão agitada.

— Você vê como não dá para me ocultar nada? Eu estava certo. Eu a conheço?

— Não; é impossível.

— Bem, conte-me. Quem é? Quando você a conheceu?

— Vai ser complicado... porque é um espectro. Em meu apartamento tem uma aparição, descobri à noite, casualmente. Trata-se de uma mulher fantasma que mora no armário de minha casa. Passei a noite com ela, mas tudo foi muito puro, você não vai

acreditar...como fantasma é muito bonita, mas... –imitou um monstro — . Não, é sério, é realmente uma aparição belíssima... Ainda que, pensando bem, não seja uma aparição, porque não chegou a ir embora... Enfim, você vê mais claramente agora?

Paul dirigiu a seu amigo um olhar compassivo.

— Está bem, vou levá-lo a um médico.

— Nada de médicos, Paul, estou perfeito. — E, dirigindo-se a Lauren, acrescentou: — Não vai ser fácil.

— O que não vai ser fácil? Perguntou Paul.

— Não falava com você...

— Tá bom, você falava com o fantasma. Ele está aqui neste escritório? Arthur o lembrou que se tratava de uma mulher e informou-lhe que ela estava sentada ao seu lado, na quina da mesa. Paul o olhou, pensativo, e passou, lentamente, a palma da mão em toda a mesa de seu sócio.

— Olhe, já sei que muitas vezes você ficou zangado com minhas brincadeiras, Arthur. Pois, agora, você é quem está me assustando. Você não está se vendo, mas está com cara amassada.

— Estou cansado, dormi pouco, e seguramente tenho o semblante ruim, mas por dentro estou em plena forma. Asseguro a você que nada está mal comigo.

— Nada por dentro? Porque por fora, você está feito um polvo. Que tal dos lados?

— Paul, deixe-me trabalhar. Você é meu amigo, não meu psiquiatra. Além do que, não tenho psiquiatra; não preciso de um.

Paul pediu-lhe que não fosse à reunião que teriam mais tarde, para assinar um contrato. Conseguiria que a adiassem.

— Creio que você não se dá conta do seu estado. Você está dando medo.

Arthur levantou-se, chateado, pegou a carteira e foi em direção à porta.

— Certo, eu dou medo, tenho cara de alucinado, portanto vou para casa.

Afaste-se! Deixe-me sair! Vamos, Lauren!

— Você é um gênio, Arthur, sua representação é incrível!

— Não estou representando, Paul. O que acontece, é que você tem uma mente demasiado... como eu o diria?... uma mente demasiado convencional para imaginar o que estou vivendo. Não o culpo, desde agora; a verdade é que eu evoluí muito nesse sentido, desde a noite anterior.

— Mas, você se dá conta da história que me contou? É sensacional!

— Sim, você o disse. Olhe, não se preocupe com nada. Me parece ótimo que você vá à empresa sozinho. Realmente, dormi pouco, assim, vou descansar. Eu agradeço. Virei amanhã e tudo ficará bem melhor.

Paul o convidou a sair por uns dias, ou pelo menos até o final da semana; uma mudança sempre seria benéfica.

Ofereceu seus préstimos durante o fim de semana se necessitasse de algo, fosse o que fosse. Arthur agradeceu com ironia, saiu do escritório e desceu as escadas. Ao sair do prédio, procurou por Lauren no estacionamento.

— Você está aqui?

Lauren apareceu sentada sobre o capô de seu carro.

— Estou criando um monte de problemas para você. Eu sinto muito.

— Não, não sinta muito. Além do mais, não faço isso há tempos.

— O quê?

— Férias! Todo dia trabalho, sem faltar!

Da janela, Paul, com semblante franzido, olhava seu sócio falar sozinho, abrir, sem qualquer razão a porta para a acompanhante e fechá-la, dar a volta no carro e sentar-se ao volante. Aquilo o convenceu que seu melhor amigo sofria de uma depressão causada pelo estresse, ou que tinha tido uma comoção cerebral.

Arthur, instalado em seu assento, apoiou as mãos no volante e suspirou.

Logo, olhou fixamente para Lauren, sorrindo em silêncio. Ela, sentindo o olhar, devolveu-lhe o sorriso

— É irritante que o tomem por um louco, não é verdade? E, obrigada por você não ter me tratado por vagabunda.

— Por quê? Minha explicação foi assim tão confusa??

— Não, em absoluto. Onde vamos?

— Tomar um bom desjejum. Enquanto isso, você me contará todos os detalhes.

Paul continuava vigiando da janela seu amigo, dentro do carro, estacionado na porta do prédio. Quando o viu falar sozinho, dirigindo-se a um personagem invisível e imaginário, decidiu chamá-lo pelo celular.

Enquanto Arthur contestava, pediu-lhe que não partisse; já estava descendo, e, tinha que falar com ele.

— Sobre o quê? Perguntou Arthur.

— Por isso estou descendo!

Paul precipitou-se escadaria abaixo, cruzou o estacionamento, e, ao chegar diante do automóvel, abriu a porta do condutor e se sentou praticamente sobre as pernas de seu melhor amigo.

— Saia!!!

— Mas, suba pelo o outro lado, droga!

— Você se importa que eu dirija?

— Não entendo nada. Vamos conversar ou vamos a algum lugar?

— As duas coisas. Venha, troquemos de assento.

Paul empurrou Arthur, colocou-se ao volante e girou a chave de contato. O

automóvel deixou o estacionamento. Chegando ao primeiro cruzamento, freou bruscamente.

— Uma questão prévia: o seu fantasma está no carro conosco, neste momento?

— Sim. Considerando sua gentil maneira de entrar, sentou-se no assento posterior..

Paul, então, abriu a porta de seu lado, desceu do carro e inclinou a poltrona do assento..

— Seja bom — disse a Arthur — , peça a Gasparzinho para sair e nos deixar sozinhos. Preciso conversar com você em particular. Em sua casa, vocês se encontrarão.!

Lauren apareceu no espelho do lado do acompanhante.

--Venha buscar-me em *North-Point* — disse — vou passear por lá. Olhe, se for muito complicado, não precisa contar-lhe a verdade. Não quero que você se comprometa.

— Você é meu sócio e meu amigo. Não posso mentir para você.

— Prossiga, fale de mim com o porta-luvas! disse Paul. Ontem à noite, sem ir muito mais longe, abri a geladeira, e, ao ver que havia luz, entrei e passei meia hora falando sobre você com a manteigueira e com a alface.

— Não estou falando para você que falei com a geladeira, mas com ela.

— Muito bem, pois pode pedir à Senhora Gaspar que vá esticar seu lençol, para que nós dois possamos conversar um pouco!

Lauren desapareceu.

— O fantasma se foi? — perguntou Paul, um pouco nervoso.

— Não é "ele", é "ela"! Sim, ela saiu. Você é um grosseiro! Qual o seu jogo?

— Meu jogo?!? — perguntou Paul, fazendo uma careta. Tornou a arrancar.

-- Queria que estivéssemos a sós. Simplesmente, tenho que conversar sobre coisas pessoais com você!

— Que coisas?

— Dos efeitos secundários que, às vezes, aparecem, vários meses depois de uma separação.

Paul começou a falar sem parar: Carol-Ann não fora feita para ele; em sua opinião, essa mulher o tinha feito sofrer muito por nada, e, além de tudo, não valia à pena; não era mais do que uma desgraçada; apelou para sua honradez, para que reconhecesse que Carol-Ann não merecia que ele estivesse vivendo em

tal estado desde sua separação; desde Karine, nunca havia se machucado tanto.

O caso de Karine, ainda entendia, mas o de Carol-Ann, francamente...

Arthur retrucou que na época da famosa Karine, tinham dezenove anos, e, além de tudo ele nunca havia sequer tido um flerte com ela. Levava vinte anos contando-lhe sobre a menina, simplesmente porque a tinha visto primeiro! Paul negou tê-la mencionado, sequer.

— Como!! No mínimo, duas a três vezes por ano! Replicou Arthur

— . Eu a tenho no baú de recordações. Nem sequer consigo

lembrar-me de seu rosto!

Paul começou a gesticular, subitamente exasperado.

— Mas “por que você jamais quis me dizer a verdade? Confesso-o, cabeçudo, você reconhece que saiu com ela. Pois fazem vinte anos, como você diz, já está ultrapassado.”

— Você está me enchendo, Paul! Suponho que você não tenha vindo correndo do escritório, bem...agora estamos cruzando a cidade, porque de repente você sentiu vontade de falar-me sobre Karine Lowenski... E, por falar nisso, para onde vamos?

— Você não se recorda do rosto dela, mas não se esqueceu do seu sobrenome.

— Era esta a coisa tão importante que você tinha para falar comigo?

— Não, quero falar com você sobre Carol-Ann.

— Por que você quer me falar sobre ela? É a terceira vez que você tenta lembrar-me dela esta manhã. Não voltei a vê-la e não nos telefonamos. Se você está preocupado com isso, não vale a pena irmos com meu carro até Los Angeles, porque, não é por nada não, mas acabamos de atravessar o porto e já estamos em South-Market.

— O que está acontecendo? Eu o convidei para jantar?

— Como pode ter acontecido que você queira jantar com Carol-Ann? Na época, que vocês estavam juntos, eu estava acostumado a fazê-lo, e você estava na mesa.

— Então, de que se trata? Por que você me faz atravessar a cidade?

— Por nada, para que conversemos.

— Sobre o quê?

— Sobre você!

Paul virou à esquerda e entrou no estacionamento de um grande prédio de quadro andares, com as paredes coberta por azulejos brancos.

— Paul, sei que isto vai parecer coisa de louco, mas na verdade, eu conheci um fantasma.

— Arthur, sei que isto vai parecer coisa de louco... mas vou levá-lo para que façam exames médicos em você.

Arthur virou a cabeça bruscamente e olhou a frente que ornava a fachada do imóvel.

— Você me trouxe a uma clínica? É sério? Você não acredita em mim?

— Claro que acredito! E acreditarei mais quando fizerem um scanner em você.

— Você quer que me examinem?

— Ouça-me bem, que droga! Se eu chego um dia ao escritório, com cara de ter ficado um mês trancado em um aparelho mecânico, encolerizo-me, quando normalmente jamais perco as estribadeiras, você me vê da janela, andando pela calçada com um braço levantado, formando um ângulo de noventa graus, depois, abro a porta do carro para um passageiro que não existe, e, não contente com o efeito provocado, fico falando e gesticulando dentro do carro, como se me dirigisse a alguém, sem que haja qualquer pessoa ali, ninguém, ninguém, e a única explicação que lhe dou é que acabo de conhecer um fantasma, espero que nesse caso, você fique tão preocupado comigo, como eu estou com você, agora.

Arthur sorriu.

— Quando a vi no armário, acreditei que se tratasse de uma brincadeira sua.

— Venha comigo. Preciso tranquilizar-me...

Arthur deixou-se levar pelo braço até o hall da clínica. A recepcionista os seguiu com o olhar. Paulo instalou Arthur em uma cadeira e lhe ordenou que não se movesse. Comportava-se como se lidasse com um menino travesso que fosse desaparecer de suas vistas, a qualquer momento. Logo se aproximou do balcão e abordou a jovem.

— É uma urgência! — disse, elevando a voz e modulando-a exageradamente para que ficasse bem claro.

— De que tipo? — perguntou ela, com a mesma entonação, ainda que com certa impertinência na voz, porquanto o tom que Paul havia empregado, revelava claramente sua impaciência e seu nervosismo.

— Do tipo que está sentado ali, naquela cadeira!

— Estou perguntando de que natureza é a urgência.

- Traumatismo de crânio.
- Como aconteceu?
- O amor é cego e não pára de dar-lhe pancadas na cabeça, e, claro, no final acaba por destruí-lo..

A ela pareceu uma réplica muito engenhosa, ainda que não estivesse segura de havê-la entendido bem. Sem consulta e sem prescrição, nada podia fazer por ele. Sentia muito..

- Espere para sentir...

Sentiria, quando ele houvesse terminado de falar, anunciou Paul, antes de perguntar, com voz autoritária se era a clínica do dr. Bresnik. A recepcionista assentiu com a cabeça. Ele explicou-lhe no mesmo tom, que no seio desse estabelecimento 60 colaboradores de seu escritório de arquitetura faziam os check-ups anuais, traziam seus filhos ao mundo, vacinavam-nos, curavam resfriados, gripes, anginas e outras porcarias.

Sem fazer qualquer pausa, seguiu explicando-lhe que todos esses amáveis pacientes e, sem embargo, clientes desta instituição médica, dependiam da energúmena que tinha diante de si, assim como o senhor que estava sentado com ar de desamparo, na cadeira em frente.

- Assim é que, senhorita, ou o doutor Bresloquesea atende meu sócio agora mesmo, ou asseguro-lhe que nenhum deles voltará a pisar o capacho de sua suntuosa clínica, sequer para um curativo.

Uma hora mais tarde, Arthur, acompanhado de Paul, começava a ser submetido a um *check up* completo. Depois de um eletrocardiograma realizado no estado de atividade (fizeram-no pedalar uma bicicleta estática, com montes de elétrodos presos no peito), tiraram-lhe sangue. Um médico, a seguir, fez alguns testes neurológicos (pediram-lhe que levantasse uma perna — com os olhos abertos e também como os olhos fechados — , martelaram seus joelhos-e até arranharam a planta de seus pés com uma agulha). Por último, pressionados por Paul, aceitaram fazer um scanner. A sala onde era feito, estava dividida por um tapume de cristal. De um lado, encontrava-se a máquina cilíndrica, justo no centro, para permitir a entrada total do paciente (por isso, comparava-se a um gigantesco sarcófago); do outro lado haviam

painéis de comando e monitores unidos por grossas hastes de cabos negros. Arthur foi colocado sobre uma estreita plataforma coberta por um lençol branco e o prenderam com correias à altura da cabeça e dos quadris; em seguida, o médico apertou um botão para introduzi-lo no aparelho. O espaço que havia entre sua pele e as paredes do tubo era apenas de poucos centímetros; não podia mover-se. Haviam-no advertido de que talvez sentisse uma intensa sensação de claustrofobia.

Permaneceria completamente só enquanto durasse o exame, mas poderia comunicar-se a qualquer momento com Paul ou com o médico, instalados do outro lado do tapume de cristal. A cavidade em que se encontrava encerrado, estava provida de auto falantes. Podiam falar com ele desde a sala de controle.

Apertando o pequeno aparelho de plástico que haviam posto em uma de suas mãos, ativaria um microfone e poderia fazer-se ouvir. Fecharam a porta e a máquina começou a emitir uma série de ruídos.

— É insuportável o que ele está sentindo? perguntou Paul com ar divertido.

O médico explicou-lhe que era bastante desagradável. Muitos pacientes com claustrofobia não suportavam o teste e pediam para interrompê-lo — Não é nada doloroso, mas do ponto de vista nervoso resulta difícil em virtude do confinamento do paciente e do barulho da máquina.

— E, pode-se falar com ele?

Podia dirigir-se a seu amigo apertando o botão amarelo que tinha ao seu lado. O médico informou que seria preferível fazê-lo, quando o scanner não emitisse sons, pois, do contrário, o movimento da mandíbula ao responder, podia fazer com que as chapas se manchassem.

— E aí, você pode ver o interior de seu cérebro?

— Sim.

— E o que você descobre?

— Todo tipo de anomalias. Um aneurisma, por exemplo...

Tocou o telefone e o médico atendeu. Depois de uns segundos de conversa, desculpou-se com Paul. Precisava ausentar-se por um

momento.

Pedi-lhe que não tocasse em nada, que tudo era automático e disse-lhe que regressaria em seguida.

Quando o médico saiu, Paul olhou seu amigo através do cristal e um estranho sorriso aflorou seus lábios. Dirigiu o olhar ao botão amarelo do microfone. Vacilou um instante e logo o apertou.

— Arthur, sou eu. O médico precisou sair, mas não se preocupe, eu estou aqui para certificar-me de que tudo saia bem. É incrível a quantidade de botões que existe aqui. Parece a cabina de um avião. E sou eu quem conduzo a nave, porque o piloto pulou de pára-quedas. Bem, tio, você vai desembuchar agora?

Você não saiu com Karina, certo, mas é certo que você foi para a cama com ela, verdade?

Quando foram para o estacionamento da clínica, Arthur levava sob o braço uma dezena de papéis e radiografias, cheios de informações e resultados de exames, todos absolutamente normais.

— Você acredita em mim agora? — perguntou Arthur.

— Deixe-me no escritório e vá descansar, como havíamos combinado.

— Você está fugindo à minha pergunta. Você acredita em mim, agora que sabe que não tenho um tumor na cabeça?

— Vai descansar... Tudo isto pode ser consequência do estresse.

— Paul, eu me prestei a seu jogo de *check up*, assim, preste atenção ao meu também.

— Não creio que o seu jogo vá me parecer divertido. Falaremos sobre isso mais tarde. Tenho que ir diretamente para a reunião; pegarei um táxi. Chamarei você mais tarde.

Paul o deixou sozinho no carro. Arthur seguiu em direção a *North-Point*. No fundo, começava a gostar daquela história, da sua heroína e das situações que sem dúvida provocaria.

Capítulo 6

O restaurante para turistas se encontrava acima do rochedo,, justo diante do Pacífico. Estava cheio, e em cima da barra haviam

dois televisores para que os freqüentadores pudessem assistir às partidas de beisebol. As apostas voavam.

Eles estavam sentados em uma das mesas atrás do vitral.

Arthur dispunha-se a pedir um vinho *cabernet-sauvignon*, quando notou que ela o acariciava com o pé nu, ao mesmo tempo em que sorria vitoriosamente para ele, com um olhar malicioso. Refeito do tremor e respondendo à provocação, ele segurou seu tornozelo e subiu a mão por sua perna — Eu também a sinto!

— Queria estar segura.

— Pois você pode estar.

A garçonete que estava anotando o pedido, perguntou-lhe, fazendo uma careta de perplexidade:

— O que é que você sente?

— Nada, não sinto nada.

— Você acabou de dizer “eu também a sinto”.

— É um jogo! Posso conseguir que me internem, simplesmente fazendo o que faço — disse Arthur dirigindo-se a Lauren, que exibia um sorriso radiante.

— Provavelmente é o melhor que você poderia fazer — respondeu a garçonete dando de ombros e girando sobre os calcanhares.

— Você se importa de anotar? Falou Arthur.

— Já lhe envio Bob, para comprovar se você também o sente.

Ao cabo de alguns minutos chegou Bob, quase mais feminino do que sua colega. Arthur pediu dois ovos mexidos com salmão e um suco de tomate temperado. Dessa vez, esperou o garçom sair, para perguntar a Lauren sobre sua solidão nos últimos seis meses.

Bob, de pé no meio do salão, o via falar sozinho, consternado. Pouco após iniciarem a conversar, Lauren interrompeu-o, perguntando se tinha um aparelho celular. Sem compreender a relação, assentiu.

— Pegue o aparelho e faça parecer que você esteja falando com alguém; do contrário, vão interná-lo de verdade.

Arthur voltou-se e pode comprovar que vários clientes o estavam observando, alguns quase molestados pela presença daquele indivíduo que falava sozinho. Pegou o celular, fingiu discar um

número e pronunciou um “Ouça” em voz bem alta. As pessoas continuaram olhando para ele por segundos, e, ao verem que a situação adquiria um ar de normalidade, começaram a comer sem prestar mais atenção. Arthur tornou a fazer a pergunta a Lauren com o telefone no ouvido. Os primeiros dias para ela, foram de certo modo divertidos. Descreveu-lhe a de liberdade absoluta que havia experimentado no princípio da aventura. Já não tinha que pensar em como vestir-se ou pentear-se, se estava com bom ou mal aspecto, em sua figura, ninguém a olhava. Já não tinha obrigações nem chefes, não precisava fazer cola, passava diante de todo mundo sem molestar ninguém, ninguém a julgava por seu comportamento. Já não era preciso fingir descrição, podia ouvir as conversar de uns e outros, ver o invisível, ouvir o inaudível, estar onde quisesse..., ninguém a via...

— Podia aparecer no despacho oval e escutar todos os segredos de Estado, sentar-me sobre os joelhos de Richard Gere ou deitar-me com Tom Cruise.

Tudo ou quase tudo era possível para ela: visitar os museus quando estavam fechados, entrar nos cinemas sem pagar, dormir nos palácios, subir em um avião de caça, assistir intervenções cirúrgicas mais complicadas, visitar, secretamente, os laboratórios de investigação, caminhar sobre os pilares de *Golden Gate*. Arthur, com a orelha no celular, sentiu curiosidade de saber se tentara todas aquelas experiências.

— Não. Tenho vertigem, os aviões me dão medo, Washington está muito longe e não consigo transportar-me tão longe. Ontem, dormi pela primeira vez.

Assim, os palácios não me servem para nada, e quanto aos laboratórios, de que me serviriam se não posso tocar em nada?

E Richard Gere e Tom Cruise?

— Ocorre o mesmo que com as experiências.

Confessou com grande sinceridade que ser um fantasma não era nada divertido. Achava que era bem mais patético. Tudo é acessível, mas, ao mesmo tempo, tudo é impossível. Pior era ficar perto das pessoas que amava. Não podia estabelecer contato com elas.

— Já não existo. Posso vê-los, mas me causa mais dor do que prazer. Talvez o purgatório seja assim, uma solidão eterna.

— Você acredita em Deus?

— Não, mas em minha situação, há certa tendência para se questionar no que se crê e no que não se crê. Tampouco acreditava em fantasmas — Eu também não acredito. — disse Arthur.

— Você não acredita nos fantasmas?

— Você não é fantasma.

— Sério?

— Não está morta, Lauren. Seu coração bate em um lugar e seu espírito vive em outro. Separaram-se momentaneamente, é tudo. Precisamos saber como reuní-los de novo.

— Deste ponto de vista, nota-se que se trata de um divórcio com graves conseqüências.

Era um fenômeno que fugia à sua compreensão, mas Arthur não tinha a intenção de limitar-se somente a constatar tal acontecimento. Sem soltar o telefone, insistiu em sua vontade de compreender; era preciso buscar e encontrar o modo de permitir que ela retornasse ao seu corpo, e era preciso

também que saísse do coma, pois os dois fenômenos, sem dúvida, estavam ligados.

— Perdão, mas creio que você deu um grande passo em suas investigações.

Ele não ligou para seu sarcasmo e propôs que voltassem para casa e iniciassem buscas pela Internet. Queria consultar tudo o que estivesse relacionado com coma: estudos científicos, informes médicos, bibliografia, históricos e testemunhos, sobre todos os que expunham casos longos de comas, cujos pacientes haviam se recuperado.

— Temos que localizá-los e falar com eles. Seus testemunhos podem ser muito importantes

— Por que você faz isto?

— Porque você não tem outra escolha.

— Responda à minha pergunta; você se dá conta das implicações pessoais do que quer fazer, do tempo que vai dispende? Você tem seu trabalho, suas obrigações...

— Você é uma mulher muito contraditória.

— Não, eu sou lúcida. Você não vê que todo mundo o olha atônito por que você passou 10 minutos falando sozinho? Sabe que na próxima vez que vier a este restaurante, vão lhe dizer que está cheio, porque as pessoas não gostam de gente diferente, porque um sujeito que fala em voz alta e gesticula, sozinho, os incomoda.

— Existem mais de dez mil restaurantes na cidade; o que nos deixa bastante margem.

— Arthur, você é um cavalheiro, um autêntico cavalheiro, mas não está sendo realista.

— Sem intenção de ofendê-la, creio que na situação atual você me ganha em irrealidade.

— Não faça jogo de palavras, Arthur. Não me faça promessas assim. Você jamais poderá resolver um enigma como este.

— Eu nunca faço promessas que não possa cumprir. E, não sou um cavalheiro.

— Não me faça abrigar falsas esperanças. Porque não terá tempo, simplesmente.

— Me horroriza fazer isto num restaurante, mas você me obriga. Perdoe-me um momento.

Arthur desligou o fone, a olhou fixamente, e ligou para o número de seu sócio. Agradeceu ao mesmo, o tempo que lhe havia dedicado durante a manhã e sua atenção. Tranqüilizou-o com frases sensatas e disse que, de fato, estava muito estressado, e, que seria melhor para a empresa, que descansasse por uns dias. Forneceu-lhe algumas informações específicas sobre os projetos em andamento, e, lhe disse que Maureen estaria à sua disposição. De qualquer modo, como estava cansado em demasia para ir a qualquer lugar, ficaria em casa, assim poderia chamá-lo caso fosse necessário.

— Agora sim. Agora estou livre de toda obrigação profissional e proponho a você que comecemos a busca imediatamente.

— Não sei o que dizer.

— Comece por ajudar-me com seus conhecimentos médicos.

Bob levou a conta e ficou olhando Arthur. Este arregalou os olhos, fez uma careta horrível, botou a língua para fora e levantou-se de um salto. Bob deu um passo para trás.

— Esperava algo melhor de você, Bob, fiquei muito decepcionado. Vamos, Lauren, este restaurante não serve para nós.

No carro, enquanto se dirigiam para casa, Arthur expôs a Lauren o método de trabalho que a seu ver, teriam que seguir. Trocaram pontos de vista e traçaram de comum acordo um plano de ataque.

Capítulo 7

Uma vez em casa, Arthur instalou-se em sua mesa de trabalho. Conectou o computador e entrou na Internet. Os sites permitiam que acessasse instantaneamente bases de dados sobre o tema de que se ocupava. Havia formulado uma busca, simplesmente teclando a palavra “coma” no local correspondente, e a rede o havia direcionado a vários sites que continham publicações, testemunhos, ensaios e palestras sobre o tema. Lauren ficou junto à mesa.

Em primeiro lugar, conectou-se ao servidor do Hospital Memorial, seção de Neuropatologia e Traumatologia Cerebral. Uma recente publicação do professor Silverstone sobre os traumatismos de crânio, permitiu-lhes verificar a classificação dos diferentes tipos de coma, segundo a escala de *Glasgow*: mediante três números indicava-se a reação aos estímulos visuais, auditivos e sensitivos. Lauren entrava na categoria 1.1.2, que correspondia a um coma em fase quatro. Um servidor os direcionou a outra base de dados, onde apareciam campos estatísticos sobre as evoluções dos pacientes em cada família de coma.

Ninguém jamais havia retornado da quarta fase.

Infinidade de diagramas, cortes axonométricos, trabalhos, informações de sínteses e fontes bibliográficas foram carregados no processador de Arthur e logo impressos. No total, quase setecentas páginas de informação classificada, selecionada e relacionada por centros de interesse.

Arthur pediu uma pizza e duas cervejas e disse que a única coisa a ser feita seria ler. Lauren de novo perguntou-lhe porque fazia aquilo.

— Porque eu estou em dívida com alguém que em muito pouco tempo me ensinou muitas coisas, especialmente uma: o sabor da felicidade. Todos os sonhos têm um preço.

Imediatamente retornou à leitura, anotando o que não entendia, ou seja, quase tudo. À medida que avançavam, Lauren ia explicando os significados dos termos médicos.

Arthur colocou uma folha grande de papel sobre a mesa de trabalho e começou a redigir os resumos das notas que tomara. Classificava a informação por grupos e os relacionava entre si. Deste modo, pouco a pouco, formou-se um enorme diagrama, que continuou numa segunda folha, onde os rascunhos se misturavam com conclusões.

Dedicaram dois dias e duas noites a tentar compreender, buscando a chave do enigma que tinham diante deles.

Dois dias e duas noites para chegar à conclusão de que o coma continuava e continuaria sendo, durante muitos anos, uma zona muito obscura, na qual o

corpo fica vive separado do espírito que o anima e que lhe dá uma alma.

Exausto, com os olhos avermelhados, Arthur adormeceu no chão; Lauren, sentada atrás da mesa de trabalho, olhava o diagrama, percorrendo as flechas com o índice e observando, sem qualquer surpresa, que a folha balançava embaixo de seu dedo.

Agachou-se junto a Arthur, colocou a palma da mão nele e depois a passou pelo antebraço; a pele ficou eriçada. Então, esboçou um sorriso, acariciou sua pele e ficou ao lado dele, pensativa.

Arthur acordou sete horas mais tarde. Lauren continuava sentada atrás da mesa de trabalho.

Esfregou os olhos e riu para ela, que retribuiu imediatamente.

— Você teria ficado melhor na cama, mas vi que você dormia com tanto gosto, que não me atrevi a despertá-lo.

— Dormi muito tempo?

— Várias horas, mas não o suficiente para recuperar o sono atrasado.

Arthur queria tomar um café e reiniciar o trabalho, mas ela freou seu impulso. Sua dedicação a comovia muito, mas não valia a pena.

Ele não era médico, e, ela era uma simples interna, assim, os dois não iriam resolver o problema do coma.

— O que você propõe?

— Que você tome um café, depois, uma boa chuva e que nós passeemos.

Você não pode viver à margem do mundo, recolhido em casa, com a desculpa de que você hospeda um fantasma.

Arthur tomaria o café, e, depois veriam. E, queria que Lauren se esquecesse da palavra “fantasma”; ela tinha o aspecto de tudo, menos de fantasma. Ela perguntou-lhe o que havia querido dizer com tudo, mas ele não respondeu.

— Se digo coisas bonitas, depois você vai me jogar na cara.

Lauren arqueou as sobrancelhas num gesto inquisitivo, perguntando o que seriam “coisas bonitas”. Ele insistiu que tinha se esquecido do que acabara de dizer, mas, tal como receava, foi inútil. Lauren se plantou diante dele, com os braços na cintura:

— O que significam “coisas bonitas”?

— Esqueça o que eu acabo de dizer, Lauren. Você não é uma aparição, isso é tudo.

— O que sou, então?

— Uma mulher, uma mulher muito bonita. E, agora, vou tomar uma ducha.

Saiu do aposento, sem se virar. Lauren estava encantada . Meia hora mais tarde, saiu do banheiro, com jeans e um pulôver de *caxemira* e manifestou seu desejo de devorar um bom bife. Ela replicou que eram dez da manhã, mas ele, de imediato, disse que em Nova Iorque era hora do almoço, e, em Sidney, hora da janta.

— Sim, mas não estamos em Nova Iorque, nem em Sidney. Estamos em São Francisco.

— Isso não mudará em absoluto o sabor da carne que vou comer.

Ela queria que ele voltasse à sua vida autêntica e lhe disse. Afortunadamente, tinha uma, e, devia aproveitá-la, não abandoná-la. Ele pediu-lhe que não fizesse drama; além do que, só se haviam passado poucos dias. Sem embargo, na opinião dela, ele estava se metendo num jogo perigoso e sem saída.

— É incrível ouvir tal coisa da boca de um médico! Explicou ele. Eu acreditava que o destino não existisse, que onde há vida há esperança, que tudo é possível. Por que sou eu quem acredita e não você?

Lauren respondeu-lhe, que, precisamente por ela ser médica, portanto mais lúcida, e estava convencida de que perdiam tempo, o tempo de Arthur, para falar com sinceridade.

— Você não deve ficar preso a mim. Nada tenho para oferecer, nada para dar a você, nem sequer posso preparar-lhe um café, Arthur...

— Merda! Se você não pode me preparar um café, então sim. Não há um futuro possível. Lauren, eu não me aproximei de você; nem de você, nem de ninguém. Não pedi para encontrá-la no armário, simplesmente você estava lá; assim é a vida. Ninguém olha para você, ninguém a vê nem se comunica com você.

Tinha razão, prosseguiu, em dizer que ocupar-se de seu problema era arriscado para os dois; para ela, pelas falsas esperanças que poderia alimentar, e para ele, "pelo tempo que terei que me dedicar e o caos que introduzirei em minha vida, mas assim é a vida." Não havia alternativa. Ela estava ali, ao seu redor, em seu apartamento, "que também é seu apartamento", encontrava-se em uma situação delicada e ele cuidava dela, "que é o que se faz num mundo civilizado, ainda que importe em riscos." Em sua opinião, dar um dólar a um vagabundo ao sair do supermercado era bem mais fácil, e não tinha mérito.

— Quando se dá do pouco que se tem é quando se dá de verdade.

Ela não sabia muito coisa sobre ele, mas Arthur se considerava um homem exigente e estava decidido chegar até o final.

Pedi-lhe que respeitasse seu direito de ajudá-la, insistindo, para convencê-la que o que permanecia da vida autêntica era aceitar receber. Se ela pensava que ele não havia refletido antes de meter-se na história, estava certa. Não havia refletido em absoluto.

— Porque enquanto se calcula, enquanto se analisam os prós e os contras, a vida passa e nada acontece. Não sei como, mas vamos

tirar você daí. Se você tivesse que morrer, já estaria morta; eu estou aqui, precisamente, para dar-lhe uma mão.

Arthur finalizou pedindo-lhe que aceitasse sua ajuda, se não por ela, ao menos por todos aqueles a quem iria curar no futuro.

— Você poderia ter sido advogado.

— Deveria ter sido médico.

— Por que não foi?

— Porque minha mãe morreu cedo demais.

— Você tinha quantos anos?

— Era muito novo, e não me agrada falar desse assunto.

— Por quê?

Arthur lembrou-lhe que era uma interna e não uma psicanalista. Não queria falar sobre o assunto, porque lhe era doloroso e o deixava triste.

— O passado já foi, não tem volta.

Dirigia uma empresa de arquitetura e se sentia satisfeito.

— Gosto do que faço e gosto das pessoas com quem trabalho.

— É o seu jardim secreto?

— Não. Um jardim nada tem de secreto. É um dom. Não insista. É algo que me pertence.

Havia perdido sua mãe muito jovem, e seu pai, antes ainda. Haviam lhe dado o melhor deles, durante o tempo que puderam. Sua vida era assim; havia tido suas vantagens e seus inconveniências.

— Continuo com muita fome, ainda que não estejamos em Sidney. Assim vou preparar ovos com bacon.

— Quem o criou depois que seus pais morreram?

— Você é teimosa, não é verdade?

— Não, em absoluto.

— Tudo isso não tem qualquer interesse nem vem ao caso, agora.

— A mim interessa.

— O que interessa a você?

— O que aconteceu em sua vida, para que você seja capaz disso.

— Capaz de quê?

— De ocupar-se da sombra de uma mulher que você não conhece. E nem sequer por sexo..., assim, fico intrigada.

— Não me analise, porque não quero e nem necessito. Não há qualquer zona obscura, entendido? Existe um passado concreto e definitivo pela simples razão de que já passou.

— Assim, não tenho direito a conhecê-lo?

— Sim, claro que você tem, mas o que você está querendo é conhecer meu passado e não a mim.

— É tão difícil de entender?

— Não, mas é algo íntimo, não é divertido, é longo e não é o tema sobre o qual nos ocupamos.

— Não, se não formos perder algum trem. Acabamos de passar dois dias e duas noites estudando o coma, assim, creio, que podemos descansar.

— Você deveria ser advogada.!

— Sim, mas sou médica!

Arthur deu como desculpa o trabalho. Não tinha tempo para contestá-la.

Comeu os ovos sem dizer nada, deixou o prato no fogão e se sentou novamente atrás da mesa de trabalho. Voltou-se para Lauren, que estava sentada no sofá.

— Você teve muitas mulheres em sua vida? Perguntou-lhe, sem levantar a cabeça.

— Quando se quer, não se conta...

— E você diz que não precisa de um psicanalista... Bem, e as "que se contam", foram muitas?

— Quantos homens você teve?

— Eu perguntei primeiro...

Arthur disse que tinha tido três amores, um de adolescente, outro de jovem, e, outro, de "menos jovem" em processo de converter-se em homem, mas sem sê-lo ainda de todo, porque em tal caso, seguiriam juntos. Para ela pareceu uma resposta direta, honesta, mas em seguida, quis saber porque não dera certo.

Arthur achava que não havia dado certo porque ele era demasiado exigente.— Possessivo? — perguntou Lauren.

Ele insistiu na palavra "exigente"

— Minha mãe alimentou-me com histórias de amor ideal, e ter ideais é um grande inconveniente.

— Por quê?

— Porque coloca a lista muito em alta.

— Para o outro?

— Não, para mim mesmo.

Lauren gostaria que desenvolvesse mais o assunto, mas Arthur preferiu não fazê-lo, por medo de ser tachado de antigo e parecer ridículo. Ela o convidou a prosseguir. Consciente de que não tinha qualquer possibilidade de convencê-la a trocar de assunto, disse:

— Identificar a felicidade quando está aos pés de alguém, ter o valor e a determinação de abaixar-se para tomá-la nos braços... e conservá-la. Esta é a inteligência do coração. A inteligência às cegas, prescindindo da do coração, não é mais do que lógica, e isto não é grande coisa.

— Então foi ela quem deixou você!

Arthur não respondeu.

— E você ainda não se recuperou.

— Oh, sim, me recuperei. Mas não estava doente.

— Você não supunha amá-la?

— Ninguém é dono da felicidade. Às vezes se tem a sorte de ser inquilino, mas tem que ser muito pontual, pagando em dia, porque do contrário, o colocarão na rua.

— O que você diz, é tranquilizador.

— Para todo mundo o cotidiano amedronta, como se se tratasse de uma fatalidade que desenvolve o tédio, o costume, o hábito. Eu não creio em tal fatalidade...

— Em que você acredita?

— Acredito que o cotidiano é a fonte da cumplicidade. Na continuidade, ao contrário do que no costume, pode-se inventar "o luxuoso e o banal", o desmedido e o coerente.

Falou-lhe dos frutos que não se pegam, os que se deixam apodrecer no solo.

— São um néctar de felicidade que nunca será saboreado, por negligência, por hábito, por certeza e presunção.

— Você passou por esta experiência?

— Não de todo. Havia tentado levar a teoria à prática. Eu acredito na paixão que se desenvolve.

Para Arthur não havia nada mais completo do que uma semelhança que perdura através do tempo, que aceita que a ternura invada a paixão; como viver isso, quando se fixa no absoluto? Para ele não era um erro conservar dentro de si, uma parte da infância, uma parte do sonho.

— Somos diferentes, mas todos fomos, antes, crianças. E você? Já amou alguém?

— Você conhece alguém que não tenha amado? Você quer saber se amo?

Não. Sim e não.

— Você sofreu muitas decepções?

— Tomando-se em consideração minha idade, sim, muitas.

— Você não está sendo muito loquaz. Quem era?

— Não está morto. 38 anos, cineasta, bom rapaz, pouco disponível, meio egoísta..., o tipo ideal.

— Então?

— Então, a mil anos luz do que você descreve sobre o amor.

— Cada qual tem seu mundo! A questão está em fixar as raízes na terra que nos for favorável.

— Você faz metáforas?

— Com frequência. Assim, torna-se mais fácil para mim, dizer as coisas. Bem, estou esperando ouvir sua história.

Lauren havia compartilhado quatro anos de sua vida com o cineasta em questão, quatro anos de uma história remendada e tornada a remendar como os atores que se separam e se dão nova chance, como se a dramaturgia trouxesse outra dimensão à existência. Qualificou aquela relação de egoísta e sem interesse, mantida apenas pela atração dos corpos.

— Era muito física? Perguntou Arthur.

Para ela, pareceu uma pergunta sem pudor.

— Você não é obrigada a responder.

— Não penso fazê-lo. Aliás, rompemos dois meses antes do acidente. Melhor para ele: ao menos, agora, não fica pensando em responsabilidades.

— Você não imaginou que o tenha deixado por menos?

— Não. Pensei que fosse por menos, no momento do rompimento, mas agora penso que uma das qualidades fundamentais para viver com alguém é a generosidade. Estava farta de histórias que sempre terminavam pelas mesmas razões. Existe quem perde os ideais com o tempo, com a idade, mas com Lauren acontecia o contrário. Quanto mais velha ficava, mais se tornava idealista.

— Repito, que para aspirar a compartilhar uma etapa da vida com alguém, tem que se deixar acreditar, e de fazer acreditar que se baseia uma relação na qual se está realmente disposto a doar. A felicidade não é acessível com um estalar dos dedos. Ou você é doador ou receptor. Eu dou antes de receber, mas risquei definitivamente os egoístas, e os que são muito avarentos de coração para proporcionarem os meios que exigem seus desejos e suas esperanças.

Lauren havia acabado por admitir que chega um momento em que é preciso confessar-se as próprias verdades e identificar o que se espera da vida. Arthur achou suas palavras veementes.

— O que acontece é que durante muito tempo me senti atraída pelo oposto de meus sonhos, pelo que estava ao contrário daquele que poderia realizar-me.

Disse que tinha necessidade de sair para tomar ar puro e os dois saíram.

Arthur colocou-se ao volante e foram a *Ocean Drive*.

— Gosto de vir à beira mar — disse Arthur para romper um grande silêncio.

Lauren não contestou. Olhando para o horizonte, pegou Arthur pelo braço.

— O que aconteceu em sua vida? perguntou...

— Por que você me faz tal pergunta?

— Porque você não é como os outros.

— Meus dois narizes a incomodam?

— Nada me incomoda. Você é diferente.

— Diferente? Nunca me senti diferente. Ademais, diferente de que, de quem?

— Você é sereno.

— É um defeito?

— Não, em absoluto, mas torna-se bem desconcertante. Dá a impressão que os problemas não o preocupam.

— Porque eu gosto de encontrar soluções, por isso, os problemas não me assustam.

— Não, tem algo mais.

— Já está aqui outra vez minha PPP.

— O que é isso?

— Minha Psiquiatra Portátil Pessoal.

— Você tem o direito de não responder. Mas eu estou em meu direito de perceber as coisas, e nem por isso sou uma inquisidora.

— Parece-me uma conversa de um casal já veterano. Não tenho nada para ocultar, Lauren, não há qualquer zona escura, nenhum jardim secreto, nem qualquer trauma. Sou como sou, com um montão de defeitos.

Não se gostava de modo especial, mas tampouco se detestava; apreciava sua maneira de ser, livre, independente das regras estabelecidas. Talvez fosse isso o que ela percebesse.

— Não pertencço a um sistema, sempre lutei contra isto. Vejo as pessoas que gostam de mim, vou onde quero ir, leio um livro porque me atrai e não porque seja imprescindível tê-lo lido, e toda a minha vida é assim.

Fazia o que tinha vontade de fazer, sem formular-se mil perguntas acerca do porquê e do como das coisas, “e não amarro nas demais”.

— Eu não queria prendê-lo.

Recomeçaram a conversa um pouco mais tarde, estimulados pelo calor da cafeteria de um hotel. Arthur tomava um capuchino acompanhado de uns folheados.

— Estou encantando com este lugar — disse — . É familiar, e gosto de observar as famílias.

Num sofá, havia um menino de cerca de 8 anos nos braços de sua mãe. Ela tinha nas mãos um grande livro aberto e descrevia-lhe as imagens que olhavam juntos, enquanto que com o indicador da mão esquerda acariciava sua face, com um movimento lento e

repleto de ternura. No rosto do menino reluziam dois olhos, como dois minúsculos sóis. Arthur ficou olhando-os durante um bom tempo.

— O que você está olhando? perguntou Lauren.

— Um autêntico momento de felicidade.

— Onde?

— Aquele menino..., ali. Olhe seu rosto. Está no coração do mundo, de seu próprio mundo.

— Traz lembranças para você?

Ele, por resposta, limitou-se a sorrir. Lauren quis saber se ele se dava bem com sua mãe.

— Mamãe morreu ontem, quero dizer, ontem foi aniversário de sua morte.

Sabe de uma coisa? O que mais me surpreendeu no dia seguinte de sua partida foi que os prédios continuavam os mesmos, fixos nas ruas cheias de carros que continuavam circulando e de pedestres que seguiam caminhando, aparentemente alheios por completo ao fato de que meu mundo acabava de desaparecer. Eu o sabia por aquele vazio que se instalava em minha vida, como num filme cujas cenas estão foram de ordem. Porque de repente a cidade tinha deixado de fazer barulho, como se num minuto, todas as estrelas tivessem sido reduzidas a cacos ou tivessem se apagado. O dia de sua morte, eu juro que é verdade, as abelhas do jardim não saíram da colméia, nem uma só estava nas flores, como se elas também soubessem. Eu gostaria de ser, somente cinco minutos, aquele menino escondido dos outros, entre seus braços, acalentado pelo som de sua voz. Sentir de novo aqueles tremores que me percorriam a espinha quando me fazia passar do despertar aos sonhos de minha infância, passando-me um dedo por baixo do queixo. Então, nada mais podia me afetar, nem as perseguições do grandão Steve Hacchenbach no colégio, nem os gritos do Sr. Morton, porque eu não sabia a lição, nem os cheiros azedos da cantina escolar. Vou dizer-lhe porque sou sereno, como você diz. Porque não se pode viver tudo, assim o importante é viver o essencial, e cada um considera essencial uma coisa específica.

— Desejaria que o céu o escutasse no que diz respeito a mim, porque o que considero essencial ainda está por vir.

— Por isso é essencial que não abandonemos. Vamos voltar e continuar nosso trabalho.

Arthur pagou a conta e se dirigiram ao estacionamento. Antes que entrasse no carro, Lauren deu um beijo em sua face.

— Obrigada por tudo — disse.

Arthur sorriu, e abriu a porta do carro sem dizer nada.

Capítulo 8

Arthur passou quase três semanas indo à Biblioteca Municipal, um imponente edifício de estilo neoclássico, construído em princípios do século XX, onde, nas dezenas de salas de abóbodas majestosas, reina uma atmosfera muito diferente da de outros locais parecidos. Nas salas reservadas aos arquivos da cidade, é freqüente encontrarem-se membros da alta sociedade de São Francisco, misturando-se com antigos hippies, contando-se mutuamente anedotas e histórias da cidades, com pontos de vista coincidentes e divergentes.

Na de número 27 — que abriga as obras de medicina, arquivo 48 — correspondente às obras de neurologia — , devorou em alguns dias milhares de páginas sobre o coma, a inconsciência e a traumatologia craniana.

Ainda que suas leituras o fizessem entender sobre a condição de Lauren, nenhuma trazia uma solução para o problema. Cada vez que fechava um livro, esperava encontrar uma idéia no seguinte. Chegava todas as manhãs, logo que abria, sentava-se junto a montões de manuais e se concentrava em “seus deveres”. Às vezes, levantava-se e dirigia-se a um computador para enviar mensagens repletas de perguntas a eminentes professores de medicina. Alguns respondiam, algumas vezes intrigados com a finalidade de suas investigações.

Depois, retornava ao seu lugar e retomava o curso de suas leituras.

Fazia um descanso para comer na lanchonete, para onde levava revistas que abordavam os mesmos temas, e acabava suas jornadas às 22h, hora em que a Biblioteca fechava.

À noite, encontrava-se com Lauren, e, enquanto jantavam, a colocava a par de suas investigações do dia. Então tinham autênticas discussões, nas quais ela acabava se esquecendo de que Arthur não era um estudante de Medicina. Ele a confundia pela rapidez com que havia memorizado a terminologia médica.

Freqüentemente, sucediam-se argumentos e réplicas até a madrugada, e, até o esgotamento. Pela manhã, enquanto tomava banho, Arthur expunha o caminho que seguiria naquele dia. Ela negava-se a acompanhá-lo, alegando que sua presença, o impediria de concentrar-se. Ainda que Arthur jamais desanimasse diante dela, e, ainda que suas palavras sempre estivessem repletas de otimismo, cada silêncio os fazia tomar consciência de que não tinham chegado a qualquer parte.

Na sexta-feira que finalizava sua terceira semana de estudos, saiu da Biblioteca mais cedo. No automóvel colocou o volume no máximo; o rádio tocava uma música de Barry White. Um sorriso despontou em seus lábios; voltou-se bruscamente para Califórnia Street e parou para fazer algumas compras. Nada havia descoberto em particular, mas teve vontade de preparar uma janta especial. Estava decidido a arrumar a mesa, sem descuidar-se de um só detalhe, iluminá-la-ia com velas e iria inundar o apartamento com música.

Convidaria Lauren a dançar e proibiria toda conversação médica. Uma maravilhosa luz crepuscular iluminava a baía. Estacionou diante da porta da pequena casa vitoriana de Green Street. Subiu a escada compassadamente, fez algumas acrobacias para introduzir a chave na fechadura e entrou carregado de embrulhos. Empurrou a porta com um pé e deixou todos os pacotes sobre a mesa da cozinha.

Lauren estava sentada no patamar da janela, contemplando a vista, e nem sequer virou-se.

Arthur a chamou em um tom mais irônico, mas era evidente que ela estava mal humorada e desapareceu de súbito. Desde o dormitório, Arthur a olhou resmungar:

— E nem sequer posso bater com a porta!

— Você está com algum problema? — perguntou.

— Deixe-me em paz!

Arthur deixou o aposento e se dirigiu apressadamente até ela. Quando abriu a porta, a viu de pé, com a cabeça entre as mãos.

— Você está chorando?

— Não tenho lágrimas, como posso chorar?

— Você está chorando! O que está acontecendo?!

— Nada, não está acontecendo nada.

Ele procurou seu olhar, mas ela lhe disse que a deixasse.

Acercou-se, pouco a pouco, rodeou-a com os braços e a obrigou a virar-se até ficarem um diante do outro.

Lauren abaixou a cabeça. Ele a levantou, empurrando-lhe o queixo com a ponta de um dedo.

— O que está acontecendo?

— Vão colocar um final nisto...

— Quem vai por um final em quê?

— Esta manha, fui ao hospital. Mamãe estava ali e convenceram-na para que os autorizasse a praticar a eutanásia.

— Do que você está falando? Quem convenceu alguém a fazer o quê?

A mãe de Lauren, tinha ido, como todas as manhãs, ao Hospital Memorial.

No aposento, três médicos a esperavam. Quando entrou, um deles, uma mulher madura, dirigiu-se a ela e perguntou se poderiam conversar em particular. A psicóloga delegada tomou a senhora Kline pelo braço e a convidou a sentar-se. Começou, então, uma longa conversa, na qual foram expostos todos os argumentos para convencê-la de que aceitasse o impossível. Lauren não era mais do que um corpo sem alma, que sua família mantinha com um custo exorbitante para a sociedade. Seria mais fácil, manter artificialmente, com vida, um ser querido do que aceitar sua morte, mas, a que preço? Havia que admitir o inadmissível e decidir-se pela segunda opção, sem se sentir culpada. Havia tentado tudo. Não era, em absoluto, um sinal de covardia. Era necessário ter o

valor para admiti-lo. O Dr. Clomb insistia na dependência que ela mantinha em relação ao corpo de sua filha.

A senhora Kline revoltou-se, violentamente, e meneou a cabeça para expressar uma negativa firme. Não podia nem queria fazer isso. Mas os argumentos da psicóloga, de comprovada eficácia, apontavam, de minuto em minuto, a emoção em benefício de uma decisão racional e humana, demonstrando com uma retórica sutil que a negativa seria injusta e cruel, tanto para ela, como para os seus, egoísta, nociva. A dúvida acabou por instalar-se.

Com grande delicadeza e serenidade, pronunciaram-se argumentos mais poderosos ainda, palavras mais sutis. O lugar que a filha ocupava na reanimação, impedia que outro paciente sobrevivesse, que outra família tivesse esperanças fundadas. Uma culpabilidade era substituída por outra, e, a dúvida ia ganhando terreno. Lauren assistia aquele espetáculo aterrorizada, via como, pouco a pouco, caía a determinação de sua mãe. Três quartos de hora de conversação, a resistência da Sra. Kline enfraqueceu; admitiu, por entre lágrimas que o que lhe dizia o corpo médico era razoável. Aceitava tomar em consideração que se praticasse a eutanásia em sua filha. A única condição que estabelecia, era que esperassem mais quatro dias, para estar segura. Era quinta-feira, de modo que nada deveria ser feito até segunda-feira. Necessitava preparar-se e preparar seus familiares. Os médicos concordaram compassivos, expressando sua total compreensão e dissimulando sua profunda complacência por terem encontrado em uma mãe, a solução de um problema que toda sua ciência não podia resolver: o que fazer com um ser humano que não está nem morto nem vivo?

Hipócrates não havia pensado que a medicina um dia engendraria por tal tipo de drama. Os médicos saíram do aposento, deixando-a só com sua filha.

Ela tomou-lhe uma mão, apoiou a cabeça em seu ventre, e, chorando, pediu-lhe perdão.

— Não posso mais, querida. Quisera estar em seu lugar.

Lauren a contemplava do outro lado do aposento, com uma mistura de medo, tristeza e horror. Aproximou-se de sua mãe,

rodeou seus ombros com os braços, mas ela nada notou. No elevador, o Dr. Clomb, dirigindo-se a seus colegas, felicitou-se.

— Você não receia que ela mude de opinião? Perguntou Fernstein.

— Não, não o creio. Ademais, se for necessário, voltaremos a conversar com ela.

Lauren se separou de sua mãe e de seu próprio corpo. Dizer que vagou feito um fantasma, não seria um pleonasma. Regressou ao espaldar da janela, decidida a impregnar-se de todas as luzes, todas as vistas, todos os odores e ruídos da cidade. Arthur a rodeou com os braços, envolvendo-a com toda sua ternura.

— Até quando você chora, é bonita. Vamos, seque suas lágrimas. Eu impedirei que ela cheguem.

— Como? — perguntou ela.

— Dê-me umas horas para pensar...

Lauren voltou à janela.

— Para quê? — disse, olhando fixamente um farol do posto — . Talvez seja melhor assim, talvez, tenham razão..

O que significa isso de que talvez fosse melhor assim? A pergunta, formulada em um tom agressivo, não obteve resposta. Lauren, tão forte, habitualmente, estava resignada. Para ser honesta consigo mesma, só tinha meia vida, estava destruindo a de sua mãe, e, segundo ela, ninguém a esperava na saída do túnel.

— Supondo que haja um despertar... e não há nada menos certo do que isso.

— Mas você acredita por um único instante que sua mãe ficará aliviada se você morrer para sempre?

— É encantador — ela disse, interrompendo-o.

— O que eu disse??

— Não, nada. É o "morrer para sempre" que me parece encantador, sobre tudo na atual situação.

— Você acredita que preencherá o vazio que você vai deixar?, Você acredita que o melhor para ela é que você renuncie? E eu?

Lauren dirigiu-se um olhar inquisitivo.

— O que acontece com você?

— Eu ficarei esperando-a, quando você acordar; pode ser que você seja invisível para os demais, mas não para mim.

— É uma declaração? — perguntou em tom sarcástico.

— Não seja pretenciosa — replicou ele.

— Por que você faz tudo isso? — perguntou ela — a ponto de perder as estribeiras.

— Por que você fica provocadora e agressiva?

— Por que você está aqui, dando voltas ao meu redor, lutando por mim? O

que é que não funciona em sua cabeça? Qual o seu motivo? gritou Lauren.

— Você é cruel!

— Pois conteste! Conteste honradamente!

— Sente-se ao meu lado e tente se acalmar. Vou contar-lhe uma história real e você vai entender. Um dia teve uma jantar numa casa, perto de *Carmel*. Eu tinha, no máximo sete anos.

Arthur contou-lhe um episódio narrado por um velho amigo de seus pais, durante um jantar para o qual convidavam amigos. O Dr. Miller era um grande cirurgião oftalmo. Naquele noite estava estranho, como confuso ou intimidado, o que não era próprio dele, e a mãe de Arthur, preocupada, perguntou-lhe o motivo... Então, ele contou a seguinte história. Quinze dias antes, havia operado uma menina cega de nascimento. A menina não sabia como era, não sabia como era o céu, não conhecia as cores e sequer sabia como era o rosto de sua própria

mãe. O mundo exterior era lhe desconhecido: nenhuma imagem havia jamais entrado em seu cérebro. Durante toda sua vida havia apalpado formas e contornos, mas sem poder associar qualquer imagem ao que lhe contavam suas mãos.

Até que um dia, julgando-se o todo pelo todo, Coco — todos o conheciam por este apelido — praticou uma cirurgia "impossível"--. A manhã que antecedia a janta na casa dos pais de Arthur, deixara a menina com as bandagens.

— Você vai começar a ver algo, antes que eu tenha terminado de retirar as bandagens. Prepare-se!

— O que eu verei? ela perguntou...

— Já expliquei. Você vai ver luz.

— Mas o que é a luz?

— Vida. Espera um momento...

Aí, tal como lhe havia prometido, segundos depois, a luz do dia entrou em seus olhos. Fluiu através de suas pupilas, mais rápida do que as água de rio liberado de uma barragem que tivesse acabado de ceder, cruzou com toda velocidade os dois cristalinos e depositou no fundo de cada olho os milhões de dados que transportava. As células de suas duas retinas, estimuladas pela primeira vez desde seu nascimento, provocaram uma reação química de complexidade maravilhosa para codificar as imagens que gravavam nelas. Os códigos foram transmitidos instantaneamente aos dois nervos ópticos, despertando de um longo sonho e se apressavam a encaminhar aquele elevado caudal de dados até o cérebro. Em milésimos de segundo, este último decodificou todos os dados recebidos e os transformou em imagens animadas, deixando à consciência a tarefa de associá-los e interpretá-los. O processador gráfico mais antigo, complexo e menor do mundo acabava de ser subitamente unido a uma ótica e se colocava em ação.

A menina, tão impaciente como assustada, pegou a mão de Coco e lhe disse: — Espere, tenho medo.

Ele fez uma pausa, tomou-a nos braços e começou a lhe contar o que sucederia quando terminasse de tirar as bandagens. Receberia centenas de novos dados que teria que absorver, compreender e comparar com tudo o que sua imaginação havia criado.

Continuando, Coco foi retirando as vendas.

Ao abrir os olhos, o que a menina olhou primeiro foram suas mãos; moveu-as como se fossem marionetes. Depois, inclinou a cabeça, sorriu, se pôs a rir e a chorar ao mesmo tempo, sem poder desviar os olhos dos dez dedos, como para escapar de tudo o que a rodeava e se tornava real, provavelmente porque ela estava aterrorizada. Logo pousou o olhar sobre seu pulso.

Sua mãe entrou pelo outro lado do quarto, sem dizer palavra. A menina levantou a cabeça e a olhou fixamente durante alguns segundos; Jamais a vira!

No entanto, quando aquela mulher se encontrava a poucos metros dela, a expressão da menina mudou. Em uma fração de segundo, aquele rosto voltou a ser o de uma menina muito pequena, que abriu os braços, e, sem qualquer vacilação, chamou de mamãe àquela desconhecida.

— Quando Coco terminou de contar esta história, compreendi que desde então, possuía uma força imensa em sua vida, podia dizer que tinha feito algo importante. Pensa, simplesmente, que o que eu faço por você é em memória de Coco Miller. E agora, se você está mais calma, deixe-me pensar.

Lauren limitou-se a murmurar algo em voz inaudível. Arthur sentou-se no sofá e começou a morder um lápis que havia pego da mesa. Ele permaneceu assim vários minutos; logo se levantou, de um salto, sentou-se à mesa de trabalho e começou a escrever em uma folha de papel. Precisou de quase uma hora, durante a qual, Lauren o olhava como um gato que espreita atentamente uma mariposa ou uma mosca. Inclina a cabeça com expressão intrigada, a cada vez que ele começava a escrever o que pensava, mordiscando de novo o lápis. Quando tudo acabou, dirigiu-se a ela, muito sério.

— Quais tratamentos aplicam em seu corpo no hospital?

— No tocante ao asseio?

— Refiro-me aos cuidados médicos.

Lauren explicou que a alimentavam mediante perfusão, uma vez que não havia outro modo possível. Injetavam três vezes por semana antibióticos por razões preventivas. Descreveu as massagens que faziam em seus quadris, cotovelos, joelhos e ombros para que não se formassem escaras. Os demais cuidados consistiam em controlar seus sinais vitais e sua temperatura. Não estava conectada a um respirador artificial.

— Sou autônoma, este é o problema para eles; se não o fosse, não teriam mais que me tirar da tomada. Isto é tudo, mais ou menos.

— Então, por que dizem que é tão caro?

— Pela cama.

Lauren explicou porque em um serviço hospitalar as camas custavam uma fortuna. Não se fazia qualquer distinção entre os diferentes espécies de cuidados que eram aplicados aos pacientes. Limitavam-se a dividir o custo do funcionamento de cada serviço pelo número de camas mantidas e pelos dias por ano que se encontravam ocupadas; dessa forma, obtinha-se o custo diário da hospitalização por serviço: neurologia, reanimação, ortopedia...

— Talvez possamos resolver nosso problema e os deles ao mesmo tempo — disse Arthur.

— O que você pretende fazer?

— Você já se ocupou alguma vez de pacientes em seu estado?

Sim, havia feito com pacientes que entraram na emergência, mas durante períodos muito curtos, nunca durante hospitalizações grandes.

— E se você tivesse que fazê-lo?

Ela acreditava que não tivesse qualquer dificuldade; era quase um trabalho de enfermagem, salvo quando surgia alguma complicação repentina.

Então, você saberia fazê-lo?

Lauren não entendia onde ele queria chegar.

— O da perfusão. É muito complicada? Insistiu Arthur.

— Em que sentido?

— Complicada de conseguir. Pode ser encontrada na farmácia?

— Na do hospital, sim.

— Em uma farmácia pública não?

Lauren parou para pensar alguns segundos e assentiu; poderia elaborar uma perfusão comprando glicose, anticoagulantes e soro fisiológico, misturando-os.

Era possível. Ademais, para as pessoas que recebiam este tratamento em seus domicílios, preparava-se uma enfermeira, que se encarregava dos produtos em uma farmácia central.

— Vou chamar Paul — disse Arthur.

— Para quê?

— Para trazer uma ambulância.

— Que ambulância? O que você pretende fazer?

— Vamos seqüestrar você!

Lauren não entendia em absoluto onde ele iria parar, mas começava a ficar preocupada.

— Vamos seqüestrar você. Se não existir um corpo, não tem eutanásia.

— Você está pirado.

— Não acredite...

— Como vamos seqüestrar-me? Onde esconderemos o corpo? Quem tomará conta dele?

— Muitas perguntas de uma vez.

Ela se ocuparia de seu corpo; tinha a experiência necessária. Só havia que encontrar o modo de conseguir provisões do líquido da perfusão, mas, pelo que havia dito, não parecia impossível. Talvez devessem trocar de farmácia, de vez em quando, para não chamar demasiadamente a atenção.

— Com que receitas? — perguntou Lauren.

— Isso forma parte da primeira pergunta, de como.

— Explique-se.

O padraço de Paul tinha uma oficina de conserto de carrocerias, especializada em carros de bombeiros, polícia, ambulâncias...

“Pegariam emprestada” uma ambulância, colocariam umas batatas brancas e iriam pegá-la para transferirem-na para outro hospital.

Lauren começou a rir nervosamente.

— Mas essas coisas não funcionam assim!

Recordou-lhe que não se entrava em um centro hospitalar com a mesma facilidade com que se entrava em supermercado. Ademais, para levar a cabo uma transferência, teriam que fazer muitos trâmites administrativos.

Precisavam ter um certificado de admissão do serviço de chegada, uma autorização de saída assinada pelo médico que tratava do paciente em questão e uma guia de traslado da companhia à qual pertencesse a ambulância, acompanhada de um documento onde estariam descritos os meios do transporte.

— Aí é que você entra no jogo, Lauren. Você vai me ajudar a conseguir tais papéis.

— Mas eu não posso! Como você quer que eu o faça? Não posso tocar em nada, deslocar nada...

— Mas, você sabe onde estão?

— Sim?

— Pois então eu os pegarei. Você conhece os impressos?

— Sim, claro, eu os assinava todos os dias, sobretudo em meu serviço.

Descreveu-os. Eram impressos normais, em papel branco, rosa e azul, com o nome e logotipo dos respectivos hospitais e da companhia de ambulâncias.— Então, os reproduziremos — disse Arthur . - Venha comigo.

Pegou o casaco e as chaves. Estava como que hipnotizado, atuava com tal determinação que deixava a Lauren a certeza de não poder opor-se àquele plano tão maluco. Entraram no carro, ele acionou o aparelho para abrir a porta da garage e entrou na Green Street. Estava escuro. A cidade estava tranqüila, mas ele não, assim dirigiu apressadamente até o Hospital Memorial. Foi diretamente para o estacionamento do serviço de emergência. Lauren perguntou-lhe o que estava fazendo.

— Siga-me e não ria!— limitou-se a responder com um sorriso no canto dos lábios.

No momento em que cruzou a primeira porta de urgências, dobrou-se em dois, segurando o ventre e se dirigiu em tal postura à recepcionista. A empregada de plantão perguntou-lhe o que estava acontecendo. Ele descreveu as violentas câimbras que começara a sentir duas horas depois de comer, disse duas vezes que já o haviam operado de apendicite e acrescentou que já tivera em outra ocasião tais dores insuportáveis, depois da cirurgia. A auxiliar o convidou a ficar numa cadeira, à espera que um plantonista o atendesse.

Lauren, sentada em um dos braços de uma cadeira de rodas, também começava a sorrir. Arthur interpretava perfeitamente o papel; até ela ficara inquieta quando ele parecia a pondo de desmaiar na sala de espera.

— Você não sabe o que está fazendo — lhe disse, ao mesmo tempo em que um médico apareceu para atendê-lo.

Dr. Spacek havia se apresentado e o havia convidado a segui-lo até uma das salas situadas no corredor e separadas entre si por uma simples cortina. Pediu-lhe que se deitasse na cama, e, começou a

fazer perguntas sobre suas dores, enquanto lia a ficha onde estavam todos os dados que haviam solicitado na admissão. Exceto a idade em que havia se tornado um homem, ali devia estar tudo, praticamente, pois aquilo havia mais parecido interrogatório policial.

Afirmou que tinha câimbras terríveis. .

— Onde você tem essas câimbras terríveis? Perguntou o médico.

— Em todo o ventre...

— Não exagere - sussurrou Lauren —, do contrário, você vai ganhar um coquetel de calmantes, uma noite no hospital, e amanhã de manhã, uma lavagem estomacal, seguida de uma fibroscopia e uma coloscopia.

— Injeções, não! disse ele sem querer.

— Não mencionei injeções — disse Spacek levantando a ficha..

— Preferi dizer-lhe antes, porque não suporto injeções.

O interno perguntou-lhe se era nervoso, e, Arthur fez um gesto afirmativo com a cabeça. Ia apalpá-lo, e, ele deveria indicar onde era mais intensa a dor.

Arthur concordou com a cabeça. O médico colocou as duas mãos, uma sobre a outra, no ventre de Arthur e começou o exame.

— Dói aqui?

— Sim - disse, vacilante.

— E aqui?

— Não, não pode doer aí — sussurrou Lauren sorrindo.

Arthur negou imediatamente a existência de qualquer dor no lugar onde o interno o estava apalpando.

Ela continuou guiando suas respostas durante toda a consulta. O médico diagnosticou uma colite de origem nervosa. Deveria tomar um antiespasmódico que lhe dariam na farmácia do hospital com a receita que lhe estendia. Depois dos apertos de mãos e dos agradecimentos, Arthur caminhou com passo ligeiro pelo enorme corredor que conduzia aos escritórios. Levava em sua mão 3

documentos diferentes, todos com o nome e o logotipo do Hospital Memorial, um azul, outro rosa e o terceiro, verde. O primeiro era uma receita, o segundo, um recibo, e o último, um comprovante de saída, onde estava escrito com letras grandes: "Guia de transferência / Guia de saída", e em letra itálica: "Risque o

que não proceder". Exibia um amplo sorriso, satisfeito como estava consigo mesmo. Lauren caminhava a seu lado. Tomou-a pelo braço.

— Formamos uma boa equipe, não?

De volta à casa, introduziu os três documentos no scanner conectado e os copiou. Já dispunha de uma inesgotável fonte de impressos de todas as cores e todas as formas, com todos os caracteres oficiais do Memorial.

— Está ótimo — disse Lauren quando viu sair da impressora as primeiras folhas com o cabeçalho.

— Dentro de uma hora chamarei Paul — disse ele.

— Primeiro falaremos um pouco sobre o seu plano.

Arthur admitiu que tinha razão; devia perguntar-lhe sobre todos os procedimentos relativos a um traslado. Contudo, o que ela queria falar com ele, não era isso.

— O que é, então?

— Seu plano me comove, Arthur, mas é irrealizável, é um disparate e é demasiado perigoso para você. Vão prendê-lo se o pegarem, e, em nome do que, você poderia me dizer?

— E não é muito mais perigoso para você se não tentarmos fazer algo? Só temos quatro dias, Lauren!

— Você não pode fazer isso, Arthur. Perdão, mas eu não posso permitir que você o faça.

— Conhecia uma garota que pedia perdão constantemente. Seus amigos não se atreviam sequer a oferecer-lhe um copo de água, com medo de que ela se desculpasse por ter sede

— Arthur, não se faça de idiota. Você sabe muito bem o que eu quero dizer. É

um plano louco.

— A situação sim que é louca, Lauren. Não tenho alternativa.

— Não deixarei que você se exponha assim por mim.

— Você deve me ajudar, Lauren, ao invés de me fazer perder tempo. O que está em jogo é a sua vida.

— Tem que haver outra solução.

Para Arthur só havia uma alternativa: falar com a mãe de Lauren e dissuadí-

la de aceitar a eutanásia. Mas tal opção era difícil de ser levada em prática. Não se haviam jamais visto, e, conseguir marcar uma hora com ela era muito pouco provável. Não aceitaria receber um desconhecido. Arthur poderia dizer que era um amigo de sua filha, mas Lauren acreditava que ela desconfiaria, pois conhecia todos os seus amigos. Talvez pudesse encontrar-se com ela, casualmente, num lugar onde ela costumava ir. Tinha que ser um lugar idôneo.

Lauren ficou uns instantes pensativa e disse: — Ela passeia com a cadelinha todas as manhãs na Marina.

— Sim, mas eu precisaria de um cachorro para levar a passeio.

— Por quê?

— Porque passear com uma coleira, sem cachorro, me desqualificaria de imediato.

— Você poderia fazer caminhada.

Pareceu uma boa idéia para Lauren. Arthur só teria que caminhar pela Marina na hora do passeio de Kali, aproximar-se da cadelinha, brincar com ela e aproveitar a ocasião para iniciar uma conversa com sua mãe.

Arthur, então, levantou-se, colocou calças de algodão e uma camisa polo.

Antes de sair, pediu a Lauren que o abraçassem com força — O que se passa? — perguntou ela, timidamente.

— Nada, não tenho tempo para explicar-lhe; é para a cadelinha. Ela apoiou a cabeça em seu ombro e suspirou.

— Perfeito — disse Arthur em tom enérgico, separando-se -. Deixe-me, se não, não a encontrarei.

Saiu do apartamento como um raio, sem sequer dizer adeus. Lauren encolheu os ombros, suspirando: “Abraça a cadelinha por mim”.

Quando iniciou o passeio, o *Golden Gate* ainda dormia, sob uma nuvem fofa.

Somente as pontas dos pilares da ponte vermelha sobressaíam na bruma que os envolvia. O mar cerrado na baía estava calmo, as gaivotas matinais voavam em grandes círculos, em busca de peixes, as zonas verdes que bordeavam o cais estavam molhadas, devido ao sereno da noite, e, os barcos, ancorados, balançavam suavemente.

Tudo estava tranqüilo; alguns corredores matinais sentiam o ar carregado de umidade e frescor. Algumas horas mais tarde, um sol enorme se instalava sobre as colinas de *Sausalito* e *Tiburón* e liberaria a ponte vermelha do nevoeiro.

Viu-a de longe, idêntica à descrição feita por sua filha. Kali caminhava a alguns passos dela. A Sra. Kline estava absorta em seus pensamentos e parecia levar nas costas todo o peso de sua dor. A cadela cruzou com Arthur e, surpreendentemente, deteve-se para aspirar o ar ao redor, fazendo círculos com o focinho. Logo se aproximou dele, cheirou suas calças imediatamente, gemendo. O animal começou a sacudir o rabo freneticamente, tremendo de alegria e excitação. Arthur se aproximou, pôs-se a acariciá-la suavemente. Kali se apressou a lambe-la a mão, aumentando a intensidade e a cadência de seus gemidos. A mãe de Lauren, estranhou e se aproximou.

— Você a conhece? perguntou.

— Por quê? — replicou ele, levantando-se.

— Porque em geral ela é muito medrosa. Não deixa que ninguém se aproxime dela, mas agora, parece confiar muito em você.

— Não sei..., talvez..., ela se parece muito com a cadelinha de uma amiga de quem eu gostava muito.

— Sim? — disse a Sra. Kline com o coração batendo descompassadamente.

A cadela se sentou aos pés de Arthur e começou a latir, estendendo-lhe uma patinha.

— Kali! — disse a mãe de Karen— . Deixe tranqüilo este senhor.

Arthur estendeu a mão e se apresentou; a mulher correspondeu, um tanto indecisa ao cumprimento. A atitude da cadela parecia muito desconcertante e se desculpou por tanta familiaridade.

— Não precisa ficar constrangida. Adoro os animais e sua cadelinha é muito simpática.

— Mas, normalmente, ela é muito esquiva. Age como se o conhecesse.

— Sempre atraí os cães; eu creio que sabem quando alguém gosta deles. Ela tem um porte bonito.

— É um cruzamento de Podenco com Labrador.

— É incrível como se parece com a cadelinha de Lauren.

A senhora Kline sentiu uma tontura e suas faces se crisparam.

— A senhora está bem? — perguntou Arthur, pegando sua mão.

— Você conhecia minha filha?

— É a cadelinha de Lauren... E você é a mãe dela?

— Você a conhecia?

— Sim, muito bem, éramos muito amigos.

A Sra. Kline nunca ouvira falar nele e quis saber como haviam se conhecido. Arthur disse que era arquiteto e que conhecera Lauren no hospital.

Ela tinha-o medicado de um corte bem feio. Haviam simpatizado um com o outro e viam-se constantemente.

— Eu ia de vez em quando ao plantão de emergências comer com ela, e, em outras ocasiões também jantávamos, quando terminava mais cedo o trabalho.

— Lauren nunca tinha tempo de comer e sempre saía tarde.

Arthur abaixou a cabeça, sem dizer nada.

— De qualquer modo, Kali parece conhecê-lo bem.

— Sinto muitíssimo o que aconteceu, senhora. Depois do acidente, fui vê-la várias vezes no hospital.

— Nunca nos encontramos, por coincidência.

Arthur propôs que passeassem um pouco. Caminharam perto da água e Arthur se aventurou a perguntar pelo estado de Lauren, dizendo que fazia algum tempo que não tinha ido vê-la. A Sra. Kline falou de uma situação estacionária que não deixava lugar para a esperança. Nada disse sobre a decisão que havia tomado, mas descrevia o estado de sua filha como desesperador.

Arthur fez uma pausa e iniciou um discurso esperançoso: “Os médicos nada sabem sobre o coma”... “As pessoas que estão em coma nos ouvem” “Alguns retornaram após sete anos”... “Não existe nada mais sagrado do que a vida, e, se esta se mantém mesmo contra um sentido comum, é um sinal que precisa ser interpretado. Até invocou Deus como “o único com direito a dispor da vida e da morte”. A Sra. Kline parou de súbito e olhou Arthur nos olhos.

— Você não estava no meu caminho, casualmente. Quem é você e o que quer?

— Simplesmente passeava por aqui, senhora, e, se lhe parece que este encontro não é fruto da casualidade, a senhora é a única que deve se perguntar o motivo. Eu não adestrei a cadelinha de Lauren para que se aproximasse de mim, sem que eu a chamasse.

— O que você quer de mim? Quem é você para jogar — me estas frases lapidadas sobre a vida e a morte. Você não sabe nada, absolutamente nada do que significa ir ali todos os dias, vê-la inerte, sem que sequer um de seus cílios se movam, ver que seu peito sobe e abaixa, entretanto, seu rosto permanece fechado para o mundo.

Num arremate de cólera, descreveu os dias e as noites que havia passado falando com Lauren, com a louca esperança de que ela a ouvisse; sua vida, que havia deixado de existir desde que sua filha tinha se ido; a espera de uma chamada do hospital, dizendo-lhe que tudo havia terminado. Ela havia lhe dado a vida. Durante sua infância, a despertava todos os dias, vestia-a e a levava ao colégio, e às noites ficava em sua cama e contava-lhe uma história.

Havia permanecido atenta a todas as suas alegrias e a todas as suas tristezas. — Quando chegou à adolescência, aceitei seus aborrecimentos injustos, compartilhei seus primeiros sofrimentos amorosos, ajudei-a várias noites em seus estudos, revisei todas as suas provas. Soube desaparecer quando devia fazê-lo, e você não pode imaginar como me achava insignificante a esta altura de sua vida... Desde que nasceu, todos os dias me havia acostumado a adormecer e a acordar pensando nela.

As lágrimas reprimidas não a deixaram prosseguir. Arthur rodeou seus ombros e se desculpou.

— Não posso mais — disse ela em voz baixa, — Perdão. E agora, vá embora, não deveria ter falado com você.

Arthur desculpou-se de novo, acariciou o focinho da cadelinha e saiu imediatamente. Subiu no carro, e, enquanto se afastava, viu pelo retrovisor a mãe de Lauren que o olhava. Quando entrou em casa, Lauren estava de pé sobre uma mesa baixa, se equilibrava.

— O que você está fazendo?

— Me distraíndo.

— Estou vendo.

— Como foi?

Arthur fez um relato detalhado do encontro, decepcionado por não ter conseguido que sua mãe mudasse a decisão que havia tomado.

— Você tinha poucas possibilidades. Nunca muda de opinião, é mais teimosa do que uma mula.

— Não seja dura, está sofrendo demais.

— Você teria sido um genro perfeito.

— Qual é o significado profundo desse comentário?

— Nenhum. Simplesmente, você é o tipo de genro que as sogras adoram.

— Sua observação me parece medíocre, e não creio que seja esta a questão.

— Isso sou eu quem deve dizer. Você ficaria viúvo, antes de se casar.

— O que você pretende me dizer?

— Nada, não pretendo dizer-lhe nada. Bem, vou contemplar o mar enquanto puder fazê-lo.

Lauren desapareceu subitamente, deixando Arthur sozinho e perplexo no apartamento.

— Mas o que se passa com ela? — perguntou-se em voz baixa.

Depois se sentou atrás da mesa de trabalho, conectou o computador e começou a escrever. Havia tomado a decisão no carro, quando retornava da Marina. Não tinha alternativa, e tinha que agir depressa. Na segunda, os médicos fariam Lauren dormir. Fez uma lista dos acessórios de que necessitaria para levar em prática seu plano. Imprimiu o arquivo e pegou o telefone, ligando para Paul.

— Preciso de você, urgentemente.

— Ah, você já voltou de *Knewawa*!

— É urgente, Paul, preciso de sua ajuda.

— Onde você quer que nos vejamos?

— Onde você quiser. .

— Venha até minha casa.

Paul o recebeu meia hora mais tarde. Acomodaram-se nos sofás do salão.

— O que se passa?

— Preciso que você me faça um favor sem perguntar nada. Quero que você me ajude a seqüestrar um corpo de um hospital.

— Estamos em una novela negra? Depois do fantasma vamos nos ocupar de um cadáver? Como você continua assim, eu lhe darei o meu; estará disponível.

— Não é um cadáver.

— Então, o que é? Um doente em plena forma?

— Falo sério, Paul, e tenho muita pressa.

— Não devo fazer perguntas?

— Ficaria difícil para você compreender as respostas.

— Porque sou demasiado tonto?

— Porque ninguém pode acreditar no que está se passando comigo.

— Tente.

— Você tem que me ajudar a seqüestrar o corpo de uma mulher que está em coma, pois vão praticar eutanásia nela na próxima segunda. E não quero que o façam.

— Você se enamorou de uma mulher que está em coma? É a mesma da sua história de fantasma?

Arthur assentiu com um vago “hummm...”. Paul respirou profundamente e se deixou ficar no sofá.

— Isto exigirá uma sessão de dois mil dólares no psiquiatra. Você pensou bastante? Está mesmo decidido?

— Eu o farei com você ou sem você, mas vou fazê-lo.

— Admito que você tem uma queda pelas histórias simples.

— Você não tem qualquer obrigação de me ajudar.

— Não, claro, já o sei. Você vem aqui depois de duas semanas sem que tenha notícias suas, irreconhecível, me pedindo para me arriscar a passar dez anos na cadeia para ajudá-lo a seqüestrar um corpo de um hospital, e eu vou rezar para transformar-me em Dalai Lama, é minha única possibilidade. O que você necessita?

Arthur expôs seu plano; o que Paul teria que fazer para possibilitá-lo, era, basicamente, retirar uma ambulância da garage de seu padrasto.

— Ah, ainda por cima tenho que tapear o marido de minha mãe! Alegro-me de conhecer você, amigo. Se não fosse por você, eu teria

perdido tudo isso.

— Sei que estou pedindo muito.

— Não, você não sabe. Para quando você necessita da ambulância?

Para amanhã à noite. Agiriam às 23h. Paul iria buscá-lo em sua casa meia hora antes. Ele o chamaria pela manhã, para acertar todos os detalhes. Estreitou fortemente o amigo entre os braços, agradecendo calorosamente. Paul, preocupado, o acompanhou até o carro.

— Obrigado, novamente — disse Arthur, colocando a cabeça na janela.

— Amigos são para isso. A propósito, preciso de você no final do mês para ir comigo à montanha cortar as unhas de um urso cinza. Vou mantê-lo a par.

Venha, deixe-me, pois tenho a impressão que você tem muita coisa para fazer.

O automóvel desapareceu no cruzamento e Paul, dirigindo-se a Deus, ergueu os braços ao céu, gritando:

— Por que eu?

Contemplou as estrelas em silêncio uns instantes e, como não parecia que fosse receber qualquer resposta, encolheu os ombros e resmungou: — Sim, já sei! E por que não?

Arthur passou o resto do dia percorrendo farmácias e dispensários e enchendo o porta-malas do automóvel. De volta, encontrou Lauren dormindo em sua cama. Sentou-se junto dela, com muito cuidado, e passou a mão por seu cabelo, sem tocá-lo.

— Agora você consegue dormir — murmurou, — Você é belíssima.

Levantou-se com o mesmo cuidado e regressou ao salão, à mesa de trabalho.

Quando ele saiu do dormitório, Lauren abriu um olho e sorriu com malícia.

Arthur pegou os formulários administrativos que havia impresso no dia anterior e começou a preenchê-los. Deixou alguns espaços vazios e os guardou em uma pasta. Colocou o casaco, entrou no automóvel e foi em direção ao hospital. Deixou-o no estacionamento

de emergências, com a porta aberta e entrou no recinto. Uma câmara filmava o corredor até chegar a um grande recinto que era utilizado como refeitório.

— O que você faz aqui? — perguntou a enfermeira, de longe.

Ia fazer uma surpresa a uma velha amiga que ali trabalhava, talvez ela conhecesse, chamava-se Lauren Kline. A enfermeira ficou uns instantes perplexa.

— Faz muito tempo que você não a vê?

— Mais de meio ano.

Explicou que era repórter fotográfico, que acabava de chegar da África e que queria cumprimentá-la..

— Somos muito amigos. Já não trabalha aqui?

A enfermeira não respondeu à pergunta e disse-lhe para ir à recepção, onde seria informado; sentia muitíssimo, mas ali não iria encontrá-la. Arthur fingiu estar inquieto e perguntou se tinha acontecido algo. Ela, com manifesto incômodo, insistiu que ele se dirigisse à recepção.

— Terei que sair do prédio?

— A princípio, sim, mas terá que dar muitas voltas.

Indicou, então, como poderia chegar à recepção pelo interior. Ele se despediu, agradecendo, sem abandonar a expressão preocupada que havia adotado. Uma vez livre da presença da enfermeira, foi de um corredor a outro, até encontrar o que procurava. Em um quarto, que tinha a porta semiaberta, viu duas batas brancas.. Entrou, tirou-as do cabide e as escondeu debaixo de seu casaco. Notou que no bolso de uma delas havia um estetoscópio. Uma vez no corredor, seguiu as indicações dadas pela enfermeira e saiu do hospital. Rodeou o prédio. Chegou até o carro, no estacionamento de emergências e voltou para casa. Lauren, sentada diante do computador; avisou-a antes de entrar que estava tudo certo.

— Você está louco totalmente!

Ele se aproximou da mesa e deixou as duas batas em cima dela, sem pronunciar palavra.

— Você parece louco. A ambulância está na garage?

— Paul virá buscar-me com ela amanhã às 22h30..

— De onde você tirou as batas?

— Do seu hospital!

— Mas como você conseguiu? Quem pode detê-lo quando você se decide a fazer algo? Veja de quem você tirou as batas.

Arthur vestiu a maior e virou-se, imitando um modelo desfilando numa passarela.

— Como você me vê?

— Você pegou a bata de Bronswick!

— Quem é?

— Um eminente cardiologista. O ambiente vai estar carregado no hospital; já estou vendo o monte de notas de serviço que vão chegar. Vão escalpelar o chefe da segurança. É o médico mais conceituado e bem pago de todo o Memorial.

— Que probabilidade existe de alguém me identificar?

Lauren o tranqüilizou.

A probabilidade era mínima. Haviam as trocas de equipe, do final de semana e da noite. Não corria nenhum perigo de cruzar com um membro de sua equipe. Domingo à noite era outro hospital, com outras pessoas e um ambiente diferente.

— E olhe, tenho até um estetoscópio.

— Coloque-o ao pescoço...

Ele obedeceu..

— Você está muito sexy vestido de doutor! — disse Lauren com um voz muito doce e feminina.

Arthur sorriu um pouco. Ela pegou sua mão e acariciou seus dedos. Logo levantou os olhos até ele e lhe disse com a mesma ternura: — Obrigada por tudo o que você está fazendo por mim. Ninguém antes me cuidou de tal modo.

— Claro! Por isso veio o Zorro!

Lauren se levantou e se aproximou do rosto de Arthur. Olharam-se nos olhos. Ele a tomou nos braços, e, ela apoiou a cabeça em seu ombro..

— Há muitas coisas a serem feitas — disse — . Tenho que começar a trabalhar.

Saiu para sentar-se à mesa de trabalho. Ela fitou-o atentamente e se retirou em silêncio para o dormitório, deixando a porta aberta. Arthur trabalhou até a madrugada, muito concentrado em suas

anotações, sem parar, a não ser para comer um pouco de salada. Viu que o monitor se colocava em marcha.

— Como você o fez? — perguntou em voz alta.

Ela não respondeu. Arthur cruzou o salão e foi até a porta. Lauren estava estendida no sofá. Desviou o olhar da tela e sorriu com expressão maliciosa. Ele lhe devolveu o sorriso e retornou ao teclado.

Quando estava seguro do que havia colocado no arquivo, levantou-se e dirigiu-se à secretária. Retirou uma caixa, deixando-a sobre a mesa e passou bom tempo contemplando-a antes de abri-la. Era quadrada, do tamanho de uma caixa de sapatos e estava com o forro gasto pelo uso dos anos. Conteve a respiração e levantou a tampa; continha muitas cartas amarradas com barbante de cânhamo. Pegou o monte maior e o abriu. Uma carta fechada e um molho de

chaves velhas, grandes e pesadas caíram do seu interior. Reteve tudo um instante nas mãos, sorrindo silenciosamente, e logo colocou a carta e as chaves num bolso da jaqueta. Em seguida, guardou a caixa no lugar e, por trás da mesa, imprimiu o plano de ação. Por último, desligou o monitor e foi para o quarto. Lauren estava sentada aos pés da cama, assistindo um seriado americano. Tinha os cabelos soltos; parecia tranqüila, serena.

— Tudo está no ponto que deveria estar — disse Arthur.

— Vou perguntar mais uma vez: Por que você está fazendo isso?

— O que mais? Por que você precisa saber de tudo?

— Por nada.

Arthur entrou no banheiro. Enquanto escutava o barulho da ducha, Lauren acariciou suavemente seu casaco. Ao passar a mão, as fibras se eriçaram pelo efeito da eletricidade estática. Arthur saiu vestindo um roupão.

— Agora, tenho que descansar para estar em forma amanhã.

Lauren se aproximou dele e deu-lhe um beijo na fronte.

— Boa noite. Até amanhã — disse antes de sair do quarto.

O dia seguinte transcorreu no ritmo dos minutos que passam monótonos pela própria preguiça dos domingos. O sol brincava de esconde-esconde.

Conversaram pouco. De vez em quando, ela o olhava fixamente e perguntava-lhe se estava seguro de querer prosseguir. Ele sequer respondia mais a esta pergunta. Na metade do dia, foram passear à beira mar. Arthur rodeou seus ombros com um braço.

— Vem, vamos caminhar juntos perto da água, eu gostaria de dizer-lhe algo.

Aproximaram-se o máximo possível da arrebentação, onde as ondas batem na areia.

— Olhe bem tudo que existe ao nosso redor: água agitada, terra indiferente a esta fúria, montanhas dominantes, árvores, luz que muda de intensidade e de cor cada minuto do dia, pássaros que voam sobre nossas cabeças, peixes que não querem ser comidos pelas gaivotas enquanto eles próprios devoram outros peixes. Há uma harmonia de ruídos: o das ondas, do vento, da areia. E em meio a todo este concerto incrível de vidas e matérias, estamos você, eu e todos os seres humanos que nos rodeiam. Quantos deles verão tudo o que eu acabo de descrever para você? Quantos são conscientes do privilégio que é despertar todas as manhãs e ver, ouvir, tocar, cheirar e degustar? Quantos de nós somos capazes de esquecer por um instante nossas preocupações para nos maravilharmos com este prodigioso espetáculo? Resulta evidente que a maior inconsciência do homem é a da sua própria vida. Você tomou consciência dela por achar-se em perigo, e isto a converte num ser único; isto é o que você necessita para dizer aos demais. Contestando a pergunta com que você me martela há dias, eu direi que se não me arriscar, toda esta beleza, toda esta energia, toda esta matéria viva será definitivamente inacessível para você. Por isso eu o faço: conseguir devolver você ao mundo, dá sentido à minha vida.

Quantas vezes me brindará a vida com a possibilidade de fazer algo essencial?

Lauren não pronunciou nenhuma palavra e terminou por abaixar seus olhos, cravando o olhar na areia. Caminharam juntos até o carro.

Capítulo 9

Às 22h, Paul colocou a ambulância na garagem de Arthur e o chamou à porta.

— Estou pronto — disse.

— Coloque esta bata e estes óculos. São lentes neutras.

— Você não tem barbas postiças?

— Vou explicar tudo durante o trajeto. Venha, temos que estar ali na hora da troca de turno, às 23 em ponto. Lauren, venha conosco. Precisamos de você.

— Você está falando com o fantasma? — perguntou Paul.

— Com alguém que está conosco, mas que você não vê.

— Arthur, tudo isso é uma brincadeira, ou você realmente está se tornando meio doido?

— Nem uma coisa nem outra. É impossível entender, assim, não vale a pena explicar.

— Melhor seria que me transformasse numa bala de chocolate, assim, o tempo passaria mais depressa e eu não me preocuparia tanto envolto com papel alumínio.

— É uma opção. Venha, apresse-se!

Disfarçados de médico e motorista de ambulância, respectivamente, foram para a garage.

— Esta ambulância esteve na guerra?

— Eu peguei a que pude, você compreende? Que bronca! Enfim, só o que falta é que você me fale com legendas em alemão. Parece-me estar sonhando.

— Foi brincadeira, homem, estou de sacanagem.

Paul se colocou ao volante, Arthur se sentou a seu lado e Lauren entre os dois.

— Você quer que eu ligue as luzes giratórias e a sirene, Doutor?

— E você, pode levar isto a sério?

— Ah, não, meu amigo, isso é que não. Se pretender levar a sério que estou numa ambulância que peguei para ir com meu sócio roubar um cadáver de um hospital, sou capaz de acordar, e então,

seu plano irá por água abaixo. De modo que vou procurar com que me pareça o menos sério possível; assim, seguirei acreditando que estou sonhando... ou tendo um pesadelo. O lado bom é que as noites de domingo sempre me pareceram tristes, e isto está movimentando um pouco a vida.

Lauren começou a rir.

— Você acha graça? — perguntou Arthur.

— Você pode parar de falar sozinho de uma vez por todas?

— Não falo sozinho.

— Tá certo, existe um fantasma aí atrás. Mas, não fique fazendo comentários com ele, pois fico nervoso.

— É ela.

— Quem?

— É uma mulher e está ouvindo tudo o que você fala.

— Quero os mesmos cigarros que você está fumando.

— Dirija!

— Ele é sempre assim?— perguntou Lauren.

— Muitas vezes.

— Muitas vezes o quê? — perguntou Paul.

— Não falava com você.

Paul freou de súbito.

— O que se passa? — perguntou Arthur.

— Pare já! Eu juro que você me está me deixando nervoso!

— Mas, o que se passa?

— O que se passa? É que estou de saco cheio do seu empenho absurdo de falar sozinho!

— Não falo sozinho, Paul, falo com Lauren. Por favor, confie em mim.

— Arthur, você está parecendo um biruta. Você precisa acabar imediatamente com esta história; você precisa de ajuda.

— Quantas vezes preciso repetir, que foda! Resmungou Arthur levantando a voz— . A única coisa que peço é que você confie em mim.

— Pois se você quiser que eu confie em você, conte-me tudo! — gritou Paul -.

Porque você parece um demente, faz coisas disparatadas, fala sozinho, acredita em histórias de fantasmas e me leva numa aventura ridícula!

— Conduza, por favor. Tentarei contar tudo e você fará todo o possível para entender, certo?

E enquanto a ambulância atravessava a cidade, Arthur contou ao seu amigo, de sempre, o inacreditável. Contou tudo, desde o princípio, desde a aparição no armário até esta noite.

Esquecendo-se por um instante da presença de Lauren, falou-lhe sobre ela, de seus olhares, de sua vida, de suas dúvidas, sua força, suas conversas, da ternura dos momentos compartilhados, de suas discussões.

— Se ela está aqui, realmente, — interrompeu-o Paul, — você está frito, amigo.

— Por quê?

— Porque o que você acabou de dizer é uma declaração completa. — Paul virou a cabeça e olhou seu amigo-.

De qualquer modo — acrescentou, com um sorriso satisfeito —, está claro que você acredita na história.

— Pois é claro que acredito! Por que você pergunta?

— Porque você ficou corado. Nunca o havia visto ruborizado, e olhe... E, sem mais solução para continuar, acrescentou: — Senhorita, cujo corpo vamos seqüestrar, se você está realmente aqui, asseguro-lhe que meu colega está totalmente caído por você. Eu nunca o havia visto assim!

— Cale-se e dirija!

— Vou acreditar na história porque você é meu amigo e não me deixa outra opção. Se a amizade não é compartilhar todos os delírios, então, o que é? Olhe, aqui está o hospital.

— Que parecer mais estranho! — disse Lauren com expressão radiante, saindo de seu silêncio.

— Onde vou agora?

— Dirija até emergências e estacione. Acenda o farol giratório. Desceram os três e aproximaram-se da recepção, onde foram atendidos por uma enfermeira.

— O que nos trazem? — perguntou

— Nada. Viemos levar alguém — disse Arthur em tom autoritário.
— Quem?

Arthur apresentou-se como o doutor Bronswick, ia encarregar-se de sua paciente que se chamava Lauren Kline e deveria ser transferida naquela noite.

A auxiliar pediu-lhe a guia de traslado e Arthur entregou-lhe todo o pacote de documentos. Ela fez uma cara chateada. Tinham que chegar justamente na hora da troca de plantão! Demorariam pelo menos meia hora e só faltavam cinco minutos para que terminasse seu turno. Arthur disse que sentiam muito, mas que tinham tido muito trabalho até o momento.

— Também sinto — replicou a enfermeira.

Enviou-os ao quarto 505, quinto andar. Ela assinaria os documentos, deixá-

los-ia sobre o assento da ambulância quando saísse e informaria à sua substituta. Não eram horas de se fazer um traslado! Arthur contestou, sem poder conter-se que nunca era a hora “sempre muito cedo ou sempre muito tarde”. Ela limitou-se a indicar-lhes o caminho.

— Vou buscar a maca — disse Paul para por fim à discussão — Nos encontramos lá em cima, doutor!

A enfermeira se ofereceu para ajudá-los com a boca pequena, mas Arthur declinou, e, pediu-lhe que buscasse o expediente de Lauren e que o deixasse junto com os demais papéis na ambulância.

— O prontuário, por hora, fica aqui. Vamos enviá-lo por Correio, você deveria sabê-lo — disse ela, estranhando o pedido.

— Já o sei, senhorita — replicou Arthur no ato. — Refiro-me a seu último controle: mudanças, gases do sangue, NFS, química, hematócritos...

— Você está sabendo muito! — sussurrou Lauren— . Onde você aprendeu tudo isso?

— Na TV — respondeu — também, num sussurro.

O senhor poderá consultar tais informações no aposento, disse a enfermeira, e de novo se ofereceu para acompanhá-lo. Arthur agradeceu e disse que terminasse seu turno na hora prevista; se encarregaria sozinho.

Era domingo, havia ganho um descanso de sobra.

Paul, que acabava de chegar com a maca, acenou para seu cúmplice e entrou com ele no corredor. Subiram os três no elevador até o quinto andar. As portas acabavam de se abrir, quando Arthur comentou, olhando para Lauren: — Tudo está indo bem, até agora.

— Sim! — concordaram juntos Lauren Paul.

— Você falava comigo? — perguntou Paul.

— Falava com os dois.

De um aposento, saiu em disparado, um jovem externo. Ao chegar perto, deteve-se, olhou a bata de Arthur e o segurou pelos ombros.

— Você é médico? — perguntou-lhe, pegando-o desprevenido.

— Não, bem, sim, sim, claro, por quê?

— Venha comigo. Tenho um problema no 508. Ainda bem que você apareceu!

O estudante de medicina voltou correndo ao quarto de onde tinha saído.

— O que fazemos? — perguntou Arthur, tomado de pânico.

— Você o pergunta a mim? — disse Paul, igualmente aterrorizado.

— Não, a Lauren!

— Vamos, não temos escolha. Eu vou ajudar você — disse ela.

— Vamos, não temos escolha - repetiu Arthur em voz alta.

— Como vamos? Você não é médico! Será melhor colocar fim ao seu delírio antes que mate alguém.

— Ela nos ajudará.

— Ah, bem, se ela nos ajuda...— disse Paul, levantando os braços em direção ao céu— . Mas, por que eu Senhor? Por que eu?

Entraram os três no 508. O estudante estava junto da cabeceira da cama com uma enfermeira...

— Tem arritmia cardíaca e é diabético — disse para Arthur, morto de medo.

— Não consigo reanimá-lo. Estou no terceiro ano.

— Pois para que serve... — resmungou Paul.

— Corta a tira de papel que sai do monitor cardíaco — sussurrou Lauren no ouvido dele — e olhe para ela de forma que eu possa vê-

la.

— Acendam uma luz — disse Arthur em tom autoritário.

Dirigiu-se ao outro lado da cama e arrancou o papel com o traçado do eletrocardiograma. Desenrolou e virou-se

— Você consegue lê-lo? — murmurou.

— É uma arritmia ventricular! Esse sujeito é uma nulidade!

— É uma arritmia ventricular — repetiu Arthur, palavra por palavra. — Este sujeito é uma nulidade!

Paul colocou os olhos no nada, enquanto passava uma das mãos pela fronte.

— Já sei que é uma arritmia ventricular, doutor, mas, o que tem que ser feito?

— Você não sabe nada, é uma nulidade!! O que tem que ser feito? Repetiu Arthur.

— Pergunte o que ele injetou na paciente — disse Lauren.

— O que você injetou nele?

— Nada.

— A situação é crítica, doutor! — Interveio a enfermeira com um tom de voz que revelava a situação em que havia colocado o estudante.

— Você é um a nulidade! Repetiu Arthur — Diga, o que precisa ser feito?

— Merda, não lhe dê uma descompostura agora, doutor! Este homem está ficando cinza.

— San Quentin, vamos direto para San Quentin! — exclamou Paul.

— Acalme-se, homem — disse Arthur para Paul — Perdoem-no — acrescentou, voltando-se para a enfermeira —, é novo, mas era o único motorista disponível.

— Nefrina, uma injeção de dois miligramas, e também aplicaremos uma via central, Aí sim, vai complicar o assunto, coração! — disse Lauren.

— Nefrina, uma injeção de dois miligramas — repetiu Arthur.

— Já era hora! Já a tenho preparada, doutor — disse a enfermeira -. Esperava que alguém tomasse as rédeas.

— E depois, aplicaremos uma via central — anunciou Arthur com uma entoação meio interrogativa, meio afirmativa. Você sabe aplicar uma via central? — perguntou ao estudante.

— Deixe que a enfermeira a aplique, ficará muito contente. Os médicos nunca as deixam fazê-lo — disse Lauren antes que o estudante respondesse — Jamais apliquei uma — disse o estudante.

— Senhorita, você aplicará a via central.

— Não, doutor. Ficaria muito feliz, mas não temos tempo. Eu a preparo e o senhor a aplica. De qualquer maneira, obrigada pela confiança.

A enfermeira foi até o ponto extremo do aposento para preparar a agulha e o tubo.

— O que faço agora? — perguntou em voz baixa Arthur, em pânico.

— Vamos sair daqui — contestou Paul. — Você não vai aplicar nem via central, nem lateral, nem nada de nada. Caímos fora agora mesmo, tio!

— Fique diante dele — disse Lauren — e aponte a uma altura de dois dedos por baixo do externo. Você sabe o que é o externo, não? Eu vou guiá-lo, assim não se preocupe. Coloque a agulha com uma inclinação de quinze graus e enfie, pouco a pouco, com firmeza. Se você acertar, sairá um líquido esbranquiçado; se errar, sairá sangue. E reze para ter a sorte de principiante, porque do contrário, vamos nos dar mal, nós aqui e o paciente.

— Não posso fazer isso! — murmurou Arthur.

— Você não tem opção. Tampouco ele. Morrerá, se você não o fizer.

— Antes, você me chamou de “coração” ou eu sonhei?

Lauren sorriu.

— Adiante, e respire fundo antes de enfiar a agulha.

A enfermeira se aproximou deles e entregou a via central para Arthur.

— Pegue-a pela ponta exterior do plástico. Boa sorte!

Arthur colocou a agulha na altura que Lauren havia indicado. A enfermeira o olhava atentamente.

— Perfeito — murmurou Lauren. — Inclina-a um pouco menos..., enfie com decisão.

A agulha se introduziu no tórax do paciente.

— Pare já! Faça girar a chave que tem dentro do tubo.

Arthur obedeceu. Um líquido opaco começou a fluir pelo tubo.

— Muito bem! Você o fez com uma mão mestra — disse Lauren. Você acaba de salvá-lo.

Paul, que havia estado duas vezes ao ponto de perder os sentidos, não parava de repetir em voz baixa: “Não posso acreditar”. O coração do diabético, já liberado do líquido, recuperou o ritmo normal. A enfermeira agradeceu a ambos

— Agora é comigo — disse.

Arthur e Paul se despediram e saíram para o corredor. Paul colocou a cabeça na porta, sem conseguir evitar, e disse para o estudante: — Você é uma nulidade!

Enquanto caminhavam, disse para Arthur.

— Você me fez passar por momentos de pânico.

— Ela me ajudou, me disse tudo o que devia ser feito.

Paul meneou a cabeça.

— Vou acordar, e quando telefonar para você para contar-lhe o pesadelo que estou tendo, você vai rir. Você não pode imaginar como vai rir de mim!

— Vamos, Paul, não temos tempo a perder.

Entraram os três no aposento 505. Arthur apertou o interruptor e os tubos de néon começaram a vibrar. Aproximou-se da cama.

— Ajuda-me — disse a Paul.

— É ela?

— Não, é o sujeito ao lado... Pois é claro que é ela!! Aproxime a maca da cama.

— Você passou a vida fazendo isso?

— Isto é, passa as mãos por baixo dos joelhos e tenha cuidado com a perfusão. Quando contar até 3, nós a levantamos. Um, dois, três!

O corpo de Lauren foi colocado na maca com rodas. Arthur o cobriu, colocou o frasco da perfusão (trocando da cama para a maca) no gancho que ficava acima de sua cabeça.

— Fase um finalizada. Agora desçamos depressa, mas sem nos precipitarmos.

— Sim, doutor! — disse Paul mal-humorado.

— Vocês se desenvolvem bem — murmurou Lauren.

Foram até o elevador. Do outro extremo do corredor, a enfermeira chamou Arthur que virou-se lentamente.

— Sim?

— Tudo vai indo. Quer ajuda?

— Não, aqui tudo vai bem também.

— Obrigada, novamente.

— De nada.

Abriram-se as portas e entraram na cabine do elevador. Arthur e Paul suspiraram em uníssono.

— Três top-models, quinze dias no Havaí, um Testarossa e um veleiro.

— Como?

— Meus honorários por esta noite.

O vestíbulo estava vazio quando saíram do elevador. Cruzaram-no a passo rápido. Colocaram o corpo de Lauren na parte traseira da ambulância e depois, ocuparam seus respectivos assentos.

Em cima do assento de Arthur estavam os documentos de traslado acompanhados de uma nota: "Telefone, amanhã. Faltam os dados no formulário de traslado. Karen (415) 725 00 00 — extensão 2154 P.D.: Bom seguimento."

A ambulância saiu do Memorial Hospital.

— Pois é bem fácil levar um enfermo — comentou Paul.

— Porque não é algo que interessa a muita gente — disse Arthur.

— Parece-me compreensível. Onde vamos?

— Primeiro à minha casa, e depois a um lugar que também está em coma e que iremos os três despertar.

A ambulância seguiu por Market Street e virou em Van Ness. Em seu interior, reinava o silêncio.

Conforme o plano de Arthur, deveriam voltar à sua casa e transportar o corpo em seu carro. Continuando, enquanto Paul levava o veículo à oficina de seu pai, Arthur desceria todas as coisas preparadas para a viagem e para o sítio em Carmel. O material

farmacêutico havia sido cuidadosamente embalado e armazenado pelo grande frigorífico General Electric.

Ao chegar diante da garage, Paul acionou o comando para abrir a porta da mesma, mas esta não se moveu.

— Nas novelas policiais sempre acontecem coisas assim — disse.

— O que ocorre? — perguntou Arthur.

— Não, nas novelas policiais, o comparsa adota uma atitude menos afetada e mais metida e diz:

— «Que safadeza é esta?» Neste caso, trata-se da porta teledirigida de seu apartamento, que não se abre, e estamos em uma ambulância da oficina de meu pai, com um corpo dentro, diante de sua casa, numa hora em que todos os seus vizinhos levam os cães para fazerem xixi.

— Merda!

— É mais ou menos o que eu dizia, Arthur.

— Passe-me o comando.

Paul lho entregou, com um encolher de ombros. Arthur, nervoso, apertou o botão, mas a porta não se abriu.

— E, além de tudo, você me acha um imbecil!

— A pilha acabou — disse Arthur.

— Claro, é a pilha — replicou Paul, sarcástico. — Todos os gênios acabam sendo desafiados por culpa de um detalhe simples assim.

— Vou buscar uma pilha. Dê uma volta no quarteirão, enquanto isso.

— Reze para encontrar uma em alguma gaveta, gênio!

— Não responda e suba — interveio Lauren.

Arthur desceu da ambulância, e, subiu correndo a escada, entrou precipitadamente no apartamento e começou a procurar em todas as caixas.

Nenhuma pilha à vista. Esvaziou as gavetas da secretária, as da cômoda, as da cozinha... Enquanto isso, Paulo dava a quinta volta no quarteirão.

— Se conseguir não chamar a atenção de uma patrulha, é porque devo ser o sujeito mais sortudo de toda a cidade — falou Paul ao iniciar a sexta volta, um momento antes de aparecer um

carro de polícia. — Oras, não tive sorte, com mais um pouco, teria ido embora...

O veículo deteve-se perto e o policial fez sinal para que abaixasse a janela.

Paul obedeceu.

— Você está perdido?

— Não. Estou esperando um colega que subiu para pegar algumas coisas.

Vamos levar Daisy à oficina.

— Quem é Daisy? — perguntou o policial.

— A ambulância. É seu último dia, chegou sua hora... Passamos dez anos juntos, ela e eu, e é duro nos separarmos, sabe? Muitas lembranças, toda uma vida...

O policial assentiu com a cabeça. Entendia, sim, mas pediu que não se entretivesse muito. Do contrário, na central, começariam a receber chamadas.

Naquele bairro, as pessoas eram curiosas e inquietas — Eu sei, senhor, moro aqui. Assim que meu companheiro descer, iremos embora. Boa noite.

O policial também lhe deu boa noite e o carro da polícia foi embora. No interior, o motorista apostou dez dólares com seu colega como o rapaz não esperava ninguém.

— Seguramente não se decide a entregar o troço. A verdade é que deve estar triste, depois de passar dez anos conduzindo-o.

— Sim, mas são estes mesmos os que protestam, porque a Prefeitura não lhes dá dinheiro para renovar o material.

— Sim, mas dez anos unem muito.

— Unem muito, sim...

O apartamento estava quase tão revolto como o estado de espírito de Arthur. Ficou imóvel no meio do salão, tentando pensar em algo que os pudesse salvar.

— O comando da televisão — murmurou Lauren.

Virou-se para ela, estupefato, e correu para pegá-lo. Arrancou, literalmente, a tampa, retirou a pilha e a colocou rapidamente no comando da garage. Correu para perto da janela e apertou o botão.

Paul, furioso, dispunha-se a dar outra volta, quando viu que a porta estava se abrindo. Acelerou, rezando para que se fechasse mais depressa do que havia se aberto. “Era realmente a pilha”

Entretanto, Arthur desceu as escadas até a garage.

— Encontrei uma.

— Vou matar você.

— Em vez de acabar comigo, será melhor que você me ajude.

Além do que, temos trabalho.

— Mas se não faço outra coisa, além de ajudar você.

Retiraram o corpo de Lauren com grande delicadeza. Sentaram-no atrás, com o recipiente da infusão colocado entre seus dois braços, e o cobriram com uma manta. A cabeça descansava perto da portinhola; do lado de fora, todos acreditariam que estivesse dormindo.

— Tenho a impressão de estar em um filme de Tarantino — disse Paul, — com um bandido que elimina....

— Cale-se, não diga idiotices!

— E daí? Estamos sensíveis a besteiras esta noite? É você quem vai devolver a ambulância?

— Não, o que acontece é que ela se encontra do seu lado e você estava a ponto de dizer algo que poderia deixá-la nervosa.

Lauren apoiou uma mão em seu ombro.

— Não discutam. Os dois tiveram um dia difícil — disse, apaziguando — Você tem razão. Continuemos.

— Tenho razão quando não digo nada? — perguntou Paul.

— Vá para a oficina de seu pai — prosseguiu Arthur -. Passarei para apanhá-lo em dez minutos. Vou subir para pegar o resto das coisas.

Paul subiu na ambulância e saiu sem dizer nada. Dessa vez, a porta da garage abriu na primeira tentativa. No cruzamento da Rua União estava o carro de polícia ocupado pelos agentes que tinham conversado com ele antes, mas Paul não o viu.

— Deixe o carro passar e siga-o — disse um deles.

A ambulância fez a volta em Van Ness, seguida de perto pelo veículo 627 da Polícia Municipal. Quando, dez minutos mais tarde

entrou na oficina, os policiais diminuíram a marcha, e recomeçaram sua ronda normal. Paul jamais supôs que o tivessem seguido.

Arthur chegou um quarto de hora mais tarde. Paul saiu da ambulância e subiu no automóvel.

— Você fez uma giro turístico por San Francisco?

— Dirigi devagar por causa dela.

— Você planejou chegar ao amanhecer?

— Exato, e agora, relaxe, Paul. Falta pouco para terminar. Você acaba de me prestar um favor inestimável, eu sei; o que não sei é como dizê-lo. E você se arriscou, também o sei.

— Venha, conduz. Não suporto agradecimentos.

O carro saiu da cidade pela estrada 280 sul. Em seguida, pegaram o desvio em direção ao Pacífico, antes de entrarem na estrada número 1, a que conduz à baía de Monterey, para Carmel, a mesma que deveria ter tomado Lauren, uma

determinada manhã, no início do verão anterior, na direção de seu velho Triumph.

A paisagem era espetacular. As escarpas pareciam recortar-se na escuridão como um encaixe negro. Uma lua inacabada debulhada os contornos da estrada. Rodavam ao som de concerto para violino de Samuel Barber.

Arthur deixara Paul na direção e olhava pela janela. Ao final daquela viagem o esperava outro despertar. O de muitas lembranças adormecidas durante muito tempo.

Capítulo 10

Arthur havia estudado Arquitetura na Universidade de São Francisco. Aos vinte anos, vendera o pequeno apartamento que herdara de sua mãe e tinha ido para a Europa, onde, em Paris, cursou o Colégio Camando. Ficara num pequeno estúdio na rua Mazarine e vivera dois anos apaixonantes. Depois, fizera um curso de um ano em Florença, antes de retornar à Califórnia.

Com muitos diplomas, foi para o estúdio de Miller, arquiteto, desenhista, muito famoso na cidade, onde realizou dois anos de

trabalhos práticos, enquanto trabalhava, meio período, no Museu de Arte Modera. Ali, conheceu Paul, seu futuro sócio, com quem, dois anos mais tarde, montara um estúdio de arquitetura. Graças ao desenvolvimento econômico da região, o estúdio, pouco a pouco, foi adquirindo notoriedade, e, chegou a empregar cerca de vinte pessoas. Paul fazia os negócios e Arthur projetava: móveis, imóveis, casas e objetos. Jamais tinha havida qualquer sombra entre os dois amigos, aos quais nada ou ninguém mantinha separados um do outro, mais do que poucas horas somente.

Tinham muitos pontos em comum a uní-los. Um sentido similar da amizade, o prazer de viver e uma infância repleta de emoções comparáveis. As carências de ambos também eram idênticas.

Como Paul, Arthur tinha sido criado pela mãe. O pai abandonara a família, quando o menino estava com cinco anos e não mais apareceu; Arthur tinha três anos quando o pai partiu para a Europa. “Seu avião subiu tão acima, que permaneceu pendurado nas estrelas.”

Ambos cresceram no campos. Os dois tinham sido internos. Fizeram-se homens, sozinhos..

Lilian esperara muito, e, finalmente, havia dito adeus ao marido, ao menos aparentemente. Os dez primeiros de vida de Arthur foram fora da cidade, perto do mar do povo gentil de Carmel, onde Lili — assim como era conhecida sua mãe — tinha um casa enorme. Construída em madeira branca e rodeada por um grande jardim que descia até a praia. Antoine, um velho amigo de Lili, vivia num anexo à propriedade. Tratava-se de um artista que tinha ido parar ali, e que a quem Lili havia acolhido ou “recolhido” como diziam os vizinhos.

Ajudava-a com o jardim, cercas e fachadas de madeira, que pintavam quase todos os anos, assim conversas que varavam a noite. Amigo e cúmplice, para Arthur era a presença masculina que havia desaparecido anos antes de sua vida. Arthur começou a freqüentar o colégio municipal de Monterey. Pela manhã, Antoine o levava, e à tarde, às 4h, a mãe ia buscá-lo. Aqueles anos de vida foram preciosos. Além do que, sua mãe era sua melhor amiga. Lili ensinou-lhe tudo o que um coração pode amar. Às vezes, acordava

mais cedo, simplesmente para ensiná-lo a contemplar a vinda do sol, a escutar os ruídos do dia que nasce. Ensinou-o a distinguir os perfumes das flores. Pelo simples formato de uma folha, o fazia reconhecer a que árvore ela pertencia. Levava-o ao imenso jardim que rodeava a casa de Carmel que descia até o mar, para descobrir todos os detalhes de uma natureza que ela “descrevia” em algumas regiões, enquanto outras as denominava silvestres. Nas estações marcadas pelo verde e âmbar, o fazia dizer o nome dos pássaros que cantavam no alto das copas das árvores, em um parêntesis de sua longa viagem.

No horto que Antoine cultivava com veneração, o fazia colher as verduras que cresciam como mágica, só as que estivessem no ponto. À beira mar, o fazia contar as ondas que alguns dias iam acariciar as pedras, como para pedir perdão pela sua violência em outras estações,” para captar a respiração do mar, sua tensão, seu estado de ânimo”. “O mar sustenta nosso olhar; a terra, nossos pés”, dizia. Pela intensidade do vínculo que une as nuvens aos ventos, o ensinava com adivinhar o tempo que iria fazer, sem deixar dúvidas, e raras eram as vezes em que se equivocava. Arthur conhecia o jardim como a palma de sua mão, poderia locomover-se por ele, de olhos fechados, inclusive, andando de costas. Nenhum pedacinho lhe era desconhecido. Cada planta tinha um nome, e todo animal que decidia dormir ali para sempre, sua sepultura. Mas, acima de tudo, o havia ensinado a amar e a podar as rosas. O roseiral era um lugar impregnado de magia, onde se misturavam centenas de perfumes. Lili o levava ali para contar histórias, em que os meninos sonham tornarem-se adultos e os adultos tornar a serem meninos. De todas as flores, as rosas eram suas preferidas.

Uma manhã, no início do verão, entrou em sua casa ao alvorecer, sentou-se na cama, junto à cabeceira dele e começou a acariciar seus cabelos.

— Levante-se, Arthur, venha comigo.

O menino segurou os dedos de sua mãe, os apertou em sua mãozinha e se virou, com a face contra a palma de sua mão. Um sorriso que expressava perfeitamente a ternura do momento, iluminou sua face. A mão de Lili tinha um cheiro que não sairia

nunca da memória olfativa de Arthur. Uma mistura de várias essências de perfume que ela preparava sentada diante de seu toucador, e que todas as manhãs aplicava em seu colo. Uma dessas lembranças que seguem unidas à lembrança dos perfumes.

— Venha, querido, temos que fazer uma caminhada com o sol. Espero você na cozinha em cinco minutos.

O menino colocou suas calças velhas de algodão e um Jersey grosso e bocejou. Havia se vestido em silêncio — ela o tinha ensinado a respeitar a quietude do amanhecer — e tinha calçado suas botas, pois sabia perfeitamente onde iriam depois de tomar café. Quando ficou pronto, foi para a cozinha — Não faça barulho. Antoine ainda está dormindo.

Ela o havia ensinado a apreciar o sabor do café, mas, sobretudo seu aroma.

— Você está bem, Arthur?

— Sim.

— Então, abra os olhos e atentamente ao seu redor. Lembranças não podem ser efêmeras. Impregne-se das cores e dos materiais. A partir deles desenvolvem-se os gostos e as nostalgias que você terá quando for um homem.

— Mas se sou um homem!

— Queria dizer, um adulto.

— Os meninos são tão diferentes assim?

— Creio que sim. Os adultos têm receios que as crianças desconhecem, poderíamos assim dizer.

— Do que você tem medo?

Ela explicou-lhe que os adultos tinham medo de muitas coisas: medo de envelhecer, medo de morrer, medo do que não tinham vivido, medo de doenças, medo, inclusive dos olhares de olhares de outras crianças que os julgam.

— Você sabe por que você e eu nos damos tão bem? Porque eu não minto para você, converso com você, como conversaria com um adulto, porque não tenho medo. Confio em você. Os adultos têm medo porque não sabem ter em conta as coisas. Isto é que eu ensino a você. Agora, estamos vivendo um bom momento, composto de uma grande variedade de detalhes: nós dois, esta mesa, nossa

conversa, minhas mãos, que você está olhando faz algum tempo, o cheiro desta casa, a decoração que lhe é familiar, a calma do dia que desponta.

Levantou-se, pegou as xícaras e as deixou na pia. Depois, passou um pano na mesa, empurrando o montinho de migalhas até a borda, recolhendo-o com a mão. Junto à porta, havia um cesto de vime, cheio de utensílios de pesca. Por cima de tudo, havia pão, queijo e salsichão. Lili pegou o cesto com uma das mãos e deu a outra a Arthur.

— Venha, querido, está ficando tarde.

Mãe e filho percorreram o caminho que conduzia ao pequeno porto.

— Olhe esses barquinhos de todas as cores. Parece um ramo de flores marinhas.

Como de costume, Arthur entrou na água, tirou as amarras da embarcação e a empurrou até à margem. Lili colocou o cesto dentro dela e embarcou.

— Vamos, reme, querido.

O barco ia se distanciando, à medida que o menino remava. Antes de que o perfil da costa deixasse de ser visto, colocou os remos no interior do barco. Lili já havia colocado isca nos anzóis. Tal como costumava fazer, somente prepararia para ele a primeira isca; depois, ele teria que partir, sozinho, a minhoca, que se retorceria em seus dedos, produzindo-lhe um intenso asco.

Com o carretel de cortiça entre os pés, no chão do barco, passou o fio de náilon ao redor do dedo indicador e o colocou na água, puxado com o chumbo que o arrastaria à toda velocidade até o fundo. Se o lugar fosse bom, não tardaria em puxar um peixe.

Estavam sentados frente a frente, silenciosos faziam vários minutos. Ela o olhou com intensidade.

— Arthur, você sabe que não sei nadar. O que você faria se eu caísse na água?

— perguntou com voz estranha.

— Iria pegá-la — respondeu o menino.

Lili encolerizou-se imediatamente.

— Isso é uma estupidez!

Arthur ficou paralisado com a violência da réplica...

— Remar até chegar à terra, é o que você teria que fazer!
prossegiu Lili, gritando -. A única coisa que importa é a sua vida, não se esqueça jamais e jamais cometa a ofensa de fazer jogo com tal recomendação! Jure-me!

— Eu juro — disse o menino, atemorizado.

— Você está vendo? disse sua mãe, se acalmando... você deixaria que eu me afogasse.

Então o menino começou a chorar. Lili enxugou suas lágrimas com a parte posterior do dedo indicador.

— Às vezes, somos impotentes diante de nossos desejos, nossas inclinações ou nossos impulsos, e isto produz um tormento com frequência insuportável.

Esse sentimento vai acompanhá-lo por toda a vida; algumas vezes você vai esquecê-lo, e, em outras, será como uma obsessão. Uma parte da arte de viver depende da capacidade de cada um de combater sua própria impotência. É difícil, porque a impotência gera um pouco de medo, e este aniquila a capacidade de reagir, a inteligência e o senso comum, abrindo-lhe a porta para a fraqueza entrar. Você experimentará muitas espécies de medo. Luta contra eles, mas não os substitua por vacilações muito longas. Pense, decida e aja! Não duvide; a incapacidade para assumir as próprias opções gera certa dificuldade para viver. Cada pergunta pode converter-se em um jogo, cada decisão que você venha a tomar, poderá ensiná-lo a se conhecer, a se compreender.

»Faz que se mova o mundo, o seu mundo! Olhe esta paisagem que se oferece aos seus olhos, admire com que delicadeza a costa é pincelada, parece encaixe, o sol faz nela vibrar mil luzes, todas elas diferentes. Cada árvore se balança em sua velocidade, movida pelas carícias do vento. Você acredita que a natureza teve medo na hora de inventar tantos detalhes, tanta densidade? Mas, o mais belo que a terra nos deu, o que nos torna seres humanos, é a felicidade de compartilhar. Quem não sabe compartilhar, não tem emoções. Olhe, Arthur, esta manhã que estamos passando juntos ficará gravada em sua memória.

Quando eu já não estiver aqui, você vai pensar nela, e esta lembrança vai produzir bem-estar em você, por termos compartilhado este momento. Se eu caísse na água, você não deveria pular para me salvar; seria uma tolice. O que você faria, seria estender-me a mão para me ajudar a subir de novo a bordo, e, se você não conseguisse e eu me afogasse você teria sua consciência tranqüila.

Você teria tomado a sábia decisão de não se expor a morrer inutilmente, mas você teria tentado tudo para me salvar.

Enquanto ele remava até a orla, ela tomou sua cabeça em suas mãos e o beijou ternamente.

— Você está com pena de mim?

— Sim. Você jamais se afogará se eu estiver aqui. Apesar de tudo, eu pularei na água; tenho força para colocá-la no barco.

Lili morreu com a mesma elegância com que havia vivido. Na manhã seguinte de sua morte, o menino aproximou-se da cama de sua mãe.

— Por quê?

O homem que estava de pé junto à cama, nada disse. Baixou os olhos e olhou para o menino.

— Éramos tão unidos..., por que não se despediu de mim? Eu nunca teria feito uma coisa assim. Você que é maior, você sabe por quê? Diga-me! Tenho que saber, todo mundo mente sempre para as crianças, os adultos acreditam que somos ingênuos. Se você é valente, diga-me a verdade. Por que ela se foi assim, enquanto eu dormia?

O olhar de uma criança, às vezes faz com que nos lembremos que é impossível não responder à pergunta formulada.

Antoine apoiou as mãos em seus ombros...

— Não pode fazer outra coisa; a morte não espera que a convidemos, ela se impõe. Sua mãe acordou à meia-noite, com um dor terrível, esperou que o sol saísse, e apesar de toda sua vontade de permanecer desperta, se foi...

adormecida.

— Então, eu fui o culpado. Estava dormindo.

— Não, claro que não. Você não deve ver as coisas assim. Você quer saber o motivo por que ela se foi sem ter se despedido?

— Sim.

— Sua mãe era uma grande dama, e, todas as grandes damas sabem ir, dignamente, abandonando aos que as amam.

O menino olhou para os olhos emocionados do homem, percebendo uma cumplicidade que até então havia somente pressentido. Seguiu uma lágrima que corria por sua face e se colava em sua barba. O homem passou o dorso de sua mão por cima das pálpebras.

— Estou chorando — disse — , e você deveria fazer o mesmo. As lágrimas arrastam os sofrimentos para longe da dor..

— Chorarei mais tarde — disse o pequeno — . Este sofrimento, entretanto, me une a ela e quero prosseguir conservando-o. Ela era toda a minha vida.

— Não, jovem, sua vida está diante de você, não em suas lembranças. Isso é o que ela ensinou a você. Respeite-o, Arthur, jamais se esqueça o que ela dizia a você ainda ontem: "Todos os sonhos têm um preço." Você paga com sua morte o preço dos sonhos que ela deu para você.

— Pois estes sonhos são muito caros. Antoine, deixe-me sozinho.

— Mas, você está sozinho sem ela. Feche os olhos e você se esquecerá da minha presença; essa é a força das emoções. Você está sozinho consigo mesmo, e, agora, começa um longo caminho.

— Ela está bonita, não está? Eu achava que a morte me amedrontaria, mas eu vejo que ela está linda.

Pegou uma das mãos de sua mãe; as veias azuladas que apareciam na pele, muito clara e suave, pareciam descrever o curso de sua vida, longa, tumultuosa, colorida. Aproximou seu rosto do dela e acariciou lentamente sua face, antes de beijá-la.

Que beijo de homem poderia rivalizar com tanto amor?

— Eu amo você — disse — sempre a amei como um menino pode amar alguém, e, agora, você estará em meu coração de homem até o último dia.

— Arthur? — chamou Antoine.

— Sim...

— Pegue, é uma carta dela para você. Agora, vou deixá-lo só. Uma vez sozinho, Arthur pegou o envelope e aspirou o perfume que o impregnava. Abriu-o.

Querido Arthur:

Quando você ler esta carta, sei que em alguma parte, no seu íntimo, você estará muito aborrecido comigo por haver colocado você neste jogo.

Arthur, esta é minha última carta e é também meu testamento de amor.

Minha alma alça vôo impulsionada por toda a felicidade que você sempre me proporcionou. A vida é maravilhosa, Arthur, nos damos conta disso, quando as coisas sem importância saem, mas se saboreia com o apetite de todos os dias.

Em determinados momentos nos faz duvidar de tudo, mas jamais duvidei de você, meu anjo... Desde o dia em que você nasceu, vi em seus olhos essa luz que o faz um menino muito diferente dos demais. Vi você cair e levantar-se apertando os dentes, em circunstâncias que fariam qualquer outro menino chorar. Este valor é o que dá força a você, mas também é o seu ponto fraco.

Tenha cuidado; as emoções foram feitas para serem compartilhadas, a força e o valor são como dois bastões que podem virar-se contra quem os utiliza mal. Os homens também têm o direito de chorar, Arthur, os homens também sofrem.

A partir de agora já não mais estarei aí para responder às suas perguntas de criança, porque chegou o momento de você se transformar num pequeno homem.

No longo caminho que o espera, jamais perca sua alma de criança, jamais se esqueça de seus sonhos; eles serão o motor de sua existência, formarão o sabor e o cheiro de suas manhãs. Algum dia, você conhecerá um amor diferente do que o que você sente por mim. Quando chegar este dia, compartilhe-o com a pessoa que o amar; os sonhos vividos por um casal, constituem as lembranças mais belas. A solidão é um jardim onde a alma se torna seca; as flores que nela crescem não têm perfume.

O amor tem um sabor maravilhoso. Recorda que, para receber, precisa dar; lembre-se que, para poder amar, tem que ser sincero. Confie em seu instinto, filho, seja fiel à sua consciência e às suas emoções, viva a sua vida, você só tem uma. Agora você é responsável por você mesmo e por aqueles a quem você ama. Seja digno, ame, não perca este olhar que tanto nos unia quando compartilhávamos o amanhecer.

Recorda as horas que passamos juntos podando roseiras, contemplando a lua, identificando o perfume das flores, escutando os barulhos da casa para compreendê-

los. São coisas muito singelas, poderão parecer antiquadas, algumas vezes, mas não deixe que pessoas amarguradas ou enfastiadas desvirtuem estes instantes que são mágicos para quem sabe vivê-los. Tais momentos têm um nome, Arthur: fascinação.

E, que sua vida seja uma fascinação, só depende de você. Esta é a maior alegria desta longa viagem que o espera.

Meu filho, eu o deixo. Agarre-se à terra, é muito bela. Eu o amo, você foi minha razão de viver, e, sei também o quanto você me ama. Sigo, tranqüila, estou orgulhosa de você.

Mama

O menino dobrou a carta e a guardou no bolso. Beijou a fronte de sua mãe.

Percorreu a biblioteca, passando os dedos pelos livros. “A morte de uma mãe compara-se ao incêndio de uma biblioteca” dizia ela. Saiu da casa, caminhando com passo decidido, como ela o havia ensinado: “Quando um homem se vai, não deve jamais voltar.” Arthur foi para o jardim; o amanhecer tinha um frescor suave. O menino se aproximou das roseiras e se ajoelhou.

— Você partiu, já não virá podar os galhos. Se você soubesse — disse —, se você pudesse compreender... Tenho a impressão de que meus braços estão muito pesados.

O vento fez as flores responderem, movendo suas pétalas; somente então, Arthur derramou suas lágrimas ali, no roseiral. Na casa, de pé na varanda, Antoine contemplava a cena.

— Lili, você se foi demasiadamente cedo para ele, demasiadamente cedo.

Arthur ficou só. Quem, senão você sabia entrar no universo dele? Se você tem algum poder onde você está agora, abre-o às portas de nosso mundo.

Um corvo graniu no fundo do jardim, com todas as suas forças.

— Ah, não, Lili, isso não — disse Antoine — . Eu não sou pai dele.

Aquele foi o dia mais amargo que Arthur viveu, a noite bem adiantada, sentado na varanda, respeitando o silêncio daquele momento tão doloroso.

Antoine estava sentado a seu lado, mas nenhum dos dois falava. Ambos escutavam os ruídos da noite, submersos na memória daquelas paredes. Pouco a pouco, os acordes de uma música até então desconhecida, começaram a dançar na cabeça do menino: as colcheias faziam cair os substantivos, as brancas, os advérbios, as negras, os verbos, e os silêncios, todas as frases que já não queriam dizer nada.

— Antoine?

— Sim, Arthur...

— Ela deu sua música.

E, em seguida, o menino dormiu nos braços de Antoine.

Antoine permaneceu imóvel longo tempo, segurando Arthur num braço, com medo de acordá-lo. Quando estava certo de que ele dormia

profundamente, pegou-o e entrou em casa. Só haviam decorrido umas horas que Lili havia partido e a atmosfera já havia mudado. Uma ressonância indescritível, certos odores e certas cores pareciam espalhar-se, para irem desaparecendo.

“Temos que gravar nossas lembranças, congelar estes instantes”, murmurava Antoine enquanto subia a escada. Ao chegar ao quarto de Arthur, deixou o menino na cama e o cobriu com uma manta, sem tirar sua roupa. Antoine acariciou a cabeça do menino e saiu na ponta do pé.

Lili, antes de ir-se, havia previsto tudo. Umas semanas depois de sua morte, Antoine fechou o casarão e somente deixou abertas as

duas moradias debaixo, onde se instalou para viver o resto de seus dias. Levou Arthur à estação e o acompanhou até um trem que o conduziria a um internato. Ali, Arthur cresceu sozinho. A vida de interno era agradável; respeitava os professores, e até amava alguns. Sem dúvida, Lili havia escolhido o melhor lugar para ele.

Aparentemente, naquele universo não havia tristeza.

Mas ao entrar, Arthur levou as recordações que sua mãe deixara e encheu sua cabeça com elas, até que passassem a ocupar todo o espaço. Aprendeu a não viver mal. Com os dogmas de Lili, elaborava atitudes, gestos, raciocínios lógicos sempre implacáveis. Arthur era um menino tranqüilo; o adolescente que o sucedeu conservou a mesma lógica, além de desenvolver um sentido de observação fora do comum. O jovem no qual se converteu parecia não ter grandes arrebatos. Foi um aluno normal, nem excelente nem ruim; suas notas situavam-se sempre ligeiramente acima da média, a não ser em história, onde se destacava, e foi aprovado com tranqüilidade em todos os cursos até terminar o ensino secundário. Terminada esta etapa, foi convocado pela diretoria do colégio numa tarde de junho pela diretora do colégio. Esta contou-lhe que sua mãe, ao saber que estava muito doente, a tinha procurado. Passara horas e horas falando sobre todos os detalhes da educação de Arthur. Seus estudos estavam pagos até atingida a maioridade. Ao sair, havia dito que incumbiria a Sra. Senard, a diretora, de vários assuntos. As chaves da casa de Carmel, onde ele havia crescido, e, as de um pequeno apartamento na cidade. O apartamento estivera alugado até o último mês, mas encontrava-se livre agora, de acordo com as instruções de sua mãe, para quando ele atingisse a maioridade. O

dinheiro do aluguel estava depositado numa conta em seu nome, assim como o resto das economias que ela havia legado. Uma boa quantia que iria permitir que ele cursasse o ensino superior, e, muito mais.

Arthur pegou o molho de chaves que a Sra. Senard deixara na mesa. O

chaveiro era uma bolinha de prata com uma ranhura no meio e um minúsculo fecho. Arthur o levantou e a bola se abriu, mostrando

uma minúscula foto de cada lado. Uma, de quando ela tinha sete anos, e a outra, de Lili. Arthur apertou com carinho o chaveiro.

— Que estudos superiores você quer fazer? — perguntou a diretora.

— - Arquitetura. Quero ser arquiteto.

— Você não irá a Carmel, a sua casa?

— Não, por enquanto não. Mais para frente.

— Por quê?

— Ela sabe porque. É um segredo.

Ambos se levantaram e quando chegaram à porta do escritório, ela o abraçou com força. Então, pegou a mão de Arthur e colocou um envelope nela.

— É dela — sussurrou em seu ouvido — É para você. Me pediu que lhe entregasse neste momento.

Enquanto a Sra. Senard abria a porta, Arthur caminhou pelo corredor, sem se voltar, com as enormes e pesadas chaves numa mão e a carta na outra. Subiu os degraus da enorme escada, e então, a diretora fechou as grandes portas de seu escritório.

Capítulo 11

O automóvel percorria os últimos minutos daquela longa noite; os faróis iluminavam as faixas laranja e branco que se alternavam entre cada curva traçada na beira do caminho e cada linha reta marcada por um pântano e uma praia deserta. Lauren estava cochilando; Paul conduzia em silêncio, concentrado na direção e em seus pensamentos. Arthur aproveitou este momento para tirar discretamente do bolso aquele carta que havia guardado ali, quando pegou o molho das chaves da escrivania de sua casa.

Quando abriu o envelope, um cheiro carregado de lembranças saiu de seu interior, mistura das essências que sua mãe preparava em uma grande garrafa de cristal amarelo com a tampa de prata sem brilho. O aroma que saiu do envelope trouxe as lembranças que Arthur tinha dela. Pegou a carta e a desdobrou com cuidado.

Querido Arthur:

Se você estiver lendo esta carta, é porque no final de contas, você decidiu ir até Carmel..

Gostaria muito de saber quantos anos você tem agora.

Você tem nas mãos as chaves da casa onde juntos passamos anos preciosos. Sabia que você não voltaria logo, que você iria esperar até sentir-se preparado para despertá-la.

Querido Arthur, dentro em pouco, você vai cruzar esta porta, cujo som me é muito familiar. Você vai percorrer os aposentos impregnados de certa nostalgia. Você vai abrir, pouco a pouco, os postigos para deixar entrar a luz do sol. Você vai retornar ao roseiral e, pouco a pouco, você se aproximará das rosas. Depois de todo esse tempo, naturalmente, deverão estar sem cultivo.

Você também entrará em meu escritório e irá se instalar nele. No armário você irá encontrar uma pequena maleta preta; abra-a se você tiver vontade e força. Contêm cadernos com páginas que eu escrevi para você todos os dias, durante sua infância.

Você tem a vida diante de si; e você é seu único dono. Seja digno de tudo o que eu amei.

Eu o amo e aqui de cima, velo por você.

Sua mãe,

Lili

Amanhecia, quando chegaram à baía de Monterey. O céu estava coberto de uma seda rosa claro, trançada em largas faixas ondulantes, que em alguns pontos pareciam unir-se ao mal, no horizonte. Arthur indicou o caminho.

Haviam decorridos anos. Ele nunca havia percorrido aquela estrada sentado na frente do carro, mas cada quilômetro lhe era familiar, cada cerca e cada lugar que ultrapassavam voltavam de suas recordações de criança. Fez um sinal com a mão quando deixaram a estrada principal. Depois da próxima curva, vislumbrariam os limites do sítio. Paul seguiu suas indicações; chegaram a um caminho de terra fustigado pelas chuvas de inverno e seca pelos calores do estio. Ao dobrar uma curva, o portão de ferro verde apareceu diante deles — Chegamos — disse Arthur.

— Você tem as chaves?

— Sim, vou abrir. — Desceu do carro — Vá até a casa e me espere ali — irei a pé.

— Ela vai com você ou fica no carro?

Arthur inclinou-se até a altura da janela e respondeu: — Pergunte para ela.

— Não, prefiro não fazê-lo.

— Vou deixá-lo sozinho. Acredito, que por hora, seja melhor assim — disse Lauren, dirigindo-se a Arthur.

— Que sortudo! Ela vai ficar com você! — Arthur falou para Paul, sorrindo.

O carro se distanciou, levantando uma nuvem de poeira. Ao pisar o solo, Arthur contemplou a paisagem que o rodeava. Vastos galões de terra ocre, com alguns pinheiros pioneiros e árvores, seculares que pareciam estender-se até o mar. O solo estava semeado de agulhas avermelhadas pelo sol. Subiu a pequena escada de pedra que margeava o caminho. Já na metade do percorrido, vislumbrou os restos do roseiral à sua direita. O jardim estava abandonado; uma variedade de perfumes misturados provocavam, a cada passo, uma dança incontável de lembranças olfativas.

À sua aproximação, as cigarras calaram-se por instante, antes de retomarem seu canto com ímpeto renovado. As altas árvores se inclinavam, movidas pelo vento ligeiro da manhã. Algumas ondas batiam nos rochedos. À sua frente, viu a casa adormecida, tal qual a deixara em seus sonhos. Parecia-lhe menor; a fachada havia sofrido alguns desgastes, mas o telhado se encontrava intacto. Os postigos estavam fechados. Paul estacionara o carro e o esperava fora do mesmo.

— Você demorou!

— Mais de vinte anos!

— O que faremos?

Colocariam o corpo de Lauren no escritório, no andar inferior. Arthur introduziu a chave na fechadura, e, sem vacilar, girou-a, abrindo-a. A memória contém fragmentos de lembranças que podem ser trazidos à superfície, em qualquer momento, sem que saibamos o porque. Até o ruído do fecho lhe pareceu familiar. Entrou no corredor, abriu a porta do escritório, à esquerda da entrada, cruzou

a habitação e abriu os postigos. Deliberadamente, não prestou qualquer atenção ao que o rodeava; o momento de redescobrir aquele lugar viria mais tarde, e havia decidido viver plenamente estes instantes. Com rapidez descarregaram as caixas, instalaram o corpo no sofá-cama e aplicaram de novo a perfusão. Arthur abriu os postigos. Depois pegou um embrulho marrom, e, convidou Paul a acompanhá-lo até a cozinha — Vou fazer café. Abra o pacote.

Do armário que ficava em cima do fogão, tirou um objeto metálico de forma singular, composto de duas peças simétricas e opostas. Começou a separá-las, fazendo girar cada uma das metades em sentido inverso.

— O que é isso? — perguntou Paul

— É uma cafeteira italiana.

— Uma cafeteira italiana?

Arthur explicou-lhe como funcionava. O mais interessante era que não era preciso utilizar filtro de papel, e assim o aroma se conservava muito melhor.

Colocava-se duas ou três colheres cheias de café em um pequeno depósito localizado na parte inferior, depois de enchê-la com água, e à parte de cima. As peças eram novamente fechadas, enroscadas, e se colocava o aparelho no fogo.

Ao ferver, a água subia, atravessava o café armazenado no pequeno depósito com água e chegava à parte superior, filtrada simplesmente por uma fina rede metálica. O único truque consistia em se retirar no tempo certo a cafeteira do fogo, para que a água não fervesse na parte de cima, pois já não era água, era café, e café fervido é uma droga. Quando Arthur terminou a explicação, Paul comentou:

— Que coisa! é preciso ser engenheiro bilíngüe para fazer café na sua casa?

— O faz falta é talento, porque tudo é um cerimonial.

Fazendo um gesto de dúvida em resposta à última réplica do amigo, Paul estendeu-lhe o pacote de café. Arthur abriu o botijão de gás, que estava sob o fogareiro.

Depois girou a chave à esquerda da cozinha, e, finalmente, o queimador.

— Você acredita que tenha gás?

— Antoine nunca teria deixado a casa com um botijão de gás vazio na cozinha, e asseguro-lhe que há pelo menos outros cheios na garage.

Paul, maquinalmente, apertou o interruptor junto à porta. Uma luz amarelada invadiu o aposento.

— Como você fez para que haja energia elétrica nesta casa?

— Telefonei ontem à companhia para que a religassem, e também, à companhia de água, não se preocupe. Mas, apague. Tem que tirar o pó das lâmpadas para que não explodam quando se aquecerem.

— Onde você aprendeu a fazer café italiano e a tirar pó das lâmpadas para que não explodam?

— Aqui mesmo, homem, nesta casa... essas coisas e muitas mais.

— E o café? Sai ou não sai?

Arthur colocou duas xícaras na mesa de madeira e serviu a bebida bem quente.

— Espere um pouco antes de beber — disse

— Por quê?

— Porque, do contrário, você vai se queimar, e além do mais, você primeiro tem que cheirar. Deixe que o aroma penetre em suas narinas.

— Você está me enchendo com este seu café confuso, e, no meu nariz nada penetra! Estou sonhando: "Deixe que o aroma penetre em suas narinas." Mas, pode-se saber de onde você tira essas frases?

Paul levou a xícara aos lábios, deu um gole e cuspiu de imediato o pouco líquido bem quente que havia tomado. Lauren se colocou atrás de Arthur e o abraçou. Apoiou a cabeça em seu ombro e sussurrou em seu ouvido: — Gosta deste lugar, me sinto bem aqui, é relaxante.

— Onde você estava?

— Percorrendo a casa, enquanto vocês filosofavam sobre o café.

— E?

— Você está falando com ela? — interveio Paul em tom exasperado.

Sem prestar a menor atenção à pergunta de Paul, Arthur dirigiu-se a Lauren: — Você gosta?

— Teria que ser muito exigente para não gostar — respondeu ela -. Mas, você tem que me contar alguns segredos. Este lugar está cheio deles; percebo-os entre as paredes e os móveis.

— Se eu incomodo, faça de conta que não estou aqui. — insistiu Paul.

Lauren não queria ser ingrata, mas sussurrou a Arthur que ficaria encantada se ficasse a sós com ele. Estava impaciente para que ele lhe mostrasse toda a propriedade. E, acrescentou que estava louca para que conversassem. Ele perguntou sobre o que.

— Sobre isto, sobre o passado — disse ela.

Paul esperava que Arthur se dignasse dirigir-se a ele, finalmente, mas este continuava conversando com sua companheira invisível, e assim, decidiu interrompê-los.

— Bem, Você ainda precisa de mim? Porque se não, volto para San Francisco.

Tenho trabalho no escritório, e além disso, suas conversas com fantasmas me deixam nervoso.

— Você poderia ter uma mente menos fechada não?

— Como? Creio não ter ouvido bem. Você acaba de dizer à pessoa que o ajudou a retirar um corpo de um hospital, num domingo à noite, com uma ambulância roubada, e com quem você toma um café italiano a quatro horas de distância de sua casa, sem ter dormido toda a noite, que poderia ter uma mente menos fechada? Você está pirado!

— Não queria dizer isso.

Paul não sabia o que havia querido dizer, mas preferia ir embora, antes que tivessem uma discussão.

— Porque poderia acontecer, você sabe?, e seria uma lástima, tendo em conta todos os esforços feitos até agora.

Arthur, preocupado, perguntou ao amigo se não estava muito cansado para percorrer o caminho de volta. Este o tranqüilizou. Com o "café italiano"

(insistiu, ironicamente no final) que acabara de beber, levaria pelo menos 24

horas antes que o cansaço se atrevesse a pousar sobre suas pálpebras. Arthur não fez caso do sarcasmo. Paul, por sua vez, estava preocupado de deixar o amigo sem automóvel, naquela casa abandonada.

— O velho Ford está na garage.

— Quando circulou a última vez?

— Faz tempo!

— E vai pegar?

— Seguramente. Carregarei a bateria e ele arrancará.

— Seguramente! Além do que, depois de tudo, se você ficar em maus lençóis aqui, avise. Eu já fiz muito por esta noite.

Arthur acompanhou Paul até o carro.

— Não se preocupe mais comigo. Você me ajudou demais!

— Mas claro que preocupo com você. Em circunstâncias normais deixaria você sozinho nesta casa, angustiado com a idéia de que poderia ter fantasmas nela. Mas é você quem traz o fantasma.

— Pare!

Paul colocou o motor em marche. Antes de ir-se abaixou a janela.

— Você está seguro de que tudo vai dar certo?

— Sem dúvida.

— Bom, então já vou.

— Paul...

— O quê?

— Obrigado por tudo o que você fez.

— Não foi nada.

— Sim, foi muito. Você se arriscou por mim, sem entender nada, simplesmente por lealdade e amizade. Isso é muito e eu o sei.

— Já sei que você o sabe. Bem, já vou, ou soltaremos uma lagrimazinha.

Cuide-se e me telefone para contar como vai tudo.

Arthur prometeu e o automóvel perdeu-se de vista. Lauren apareceu na escada da entrada.

— Bem — disse — me conte sobre a propriedade?

— Por onde começamos, por dentro ou por fora?
— Antes de mais nada, onde estamos?
— Na casa de Lili.
— Quem é Lili.
— Era minha mãe. E aqui eu passei metade de minha infância.
— Faz tempo que ela morreu?
— Sim, muito tempo.
— E você não havia voltado aqui?
— Nunca.
— Por quê?
— Entra. Falaremos sobre isso mais tarde, depois da visita.
— Por quê? — insistiu Lauren.
— Tinha me esquecido de que você é a reencarnação de uma mula. Por que isto, por que aquilo? ...
— E fui eu quem o fez vir?
— Você não é o único fantasma de minha vida — disse Arthur em voz baixa..
— Parece-lhe difícil estar aqui...
— Difícil não é a palavra. Digamos, melhor, que é importante para mim.
— E você o fez por mim?
— Eu o fiz porque tinha chegado o momento de fazê-lo.
— O quê?
— Abrir a maleta negra.
— Você se importa de dizer-me o que tem nesta maleta negra?
— Recordações.
— Você tem muitas aqui?
— Quase todas. Era minha casa.
— E depois daqui?
— Depois, reparei que o tempo passara muito depressa. Cresci completamente só.
— Sua mãe morreu de repente?
— Não, morreu de câncer. Ela o sabia, mas para mim foi muito repentino.
Acompanhe-me, vou mostrar-lhe o jardim.

Os dois saíram e Arthur levou Lauren até o mar que bordeava o jardim.

Sentaram-se nas pedras.

— Se você soubesse quantas horas eu passei sentado aqui com ela... Contava as cristas das ondas, fazendo apostas. Vínhamos com frequência ao mar para ver o por do sol. Muita gente daqui, passa em torno de meia hora na praia para presenciar o espetáculo. Cada dia é diferente. Devido à temperatura do mar, o ar, e outras coisas, as cores do céus nunca são iguais. Da mesma forma que na cidades, a gente retorna para casa para assistir ao noticiário, aqui a gente sai para ver o por do sol. É um ritual.

— Você morou muito tempo aqui?

— Quando ela morreu, eu era uma criança, tinha apenas dez anos.

— Esta tarde me traga para ver o por do sol!!

— Aqui é obrigatório — ele disse sorrindo.

Atrás deles, a casa começava a brilhar, iluminada pela claridade da manhã. A fachada que dava para o mar estava deteriorada, mas a construção em seu conjunto, havia resistido bem ao passar dos anos. Quem visse o exterior, não suporia que houvesse levado tanto tempo dormindo.

— Agüentou bem — comentou Lauren.

— Antoine era um maníaco por manutenção. Jardineiro, mestre de bricolagem, pescador, guardião da casa... Era um escritor que veio parar aqui, e, a quem mamãe cedeu o albergue. Vivia no pequeno anexo. Antes que meu pai sofresse o acidente de avião, era amigo de meus pais. Creio que sempre esteve enamorado de minha mãe, inclusive quando meu pai ainda era vivo. Eu suspeito que se tornaram amantes, mas muito mais tarde. Os dois falavam pouco, pelo menos enquanto eu estivesse perto, mas entre eles havia uma enorme cumplicidade. Entendiam-se com um simples olhar. Curaram em seus silêncios comuns, todas as violências de suas respectivas vidas. Reinava entre eles um sossego que chegava a ser desconcertante, como se houvessem se imposto o dever de não experimentar nunca mais a rebeldia.

— O que aconteceu com ele?

Refugiado no escritório, no lugar onde haviam colocado o corpo de Lauren, sobrevivera dez anos a Lili. Antoine passara o final de sua vida fazendo a manutenção da casa. Lili deixou-lhe algum dinheiro; seu estilo era provê-lo de tudo, inclusive do imprevisível. Antonio morreu no hospital num princípio de inverno. Uma manhã ensolarada e fresca, acordara cansado. Enquanto engraxava as dobradiças da porta de entrada, sentira um grande dor no peito.

Avançara por entre as árvores buscando o ar que lhe faltava. O velho pinheiro baixo onde fazia a *siesta* na primavera e no verão o havia acolhido embaixo de suas ramas, quando, incapaz de se sustentar, caiu. Com muita dor, arrastou-se até a casa e pedira ajuda a uns vizinhos. Havia sido transportado para o hospital de Monterey, onde faleceu na segunda-feira seguinte. Diziam que havia preparado sua partida. Depois de sua morte, o tabelião contactou Arthur para perguntar-lhe o que deveria fazer com relação à casa.

— Disse-me que ficara estupefato quando veio aqui. Antoine deixou tudo em ordem, como se estivesse com viagem marcada, no dia em que ficou doente.

— Talvez pensasse fazê-lo.

— Antoine, viajando? Não, nunca... Se para conseguir que fosse a Carmel fazer compras tinha que começar a negociar vários dias antes.... Não, eu creio que teve o instinto dos elefantes velhos, que pressentiu que chegava a hora; ou talvez, tivesse tido o bastante e se abandonou.

Para explicar seu ponto de vista, lembrou-se da resposta de sua mãe a uma pergunta que um dia ele havia feito sobre a morte. Arthur queria saber se os adultos tinham medo de morrer, e ela lhe tinha dado a seguinte resposta, que tinha muito fresca em sua memória: "Quando você passou um ótimo dia, levantando-se cedo para acompanhar-me na pescaria, correndo e trabalhando nos roseirais com Antoine, ao chegar a noite, você está cansado, e ainda que habitualmente você não goste de ir para a cama, você se sente feliz em meter-se sob os lençóis para adormecer. Nessas noites, você não fica com medo de dormir. Pois bem, a vida é de certo modo, como um desses dias. No princípio, experimentamos certa tranqüilidade, dizendo para nós mesmos, que um dia

descansaremos. Talvez porque, com o tempo, o corpo nos impõe as coisas com menos facilidade. Tudo se torna mais difícil e fatigante, e assim, a idéia de dormir para sempre já não dá mais medo como antes.”

— Mamãe já estava enferma e creio que sabia do que falava.

— O que você respondeu?

— Me agarrei a seu braço e perguntei-lhe se estava “cansada”.

Ela sorriu.

Enfim, o que eu queria dizer com tudo isto, é que não creio que Arthur estivesse cansado de viver, no sentido depressivo; creio que havia adquirido uma forma de sabedoria.

— Como os elefantes — disse Lauren em voz baixa.

Encaminharam-se em direção à casa, mas Arthur, sentindo-se preparado para entrar no roseiral, desviou-se..

— Por aqui, vamos ao coração do reino, o roseiral...

— Por que é o coração do reino?

Era o Lugar! Lili se entusiasmava com as rosas. Era o único tema sobre o discutira com Antoine.

— Ela conhecia a fundo todas as flores. Você não podia cortar uma sequer, sem que ela se desse conta.

Havia uma quantidade inimaginável de variedades. Ela pedia mudas por catálogo e as desfrutava, cultivando espécies do mundo inteiro, sobretudo se na descrição estivesse especificado que o desenvolvimento da planta requeria condições climáticas bem diferentes das daquele lugar. Era uma teimosa, desmentia os floricultores e conseguia que as mudas vingassem.

— Havia muitas?

Ele contara até cento e trinta e cinco. Durante uma tempestade, sua mãe e Antoine levantaram-se à meia-noite, tinham corrido até a garage e pego uma lona que devia medir dez metros de largura, por trinta de comprimento.

Antoine tinha enganchado três pontas da lona no alto de algumas árvores, e ambos sustentaram a última com as mãos, subindo um num tamborete e o outro numa cadeira. Tinham passado assim, parte da noite, sacudindo aquele guarda-chuva

gigante, quando se tornava muito pesado, devido à quantidade de água acumulada. A tormenta tinha durado mais de três horas.

— Se tivesse ocorrido um incêndio dentro de casa, estou certo de que não ficariam tão excitados. Se os tivesse visto no dia seguinte... Estavam destroçados.

Mas, o roseiral estava salvo.

— Olhe! — disse Lauren ao entrar no jardim. — Ainda existem muitas!!!

— Sim, são rosas silvestres. Essas não temem nem ao sol nem à chuva, e é preciso ter cuidado ao cortá-las, pois estão repletas de espinhos. Passaram boa parte do dia descobrindo e redescobrando o imenso jardim que rodeava a casa.

Arthur ensinou a Lauren os nomes das árvores, mostrou-lhe as inscrições que fizera no corte de algumas. Passando diante de um dos pinheiros, assinalou o lugar onde tinha quebrado a clavícula.

— Com foi?

— Estava maduro e cai da árvore.

O dia transcorreu sem que se dessem conta. Na hora prevista, foram de novo para beira mar, sentaram-se nos rochedos e contemplaram o espetáculo que pessoas de todo o mundo querem ver. Lauren abriu os braços e exclamou:

— Miguel Ângelo está em forma esta tarde!

Arthur a olhou sorridente. A noite caiu depressa. Refugiaram-se na casa.

Arthur se ocupou com “os cuidados do corpo” de Lauren. Depois acendeu a chaminé do pequeno salão onde se instalaram depois que ele comeu alguma coisa.

— E essa maleta negra que você mencionou, o que é?

— Nada escapa a você!

— Presto atenção, simplesmente.

— É uma maleta que pertencia a minha mãe. Ali guardava todas suas cartas e todas as suas lembranças. Creio que ela contém o que era essencial em sua vida.

— Por quê?

A maleta era um grande mistério. Ele podia mexer em tudo que estivesse na casa, menos no armário onde ela estava guardava.

Proibido expressamente de aproximar-se dele.

— E eu lhe asseguro não me teria arriscado a fazê-lo!

— Onde está?

— Aí ao lado, no escritório.

— Não acredito que você nunca tenha voltado para abri-la!

Devia conter toda a vida de sua mãe, e não tinha querido precipitar este momento; tinha dito a si próprio que precisava ser adulto e estar consciente de verdade para abri-la e compreender tudo.

— Bom, na verdade, sempre fiquei com muito medo — confessou finalmente ao observar a expressão incrédula de Lauren.

— Por quê?

— Não sei..., medo de que a imagem que conservei dela, pudesse mudar, medo de que a tristeza me invadisse.

— Vá buscá-la!

Arthur não se moveu. Ela insistiu, dizendo-lhe que não havia porque ter medo. Se Lili havia colocado toda sua vida em uma maleta, sem dúvida a razão seria para que um dia, seu filho quisesse saber quem ela tinha sido.

— O risco de amar é amar tanto os defeitos como as qualidades, porque não podem ser separados. Do que você tem medo? De julgar sua mãe? Você não tem alma de juiz. Você não pode fingir que o conteúdo da maleta não existe, você está infringindo sua lei.. Vou deixá-lo para que você saiba tudo sobre ela, para prolongar o que o tempo não o deixou fazer, para que você a conheça de verdade, não apenas como criança, mas também com os olhos de seu coração de homem!

Arthur refletiu uns instantes no que Lauren lhe dissera. Levantou-se, sem deixar de olhar para ela, foi ao escritório e abriu o famoso armário. Contemplou a pequena maleta negra que tinha diante de si, sobre uma prateleira, pegou-a e trouxe todo aquele passado até o presente. De volta ao pequeno salão, sentou-se ao chão com Lauren e os dois se olharam como dois meninos que acabaram de encontrar o tesouro de Barba Azul. Após ter recuperado o fôlego, empurrou o fecho e a tampa se abriu. A maleta transbordava de envelopes de todos os

tamanhos cheios de cartas e fotos; também continha pequenos objetos: um aviãozinho de massa que Arthur tinha feito um ano para o Dia das Mães, um cinzeiro de argila com motivo natalino, um colar de conchas de origem desconhecida, sua colherinha de prata e seus sapatinhos de bebê. Uma autêntica caverna de Ali Babá. No interior da tampa havia uma carta dobrada e fechada com um *clips*. Lili escrevera o nome de Arthur com letras grandes. Ele a abriu.

Querido Arthur:

Finalmente, você está em sua casa. O tempo cura todas as feridas, ainda que nos deixe algumas cicatrizes. Nesta maleta você encontrará todas as minhas recordações, as que tenho de você e as de antes de seu nascimento, tudo o que não lhe contei, porque você era muito pequeno. Você vai descobrir sua mãe com outros olhos, ficando inteirado de muitas coisas; porque, além de ser sua mãe, fui também uma mulher, com meus medos, minhas dúvidas, meus fracassos, minhas tristezas e minhas vitórias. Para dar-lhe todos os conselhos que eu lhe dava, também foi preciso que eu me equivocasse, coisa que me acontecia com frequência. Os pais são montanhas que alguém passa a vida escalando, sem saber que um dia, nós mesmos desempenharemos seus papéis.

Não há nada mais complexo do que educar um filho. Passamos a vida inteira ensinando-o sobre o que acreditamos ser justo, e, sabendo ao mesmo tempo que estamos constantemente equivocando-o. Mas, para a maioria dos pais, tudo é amor, ainda que às vezes não se possa evitar certo egoísmo. A vida não é um sacerdócio. O dia em que fechei esta maleta, temi decepcioná-lo. Não lhe deixei julgar como adolescente. Não sei que idade você terá quando ler esta carta. Imagino-o como sendo um jovem de trinta anos, talvez mais. Como teria adorado ter vivido todos esses anos com você! Se você soubesse o vazio que me deixa a idéia de não tornar a vê-lo pela manhã, quando você abre os seus olhos, de não tornar a ouvir o som de sua voz quando você me chama... Pensar, me é mais difícil do que a enfermidade que me leva para tão longe de você. Sempre fui apaixonada por Antoine, mas não vivi este amor, por medo. Medo de seu pai, medo de prejudicá-lo, medo de destruir o que havia construído, medo de confessar a mim mesma

de que tinha me equivocado. Tive medo na ordem estabelecida, medo de tornar a começar, medo de que não desse certo, medo de que fosse um sonho. Não vivê-lo foi um pesadelo. Pensava, noite e dia, e eu mesma me proibia.

Depois de morte de seu pai, o medo continuou: medo de trair, medo por você. Tudo aquilo foi uma grande mentira. Antoine me amou como toda mulher desejaria ser amada, pelo menos uma vez na vida. E eu não soube corresponder, por culpa de uma grande covardia. Eu desculpava minhas fraquezas, me contentava com este melodrama barato, e, negava-me a ver que minha vida passava velozmente, e que eu passava ao seu lado. Seu pai era um homem admirável, mas Antoine para mim, era um homem único; ninguém me olhava como ele; ninguém falava comigo como ele. Ao seu lado, nada podia me acontecer, eu me sentia inteiramente protegida. Ele compreendia todos os meus desejos e não parava enquanto não os satisfizesse. Toda

sua vida era baseada na harmonia, na delicadeza, no saber dar, enquanto eu buscava batalhas como razão de existir e ignorava tudo sobre o saber receber. Estava aterrorizada, me obrigava a acreditar que essa felicidade era impossível, que a vida não podia ser tão agradável. Uma noite, quando você tinha cinco anos, fizemos amor.

Fiquei grávida e não conservei a criança. Nunca contei a Antoine, mas estou certa de que ele sabia. Adivinhava tudo sobre mim.

Talvez tenha sido melhor assim, devido ao que me acontece agora, mas também penso que talvez esta doença não teria acontecido se eu tivesse estado em paz comigo mesma. Vivemos todos aqueles anos à sombra de minhas mentiras, fui hipócrita com a vida e ela não me perdoou. Você agora já sabe mais coisas de sua mãe. Não sabia se devia ter lhe contado isto, tive medo, mais uma vez de que você me julgasse, mas, não ensinei a você que a pior mentira é mentir-se a si mesmo? Tem coisas que gostaria ter compartilhado com você, porém, não tivemos tempo. Antoine não o criou, por minha culpa, por culpa de minha ignorância. Quando soube que estava doente, já era demasiado tarde para voltar atrás. Você vai encontrar muitas coisas nesta confusão que deixo para você: fotos suas, minhas, de Antonine, suas cartas... Não as leia;

elas me pertencem; estão aqui, porque nunca fui capaz de desfazer-me delas. Você se perguntará por que não há fotos de seu pai. Eu rasguei todas numa noite em que me deixei levar pela cólera e pela frustração. Estava furiosa comigo mesma.

Fiz as coisas o melhor que pude, querido, o melhor que pode esta mulher, com suas qualidades e seus defeitos, mas você deve saber que você foi toda minha vida, toda minha razão de viver, o mais extraordinário que me aconteceu. Rezo para que você experimente, um dia, a sensação única de ter um filho, porque então, você compreenderá muitas coisas.

Meu maior orgulho é ser sua mãe e continuar a sê-lo sempre.

Com amor,

Lili

Arthur dobrou a carta e tornou a guardá-la na maleta. Lauren o viu chorar, aproximou-se dele e enxugou suas lágrimas com a parte posterior do indicador.

Ele ergueu os olhos, surpreso, e todo seu sofrimento desapareceu diante da ternura do olhar dela, cujo dedo começou a deslizar até seu queixo, com um movimento oscilante. Arthur colocou uma mão em sua face, depois atrás de sua nuca e aproximou seu rosto do dela. Quando seus lábios se roçaram, ela retrocedeu.

— Por que você faz isso por mim, Arthur?

— Porque eu a quero, e isso é uma coisa minha.

Pegou sua mão e a conduziu para fora da casa.

— Onde vamos? — perguntou Lauren.

— Ao mar.

— Não, aqui, agora — disse ela, ficando frente a ele e desabotoando-lhe a camisa.— Mas como? Se você não podia...

— Não pergunte nada. Não o sei.

Tirou sua camisa e passou as mãos nas suas costas. Arthur ficou desconcertado. Como tiraria a roupa de um fantasma? Ela sorriu, fechou os olhos e num momento estava toda nua.

— Basta que eu pense em uma peça de vestuário, para que ela apareça imediatamente sobre meu corpo. Se você soubesse como aproveitei esta capacidade....

Ali mesmo, no alpendre da casa, enlaçou Arthur e o beijou...

A alma de Lauren foi penetrada por seu corpo de homem e esta por sua vez entrou no corpo de Arthur, invadindo-o, enquanto durou o abraço, como na magia de um eclipse. A maleta estava aberta.

Capítulo 12

O inspetor Pilguez se apresentou no hospital às onze. A enfermeira chefe de plantão havia chamado a polícia antes de começar seu turno, às 6h da manhã.

Uma paciente em coma, desaparecera do hospital; tratava-se de um seqüestro.

Pilguez havia encontrado a nota sobre sua mesa quando chegou e havia encolhido os olhos, perguntando-se porque sempre delegavam a ele, casos assim. Havia reclamado com Nathalia, a encarregada de repartir os casos na Central.

— Olhe, menina! O que eu fiz a você para que você me dê casos assim, numa segunda de manhã?

— Você poderia ter se barbeado melhor para começar a semana — riu-se ela, com um sorriso de culpa.

— Uma resposta interessante. Espero que você goste de sua cadeira giratória, porque pressinto que você vai passar muito tempo sentada nela.

— Você é um monumento à amabilidade, George!

— Sim, exatamente, e isto me dá direito a escolher os pombos que vão cagar sobre mim.

E deu meia volta. Carregava uma agenda semanal; para maior exatidão, ainda tinha consigo a agenda que acabara dois dias antes. Para Pilguez, uma boa semana era a composta de dias em que só o chamavam à delegacia para resolver problemas de vizinhança ou relacionados ao Código Civil. A existência da Brigada Criminal era um despropósito, pois significava que naquela cidade existiam muitos loucos para matar, violentar, roubar e, agora, seqüestrar pessoas em coma de dentro de um hospital. Às vezes pensava, que depois de

trinta anos de profissão deveria já ter visto de tudo, mas a cada semana parecia-lhe que se ampliavam os limites da loucura humana.

— Nathalia! — gritou de seu escritório.

— Sim, George? — respondeu a encarregada da repartição. Você não teve um bom final de semana?

— Você poderia descer e comprar-me uns *donuts*?

Ela, com os olhos fixos na varanda da delegacia, enquanto mordiscava a caneta esferográfica, fez um gesto negativo com a cabeça.

— Nathalia! — tornou a chamar o inspetor.

Ela estava copiando as ocorrências da noite no espaço reservado para tal; era chato. Em parte, porque o espaço era muito pequeno e em parte, porque o chefe do sétimo distrito, seu superior, como ela, ironicamente, o chamava, era um maníaco, esforçava-se para fazer uma letra pequena, sem sair dos espaços.

— Sim, George, diga-me o que o alegra esta noite — disse ela sem sequer levantar a cabeça.

Pilguez se levantou de um salto e ficou na sua frente.

— Isto é uma crueldade!

— Por que você não compra algo que o satisfaça, que o alivie?

— Porque para aliviar-me tenho você. Isto justifica cinqüenta por cento do seu salário.

— Olhe, os *donuts* vou colocar no seu chapéu. Venha, não seja palhaço.

— Palhaço, eu?

— Sim, você. É um palhaço horrível que nem sequer sabe voar, anda mesmo como um palhaço. Vamos, vá trabalhar e me deixe em paz.

— Você é um amor, Nathalia.

— Claro, claro..., e sua beleza, compara-se à sua simpatia.

— Vamos, coloque seu casaco que vou levá-la para tomar um café.

— E quem fará meu serviço?

— Espere, não se mova, vou ensiná-lo a você.

Dirigiu-se em passos rápidos até o jovem estagiário que classificava expedientes do outro lado do escritório. Pegou-o pelo

braço e o fez cruzar o salão até a mesa de entrada.

— Bem, amigo, agora sente-se nesta cadeira com rodas e com braços, porque a senhora aqui, concedeu-lhe tal primazia: uma cadeira com um par de braços.

Você tem permissão para girar, mas sem dar voltas completas no mesmo sentido. Atenda ao telefone, dizendo: — “Bom dia. Delegacia Central, Brigada Criminal, diga-me...”, escute o que lhe disserem, anote tudo nestes papéis e não saia para urinar enquanto não chegarmos. E se alguém lhe perguntar onde está Nathalia, diga que ele teve uma indisposição feminina e que foi correndo à farmácia. Você é capaz de fazê-lo?

— Para não tomar café com o senhor, seria capaz de limpar os banheiros, inspetor!

George fingiu não ter ouvido, pegou o braço de Nathalia e a arrastou pela escada.

— Esta farda deveria ficar bem em sua avó! — disse sorrindo.

— Como vou me aborrecer neste emprego quando o aposentarem, George!

Na esquina da rua piscava um letreiro de néon vermelho, dos anos cinqüenta. As letras luminosas que formavam o nome, Bar Finzy, enviavam um pálido esplendor ao às janelas dos velho estabelecimento. Finzy tivera seus momentos gloriosos. Agora somente restava daquele lugar antiquado uma decoração de paredes e tetos amarelados, batentes de madeira envelhecidos pelo tempo, tacos gastos por tantos passos bêbados e pegadas de encontros de uma noite. Desde a calçada em frente, parecia um quadro de Hooper.

Atravessaram a rua, sentaram-se diante da velha barra de madeira e pediram cafés, em xícaras maiores.

— Seu domingo foi tão ruim assim, grandalhão?

— Você não pode sequer imaginar o quanto me aborreço nos finais de semana, minha linda.

— Você diz isso por que eu não pude almoçar com você no domingo?

— Ele aquiesceu. — Mas fui a um Museu, saí um pouco.

— Se vou a um Museu, ao cabo de segundos vejo um batedor de carteiras e termino na delegacia.

— Então troque pelo cinema.

— A escuridão me faz dormir..

— Então, passeie!

— É uma boa idéia. Passearei, assim não terei pinta de estúpido vadiando pelas ruas. O que você faz? Nada, estou passeando! Estamos falando de um fim de semana inteiro! Que tal é seu novo noivo?

— Nada do outro mundo, mas me entretém.

— Você sabe qual é "o" defeito dos homens? — perguntou George.

— Não. "Quais"?

— Os homens não deveriam se aborrecer com uma garota como você. Se eu fosse quinze anos mais novos, iria me agendar em seu carnê de baile.

— Mas se você tem quinze menos do que eles, acredite-me, George.

— Devo interpretar com uma melhoria?

— Como uma atenção, aí não está nada mal. Venha, vou trabalhar e você vai para o hospital. Pareciam espantados.

George encontrou-se com a enfermeira chefe Jarkowizski. Esta olhou o homem mal barbeado, de formas roliças, mas elegante.

— É terrível — disse -. Nunca passei por uma coisa dessas.

E, no mesmo tom acrescentou que o presidente do conselho estava furioso e queria vê-lo à tarde. Teria que expor o assunto para a administração à primeira hora da noite.

— Você vai encontrá-la, inspetor?

— Se você começasse a contar-me tudo desde o início, pode ser.

Jarkowizski explicou-lhe que o seqüestro havia ocorrido, com certeza, durante a troca de turno. Não tinham conseguido localizar, entretanto, a enfermeira do turno da tarde, mas a do turno da noite confirmara que a cama estava vazia quando fez a ronda às duas horas. Pensou que a paciente tivesse morrido e que a cama ainda não tinha sido designada para outro doente, segundo o ritual de deixar livre durante 24 horas uma cama na qual houvesse falecido

alguém. Mas, ao fazer sua primeira ronda, Jarkowizski havia percebido o ocorrido e tinha dado o alarme.

— Talvez tenha despertado do coma e, farta de estar neste hotel, tenha ido passear.

— Me encanta seu senso de humor, você deveria falar isso para a mãe da garota. Ela está no escritório de um de nossos encarregados de serviço e chegará a qualquer momento.

— Sim, claro — disse Pilguez, olhando para seus sapatos — E, tratando-se de um seqüestro, qual seria sua finalidade?

— É isso o que não entendemos! — respondeu a enfermeira em tom irritado, como se estivessem perdendo tempo.

— Pois você verá — disse ele sustentando seu olhar —, e por incrível que pareça, noventa e nove por cento dos crimes têm um motivo. E, ocorre, que a princípio, a ninguém ocorre subtrair um enfermo em coma, num domingo à noite, simplesmente para se divertir. Você está certa de que ela não foi transferida para outro andar?

— Sim, estou. Na recepção, há algumas guias de transferência para outro hospital. Levaram-na em uma ambulância.

— De que companhia? — perguntou o inspetor pegando uma esferográfica.

— De nenhuma.

Ao chegar pela manhã, não havia passado por sua cabeça a idéia de um seqüestro. Quando a informaram que no quarto 505 vagara uma cama, tinha ido à recepção.

— Parecia-me inadmissível que se tivesse feito uma transferência sem terem me comunicado, mas você sabe o que acontece hoje em dia..., a falta de respeito aos superiores..., enfim, não é essa a questão.

A recepcionista havia lhe entregue os documentos e ela “tinha visto imediatamente” que havia algo suspeito. Faltava um impresso, e o azul não estava bem executado.

— Pergunto-me como é possível essa cretina ter-se deixado enganar assim.

Pilguez quis conhecer a identidade da “cretina”.

Chamava-se Emmanuelle e estava de plantão no dia anterior, na recepção.

— Foi ela quem autorizou.

George já havia se fartado de ouvir a enfermeira-chefe, e como ela não se achava presente no momento da ocorrência, anotou os nomes de todo o pessoal que estava de plantão no dia anterior e de despediu.

Do carro telefonou para Nathalia e lhe pediu que chamasse todas aquelas pessoas para passarem na delegacia antes de irem trabalhar.

No fim do dia, tinha escutado todos, e, sabia que na noite de domingo para segunda, um falso médico com uma bata roubada de um médico real, e por certo muito desagradável, havia se apresentado no hospital em companhia de um motorista de ambulância e entregue guias falsas de transferência de paciente. Os dois cúmplices haviam levado, sem qualquer dificuldade o corpo da senhorita Lauren Kline, paciente em coma profundo. A declaração posterior de um estagiário o fez corrigir suas anotações: o falso doutor podia ser um verdadeiro médico, pois havia tirado de um enorme apuro o estagiário em questão, quando este pediu sua ajuda. Segundo a enfermeira presente naquele incidente imprevisto, a precisão com a qual aplicara uma via central, levava a crer que se tratasse de um cirurgião ou, ao menos, alguém que trabalhasse no serviço de emergências. Pilguez havia perguntado se um simples enfermeiro teria condições de aplicar essa via central, e lhe informaram que enfermeiros e enfermeiras recebiam tal tipo de formação, mas que, levantando-se em conta as decisões tomadas, as indicações fornecidas ao estagiário e à habilidade na realização, só poderia pertencer ao corpo médico.

— Bom, o que você tem sobre esse caso? — perguntou Nathalia, preparando-se para ir embora.

— Uma história que não me convence. Um médico que tinha ido ao hospital seqüestrar uma mulher em coma. Um trabalho de profissional, uma ambulância fantasma, guias administrativas falsificadas...

— Você acha que se trata de quê?

— Talvez tráfico de órgãos. Roubam o corpo, levam-no a um laboratório secreto, operam, extraem as partes que os interessa..., fígado, rins, coração, pulmões e outras e as vendem por uma fortuna a clínicas pouco escrupulosas e necessitadas de dinheiro.

Pedi-lhe que tentasse obter a lista de todos os estabelecimentos privados que dispusessem de um centro cirúrgico digno de tal nome e que estivessem passando por dificuldades econômicas.

— São nove horas, meu bem, e gostaria de ir para casa. Não creio que as clínicas que o interessam venham a falir durante a noite.

— Tá vendo como você é volúvel? Esta manhã você queria anotar meu nome em seu carnê de dança, e, esta noite você já se nega a passar comigo um plantão.

Preciso de você, Nathalia, dê-me uma mão, linda.

— Você é um manipulador, querido George, porque de manhã, você não utiliza o mesmo tom de voz.

— Tá certo, mas agora é noite. Vá! Você vai me ajudar? Vamos, tire o seu casacão e ajude-me.

— Você se dá conta? Um pedido feito com tanta delicadeza é irresistível.

Tenha uma boa noite.

— Nathalia?

— Sim, George...

— Você é maravilhosa!

— George, meu coração não está disponível.

— Eu não me atrevera a ir tão alto, céus!!

— Isso é seu?

— Não.

— Já achava estranhando.

— Bem, vá para casa, vou me regalar aqui.

Nathalia dirigiu-se para a porta e ao chegar, virou-se.

— Você está certo de que vai dar conta?

— Pois, é claro Vá cuidar do gato!

— Sou alérgica a gatos.

— Então, fique para ajudar-me.

— Boa noite, George.

Nathalia desceu a escada, deslizando a mão pelo corrimão.

Uma vez só naquele lugar, pois a equipe que fazia plantão à noite ficava instalada no andar abaixo, Pilguez acendeu a tela do computador e conectou-se com o arquivo central. Teclou a palavra “clínica” e acendeu um cigarro enquanto esperava que o servidor fizesse a busca. Minutos mais tarde, a impressora começou a descarregar umas sessenta folhas de papel impresso. O

inspetor, carrancudo, levou tudo para seu escritório — Não preciso de tantas! Para averiguar quais poderiam estar na falência, não preciso mais do que pôr-me em contato com a central de bancos regionais e pedir a relação dos estabelecimentos privados que solicitaram empréstimos bancários durante os últimos dez meses.

Havia falado em voz alta, e na penumbra da entrada ouviu a voz de Nathalia:

— Por que os dez últimos meses?

— Porque é o que diz o meu instinto policial. Por que você voltou?

— Porque é o que diz meu instinto feminino.

— Muito amável de sua parte.

— Tudo dependerá do lugar onde você vai me levar para jantar depois. Você acredita que tem uma pista?

A pista em questão lhe parecia demasiado fácil. Pediu a Nathalia que chamasse a sala de coordenação das patrulhas municipais e perguntasse se por casualidade havia qualquer rastro de informação sobre uma ambulância que fizesse referência à noite do domingo.

— Um golpe de sorte pode tê-lo qualquer pessoa! — disse.

Nathalia fez a ligação. Do outro lado da linha, o policial de plantão efetuou uma busca em seu terminal, mas nenhum informe com aquelas características, havia sido apresentado. Nathalia pediu-lhe que ampliasse a busca na região, mas também aí, a tela permaneceu em branco. O policial sentia muito, mas nenhuma ambulância havia cometido uma infração ou havia sido objeto de controle na noite de domingo para segunda. Nathalia desligou, mas antes pediu-lhe que a informasse sobre qualquer novidade a respeito.

— Sinto, mas não há nada...

— Bom, então vou levá-la para jantar, porque os bancos nada nos dirão esta noite.

Foram ao Perry's e se sentaram na sala que dava para a rua.

George escutava Nathalia distraído, deixando o olhar flutuar.

— Quanto tempo faz que nos conhecemos, George?

— Esta é uma das perguntas que não devem ser feitas nunca, minha bela.

— Por quê?

— Quando se ama não se conta!

— Quanto?

— O suficiente para que você me tolere e não o bastante para que você já não me suporte.

— Não, faz muito mais tempo!

— O das clínicas não encaixa. Não vejo qual motivo. Para quê?

— Você falou com a mãe?

— Não. Eu o farei amanhã de manhã.

— Tomara que tenha sido ela, porque está cansada de ir ao hospital.

— Não diga asneiras. Uma mãe não o faria, é muito arriscado.

— Quero dizer que talvez quisesse acabar com o assunto. Ir ver sua filha todos os dias nesse estado... Às vezes se deve acabar aceitando a idéia da morte.

— E você pode imaginar uma mãe organizando uma coisa assim para matar sua própria filha?

— Não, você tem razão, é muito distorcido.

— Sem o motivo, não o encontraremos.

— Siga suas pistas sobre as clínicas.

— Creio que é um beco sem saída, não a vejo...

— Por que você diz isso agora? Você queria que eu ficasse para trabalhar com você hoje à noite.

— O que eu queria era que você jantasse comigo! Porque é demasiado evidente. Não poderão tornar a fazê-lo. Todos os hospitais do condado vão ficar bem atentos, e creio que não valha a pena se arriscar pelo dinheiro que pode ser obtido de um só corpo. Quanto custa um rim?

— Dois rins, um fígado, um baço e um coração podem facilmente valer cinqüenta mil dólares.

— Caramba, é mais caro do que no açougue!

— Você é repugnante.

— Você vê? Não tem justificativa. Para uma clínica que estivesse falida, cento e cinqüenta mil dólares nada mudariam. Não é por dinheiro.

— Talvez seja uma questão de disponibilidade.

Nathalia expôs sua teoria: alguém podia viver ou morrer em função da disponibilidade e compatibilidade de um órgão. Algumas pessoas morriam por não terem conseguido a tempo o rim ou o fígado de que necessitavam. Alguém que dispusesse de meios econômicos suficientes poderia ter encarregado outra pessoa de seqüestrar uma outra, em coma irreversível, para salvar a um filho seu, ou a si mesma. Para Pilguez, esta pista parecia complexa mas crível.

Nathalia não achava em absoluto que sua teoria fosse complicada, para ele era demais. Uma pista como essa ampliava consideravelmente o leque de suspeitos; não havia que se buscar forçosamente a um criminoso. Para sobreviver ou para salvar um filho, muitos indivíduos poderiam sentir-se tentados a seqüestrar alguém que já houvesse sido declarado clinicamente morto. O autor, considerando a finalidade de seu ato, poderia considerar-se alheio à noção de crime.

— Será necessário visitar todas as clínicas para identificar um paciente economicamente adequado à espera de uma doação de órgãos? — perguntou Nathalia.

— Espero que não, porque é um trabalho de bobo e num terreno escorregadio.

Quando tocou o telefone, Nathalia atendeu, escutou atenta, fazendo anotações, e agradeceu várias vezes ao seu interlocutor.

— Quem era?

— O sujeito que está de plantão na coordenadoria, aquele com quem você falou antes.

— E?

O coordenador transmitira uma mensagem às patrulhas noturnas, simplesmente para comprovar se alguma equipe havia visto algo suspeito com uma ambulância, sem informar o motivo.

— E?

— Foi uma idéia estupenda, porque uma patrulha interceptou e seguiu, à noite, uma ambulância da pós-guerra que dava voltas ao redor do quarteirão de Green Street, Filbert e *Union Street*.

— Isto foi bom. O que disseram?

— Que fizeram parar o indivíduo que ia ao volante da ambulância, e, que este contou-lhes que estavam aposentando o veículo depois de dez anos de serviços leais. Pensaram que o motorista estivesse muito apegado a ela e não se decidia a levá-la pela última vez à oficina.

— Que modelo era?

— Um Ford 1971.

Pilguez fez um rápido cálculo mental. Se a ambulância Ford retirada à noite anterior que tivesse dez anos de funcionamento, fosse de 1971, significava que havia estado envolta em papel celofane dezesseis anos de ser usada para o serviço. O condutor havia tapeado os policiais. Tinha uma pista.

— E tem algo melhor — acrescentou sua colega.

— O quê?

— Seguiram-no até a garage onde a levou. E sabem onde fica.

— Você sabe de uma coisa, Nathalia? É melhor que você e eu não estejamos juntos.

— Por que você me diz isso agora?

— Porque justo agora tive a prova de que era um cornudo.

— Você sabe o que você é, George? Um autêntico cretino. Você vai agora à garage?

— Não, amanhã de manhã. Agora deve estar fechada e sem ordem, não poderia fazer nada. Além do que, prefiro ir sem chamar a atenção. Não quero encontrar a ambulância, mas pegar de surpresas os sujeitos que a utilizaram.

Vale mais fazer-se para por um turista do que provocar neles a dúvida de que são suspeitos.

Pilguez pagou a conta e saíram. O lugar onde a ambulância fora vista estava num cruzamento mais além do local onde haviam acabado de jantar, e, George olhou a esquina da rua como se buscasse uma imagem.

— Você sabe o que eu gostaria? — perguntou Nathalia.

— Não, diga-me.

— Que você viesse dormir em minha casa. Não tenho vontade de dormir sozinha esta noite.

— Você tem uma escova de dentes?

— Tenho a sua!

— Gosto de provocar você; só me divirto com você. Venha, vamos, eu também queria ficar com você esta noite. Faz muito tempo.

— Quinta-feira passada.

— Justamente o que eu disse. .

Quando apagaram a luz, uma hora e meia mais tarde, George tinha chegado à conclusão de que resolveria aquele enigma, e suas convicções resultavam em acerto na média de uma para cada dois vezes. A terça-feira foi frutífera. Depois de ter falado com a Sra. Kline descartou qualquer suspeita relacionada com ela, pois inteirou-se de que os próprios médicos, propuseram-lhe por fim àquela situação. Havia dois anos que a lei fechava os olhos para casos semelhantes. A mãe, indubitavelmente, estava muito nervosa, e Pilguez sabia distinguir as pessoas sinceras das que simulavam um pesar. Não se encaixava em absoluto no perfil de alguém capaz de organizar semelhante operação. Na garagem tinha visto o veículo empregado para o seqüestro. Ao entrar, ficara desconcertado, pois a oficina era especializada na recuperação de ambulâncias, carros de bombeiros e outros veículos do tipo. Naquela oficina somente haviam veículos como aqueles, de modo que era impossível fazer-se passar por um curioso. Uns quarenta mecânicos e cerca de uma dezena de pessoas do escritório trabalhavam ali. Num total, umas cinquenta pessoas potencialmente suspeitas.

O dono escutara o relato do inspetor e expressado sua estranheza de que os autores do crime tivessem devolvido o veículo, em lugar de fazê-lo desaparecer.

Pilguez respondera que o roubo teria alertado os carros de polícia, que teriam relacionado os casos. Provavelmente, estaria implicado um empregado da oficina, que acreditaria que o “empréstimo” passaria despercebido.

Faltava descobrir quem era o implicado. Conforme o diretor, ninguém, pois a fechadura não apresentava sinais de ter sido forçada e ninguém tinha a chave da oficina para poder ali entrar à noite. Pilguez interrogou o chefe sobre o que poderia ter incitado os “tomadores do empréstimo” a escolher aquele modelo antigo, e este disse que era o único que se conduzia normalmente como um carro comum. O inspetor interpretou como mais um indício de que um membro do pessoal era cúmplice no assunto. À pergunta de se era possível alguém ter pego às escondidas a chave para fazer uma cópia durante a jornada de trabalho, o homem aquiesceu.

— É possível — disse. — Ao meio dia, quando se fecha a porta principal.

Assim, pois todo o mundo era suspeito. Pilguez pediu os expedientes do pessoal e colocou acima de tudo, os dos empregados que haviam sido admitidos durante os dois últimos anos. Regressou à delegacia às duas da tarde. Nathalia não havia voltado do almoço, de modo que se aprofundou no estudo das cinquenta e sete pastas marrons que deixara sobre sua mesa. Ela

voltou às 3h, com um novo corte de cabelo, e disposta a agüentar o sarcasmo do colega.

— Fique calado, George, você vai dizer uma asneira — o alfinetou, nada mais, antes inclusive de ter deixado sua bolsa.

Ele deixou de olhar para os papéis, a perscrutou com um sorriso zombador.

Antes que dissesse algo, ela se aproximou e colocou o indicador sobre os lábios para que ficasse em silêncio.

— Tem uma coisa que vai interessá-lo muito mais do que meu corte de cabelo, e somente a direi se você prometer nada comentar, você concorda?

George fingiu estar amordaçado e emitiu um grunhido para expressar que aceitava as condições. Nathalia retirou o dedo.

— A mãe da moça me telefonou. Ela recordou um detalhe importante para a investigação e está em sua casa, aguardando sua chamada.

— Fiquei encantado com seu corte de cabelo. Cai muito bem em você.

Nathalia sorriu e voltou para sua mesa. A Sra. Kline informou a Pilguez, por telefone, sua estranha conversa com aquele jovem com o qual havia se encontrado casualmente em La Marina, e que ele lhe passara um bom sermão sobre a eutanásia.

Contou, detalhadamente o episódio de seu encontro com o arquiteto que supostamente conhecera Lauren na sessão de emergência, onde fora se medicar em razão de um corte. Confirmara que fazia refeições freqüentemente com sua filha. Apesar da cadelinha parecer tê-lo reconhecido, ela estranhara muito que sua filha não o tivesse mencionado nunca, sobretudo se eles se conheciam fazia dois anos. Seguramente, este último detalhe facilitaria a investigação.

— Ah.... — tinha murmurado o policial nesse instante -. Em resumo, você me pede que procure um arquiteto que supostamente se cortou com um cúter dois anos atrás, a quem sua filha supostamente medicou, no hospital, e do qual deveríamos suspeitar porque durante um encontro fortuito com você, manifestou sua oposição à eutanásia?

— Não lhe parece uma pista importante? — tinha perguntado a Sra. Kline.

— Não, a verdade é que não — contestara o policial antes de desligar.

— Bem, de que se tratava? — perguntou Nathalia.

— Não está nada mal a madeixa média que você tem.

— Vai..., era um entusiasmo infundado.

George tornou a concentrar-se nos expedientes, mas nenhum sugeria qualquer coisa. Exasperado, pegou o telefone, colocou-o perto do rosto, entre a orelha e o queixo e discou o número da central do hospital. A operadora respondeu ao nono toque.

— Melhor seria não morrer com vocês!!

— Não, para isso, chame o depósito diretamente — replicou a mulher sem se perturbar.

Depois de se apresentar, Pilguez perguntou se o seu sistema informático permitia-lhe efetuar uma busca sobre entradas em emergências por profissão e por tipo de ferimento.

— Depende do período da busca — respondeu ela.

Continuando, disse que, de qualquer forma, a descrição médica a impediria de dar informações, e menos ainda por telefone.

O inspetor desligou, colocou a farda e foi para a porta. Desceu a escada até o estacionamento e se dirigiu até seu carro. Cruzou a cidade com o facho giratório no teto e a sirena ligada, sem parar de maldizer. Chegou ao Hospital Memorial apenas dez minutos depois e plantou-se na recepção para admissão.

— Pediram-me para encontrar uma garota em coma que foi retirada durante a noite de domingo para segunda, assim ou vocês me ajudam e não me aborrecam com seus segredos de curandeiros burocratas, ou passo para outro caso.

— O que posso fazer por você?— perguntou Jarkowizski, que acabava de aparecer.

— Dizer-me se seus computadores podem localizar um arquiteto que se feriu e foi atendido pela desaparecida.

— Quando foi isso?

— Mais ou menos dois anos atrás.

A enfermeira inclinou-se sobre o computador e apertou umas teclas.

— Olharemos as entradas e buscaremos um arquiteto — disse — A resposta tardará uns minutos.

— Esperarei.

A tela emitiu seu veredito seis minutos depois. Nenhum arquiteto havia sido atendido por lesão daquele tipo no decorrer dos dois últimos anos.

— Você está segura?

A enfermeira se mostrou categórica. O quadro “profissão” era obrigatoriamente preenchido, devido aos seguros e às estatísticas sobre acidentes de trabalho. Pilguez agradeceu e imediatamente retornou ao distrito.

Durante o trajeto, aquela historia começou a causar-lhe certa inquietação. O tipo de inquietação que, em um abrir e fechar de olhos, podia monopolizar toda sua concentração e fazê-lo esquecer de todas as demais pistas possíveis, enquanto pressentia que tinha encontrado um elo perdido na cadeia de sua investigação.

Pegou o celular e discou para Nathalia.

— Procure se vive algum arquiteto no quarteirão de casas onde foi vista a ambulância.

— Era Union, Filbert e Green, certo?

— E Webster, mas amplie a busca às duas ruas adjacentes.

— Depois, telefone — disse, e desligou.

Três escritórios de arquitetura e o domicílio de um arquiteto se encontravam naquela zona, ainda que no primeiro perímetro constasse unicamente o domicílio do arquiteto. Um dos escritórios localizava-se justamente na rua contígua, e os outros dois, duas ruas mais além. De volta ao distrito, telefonou aos três para perguntar quantas pessoas neles trabalhavam. Vinte e sete no

total. Em resumo, às dezoito horas e trinta minutos tinha cerca de oitenta suspeitos, um dos quais talvez à espera da doação de um órgão, teria chegado a essa situação Refletiu uns instantes e dirigiu-se a Nathalia.

— Temos , atualmente, algum jovem para fazer serviços extras?

— Nunca temos pessoas de sobra! Se fosse assim, iria para casa em hora decente e não viveria como uma solteirona.

— Não se atormente, céu. Peça a alguém que fique de guarda, dissimuladamente em frente ao domicílio do que mora naquele quarteirão e que tente tirar uma foto dele, quando for entrar em casa.

Na manhã seguinte, Pilguez soube que o jovem tinha fracassado, já que o homem não retornara para casa a qualquer hora da noite.

— Bingo! — tinha dito ao aluno-inspetor — Mantenha-me informado sobre tudo dessa pessoa para esta noite: sua idade, se é gay, se se droga, onde trabalha, se tem cão, gato, periquito, onde está agora, que estudos fez, se esteve no exército, todas as suas manias... Chame o exército, o FBI, o que for preciso, mas quero saber tudo!!

— Eu sou bicha, inspetor — replicara o jovem, com certo orgulho —, mas isso não me impedirá de fazer o trabalho que o senhor me pede.

O inspetor, azedo, passou o resto do dia fazendo um balanço das pistas que tinha, e nada permitia-lhe ser otimista. Ainda que a ambulância tivesse sido identificada, graças a um golpe de sorte, nenhum dos expedientes do pessoal da oficina assinalava a um suspeito, o que o fazia prever um bom número de interrogatórios às cegas. Teria que interrogar mais de sessenta arquitetos, pelo simples fato de trabalharem ou morarem nas imediações do quarteirão de casas onde a ambulância dava voltas na noite do seqüestro.

Um deles talvez fosse suspeito por acariciar o cachorro da mãe da vítima e ter-se declarado contra a eutanásia, coisa que, tal como Pilguez confessava a si próprio, não constituía, de imediato, um motivo para o seqüestro. Uma “autêntica investigação de merda” digna de figurar nos manuais.

Na manhã de quarta-feira, o sol saiu em Carmel, coberto apenas pela neblina.

Lauren tinha acordado cedo. Saía da casa para não acordar Arthur e estava frustrada por ser incapaz de preparar-lhe um simples desjejum. Finalmente, reconheceu que se sentia agradecida porque no meio de toda aquele embrulho de situações e fatos absurdos, ele pudera tocá-la, senti-la e amá-la como a uma mulher em plena posse de sua vida. Estava acontecendo uma série de fenômenos que ela não entenderia nem tentaria entender jamais. Lembrou-se que um dia seu pai tinha dito:

“Não há nada impossível; somente os limites de nossa mente definem determinadas coisas como inconcebíveis. Muitas vezes é preciso resolver várias equações para admitir um novo raciocínio. É uma questão de tempo e dos limites de nosso cérebro. Realizar um transplante de coração, fazer voar um avião de trezentos e cinqüenta toneladas e caminhar na lua exigiu muito trabalho, e ainda, mais imaginação. Assim é que quando os mais sábios

afirmam que é impossível fazer transplante de um cérebro, viajar na velocidade da luz ou clonar um ser humano, eu me digo que em definitivo nada aprenderam de seus próprios limites, os de considera

que tudo é possível e que trata de uma questão de tempo, o tempo de compreender como é possível.”

Tudo o que ela vivia e experimentava era ilógico, inexplicável, contrário a todas as bases de sua cultura científica, mas estava acontecendo. E os dois últimos dias havia feito amor com um homem, experimentado emoções e sensações desconhecidas para ela, inclusive quando estava viva, quando seu corpo e alma eram um só. O mais importante para ela, conquanto quisesse alçar-se àquela sublime bola de fogo sobre o horizonte, era que aquilo durasse.

Arthur se levantou pouco depois, a procurou na cama, colocou um casacão e saiu. Tinha o cabelo revoltado e passou a mão por cima, para ajeitá-lo. Foi até onde ela estava, nas rocas, e a abraçou de surpresa.

— É impressionante — disse.

— Creio que em vista do que não podemos imaginar no futuro, deveríamos fechar a maleta e viver o presente. Você quer tomar um café?

— Eu diria que é imprescindível. E logo vou levá-la para ver os leões marinhos que se banham no final dos rochedos.

— Leões marinhos autênticos?

— E focas, e pelicanos, e... Você nunca veio aqui?

— Tentei uma vez, mas não deu certo.

— Isso é relativo; tudo depende do ponto de vista que tiver daquilo que você estiver vendo. Além do que, pareceu-me ouvir que deveríamos fechar as malas e viver o presente.

Na mesma quarta-feira, o policial estagiário deixou cair sobre a mesa de Pilguez o resultado do expediente que havia preparado.

— Qual é o resultado? — perguntou este, antes de abri-lo.

— Você vai sentir-se decepcionado e encantado ao mesmo tempo.

Para expressar sua impaciência, que se encontrava nos limites da exasperação, Pilguez deu pequenos socos no nó de sua gravata.

— Um, dois..., um, dois..., prossiga, amigo, meu micro funciona, eu o escuto!

O jovem mostrou suas anotações. O arquiteto em questão não tinha nada de suspeito. Era um tipo muito normal; não se drogava,

mantinha boas relações com a vizinhança, e, não tinha antecedentes criminais. Tinha estudado na Califórnia e vivido algum tempo na Europa. Depois, regressara para instalar-se em sua cidade natal. Não pertencia a qualquer partido político, não era membro de nenhuma seita e não militava em favor de qualquer causa. Pagava os impostos e as multas, e, sequer o haviam detido em estado de embriaguez ou por excesso de velocidade. Em poucas palavras, um tipo enfadonho.

— E por que vou ficar encantado?

— Porque sequer é bicha!

— Mas eu nada tenho contra os maricas, que foda! Que mais há em suas informações?

— Seu antigo endereço, sua foto, ainda que um pouco antiga... conseguia no Serviço de Registros, é de quase quatro anos atrás, tem que renovar a permissão para tais fins; um artigo que publicou na Revista de Arquitetura, cópias de seus diplomas, uma relação de seus saldos bancários e registros de suas propriedades.

— Como você fez para conseguir isso?

— Tenho um amigo que trabalha na Fazenda. O arquiteto é órfão e herdou uma casa na baía de Monterey.

— Você acredita que está ali de férias?

— Está ali, e a única coisa que vai excitar você é precisamente esta cabana.

— Por quê?

— Porque não tem telefone, o que me parece estranho em uma casa isolada; a linha está cortada faz mais de dez anos e nunca a religaram. Em compensação, na sexta passada, pediu que ligassem a corrente elétrica e a água. No domingo, voltou àquela casa pela primeira vez depois de muito tempo. Mas isto não é um crime.

— Pois, acredite, esta última informação me deixa feliz.

— Por Deus!

— Você fez um bom trabalho. Com uma mente tão distorcida como a sua, seguramente, você será um bom policial.

— Vindo de você, vou tomar como um cumprimento.

— Sem dúvida! — interveio Nathalia.

— Leve a foto até a Sra. Kline e pergunte-lhe se é o mesmo sujeito de La Marina, o que não gosta de eutanásia. Se ela o

identificar, então temos uma boa pista.

Quando o policial saiu, George Pilguez mergulhou no expediente de Arthur.

A manhã de quinta-feira foi frutífera. À primeira hora, o jovem estagiário informou que a Sra. Kline tinha identificado o indivíduo sem vacilar. Mas o verdadeiro descobrimento foi feito antes de levar Nathalia para comer.

Ainda que tivesse este dado diante de seu nariz, há tempos, ainda não tinha estabelecido a relação. A casa da jovem seqüestrada era a mesma que a do arquiteto. Com aquilo, já eram indícios em demasia para que o sujeito em questão estivesse alheio ao assunto.

— Por que você fica com essa cara? Você deveria estar contente, a investigação parece que avança — disse Nathalia enquanto tomava uma Coca-Cola light.

— Porque não vejo o motivo. Esse indivíduo não apresenta o perfil de alguém perturbado. E ninguém em sã consciência vai a um hospital para roubar um corpo em coma, para divertir seus amigos. É necessário um motivo verdadeiro.

E ademais, segundo os do hospital, é necessária certa experiência para colocar essa ponte central.

— É uma via central, não uma ponte. Não será seu noivo?

A Sra. Kline lhe assegurara que não, e havia sido taxativa neste ponto. Estava quase certa de que não se conheciam.

— Alguma relação com o apartamento? — perguntou Nathalia.

Muito menos ainda, respondeu o inspetor. Era inquilino e, de acordo com a agência imobiliária, tinha ido parar ali casualmente. Estava a ponto de assinar um contrato para outro apartamento em Filbert, mas um empregado diligente da agência se empenhou em encaminhá-lo para aquele “que acabava de entrar em seu estoque”, justamente antes que assinasse para morar no outro.

— Ou seja, não havia qualquer premeditação na escolha do domicílio.

— Não, é uma verdadeira coincidência.

— Então, é ele ou não é ele?

— Não podemos afirmar — disse George laconicamente.

Nenhum dos elementos, tomados separadamente, indicava que ele estivesse implicado. Todavia, as peças do quebra-cabeças se encaixavam de forma surpreendente. Fora isso, sem motivo. Pilguez nada poderia fazer.

— Não se pede acusar alguém porque tenha alugado meses atrás, o apartamento de uma mulher que foi seqüestrada no início da semana. Enfim, vai custar encontrar um fiscal que me apóie..

Nathalia sugeriu que o interrogasse e que o fizesse desmoronar “sob um foco”. O velho policial ficou rindo.

— Já imagino o princípio do interrogatório: O senhor mora no apartamento de uma mulher em coma que foi seqüestrada na noite de domingo para segunda. Pediu que religassem a água e a eletricidade em sua casa de campo na sexta anterior ao crime. Por quê? E ao chegar a este ponto, o sujeito olharia fixamente em seus olhos e diria que não estava muito certo de ter compreendido o significado da pergunta. Então, se você não tiver mais nada a dizer-lhe, francamente, a não ser que ele era sua única pista, você teria dito bobagens, acreditando que fosse o autor do seqüestro.

— Tire dois dias e vá vê-lo!

— Sem uma ordem, tudo o que eu trazer de nada servirá — A menos que você traga o corpo.

— Você acha que seja ele?

— Acredito no seu olfato, nos indícios e acredito que quando você fica com essa cara, é que você sabe que tem um culpado, mas ainda não sabe como apanhá-lo. George, o mais importante é encontrar a garota; mesmo que em coma, trata-se de um seqüestro. Venha, pague a conta e parte para o campo!

Pilguez se levantou, beijou a fronte de Nathalia, deixou dois bilhetes na mesa e saiu para a rua apressadamente.

Durante as três horas e meia que demorou para chegar em Carmel, não parou de tentar encontrar um motivo e de pensar na melhor maneira de aproximar-se de sua presa, sem assustá-la, sem atrair sua atenção.

Capítulo 13

Pouco a pouco, a casa recobrava a vida. Como crianças que coloriam, em desenhos animados, procurando não sair dos limites marcados, Arthur e Lauren entravam nos cômodos, abriam as janelas, retiravam os lençóis que cobriam os móveis, sacudiam o pó e abriam os armários. E, pouco a pouco, as lembranças da casa, transformavam-se em instantes presentes. A vida voltava a se impor. Naquela quinta, o céu estava oculto e parecia que o mar queria romper os rochedos que o cercavam, na parte inferior do jardim. Ao final do dia, Lauren instalou-se e contemplou o espetáculo. A água tornara-se cinza; arrastava pedaços de algas com ramas de espinhos. O céu ficou malva e a seguir, preto. Estava contente, gostava quando a natureza decidia se enfurecer.

Arthur tinha acabado de arrumar o pequeno salão, a biblioteca e o escritório de sua mãe. No dia seguinte passariam para o andar superior, com seus três dormitórios.

Sentou-se sobre o parapeito da janela e olhou para Lauren.

— Você sabe que é a nona vez que você troca de roupa desde a hora do almoço?

— Sim. A culpa é dessa revista que você comprou. Não consigo decidir-me, tudo é lindo.

— Sua maneira de comprar seria invejada por todas as mulheres da terra.

— Pois espere, você não viu o caderno central.

— O que diz o caderno central?

— Nada diz. É dedicado à roupa íntima feminina.

Arthur presenciou o desfile de modelos mais sensual já visto por um homem.

Mais tarde, envoltos na ternura de um amor satisfeito, o corpo e a alma acalmados, permaneciam abraçados olhando o mar. Finalmente dormiram, embalados pelo ruído das ondas.

Pilguez tinha chegado ao anoitecer. Dirigiu-se ao *Carmel Valley Inn*.

A recepcionista lhe deu as chaves de um grande lugar, com vista para o mar.

Estava em um bangalô, na parte alta do parque que domina a baía, e teve que ir de carro até o local. Acabava de desfazer a mala, quando os primeiros relâmpagos rasgaram o céu; tomou consciência de que morava a três horas e meia de lá e nunca tivera ido ver o mesmo. Nesse instante, sentiu vontade de chamar Nathalia para compartilhar aquele momento, para não desfrutá-lo só.

Pegou o telefone, respirou fundo e tornou a colocá-lo no gancho, sem ter discado o número.

Pediu algo para comer, instalou-se diante da televisão e dormiu, muito antes das dez.

Na primeira hora da manhã, o sol brilhava tanto que as nuvens tinham se retirado, aterrorizadas, sem reclamar. Uma aurora úmida nascia ao redor da casa. Arthur despertou, no corredor. Lauren dormia profundamente. Dormir era novidade para ela. Durante meses não pudera fazê-lo, assim os dias tornavam-se muito grandes. Na parte alta do jardim, escondido atrás do desnível da estrada, George espiava com binóculos de longe alcance, que tinha recebido de presente quando completara vinte anos de serviço. Às onze, viu que Arthur cruzava o jardim, na direção onde ele estava. O suspeito girou à direita do roseiral e abriu a porta da garage.

Ao entrar, Arthur se encontrou diante de uma lona coberta de pó. Levantou-a, deixando a descoberto as formas de um velho Ford 1961, parecido com automóvel de coleção. Sorriu pensando nas manias de Antoine. Deu a volta no carro e o abriu sua porta traseira esquerda. O cheiro de couro velho inundou suas narinas. Sentou-se no assento, fechou a porta, os olhos e recordou-se de uma tarde de inverno, diante de Macy's, em *Union Square*. Viu o homem de gabardina que ele tinha estado a ponto de derrubar com um disparo do fuzil intergaláctico e que no último momento fora salvo pela terna ingenuidade de sua mãe, que havia se colocado em sua linha de tiro. O desintegrador atômico em forma de isqueiro, ainda devia estar carregado. Pensou naquele Papai Noel de 1965, atrapalhado com seu trem elétrico nos tubos da calefação central.

Parecia-lhe ouvir o ronronar do motor. Abriu a janela, virou a cabeça e notou que seu cabelo era movido pelo vento que soprava em suas lembranças. Com uma mão, com o braço meio estirado,

brincou com ela, pois havia se transformado em um avião; inclinou-a para modificar o ângulo do vôo, e observou que, decolando, se elevava até o teto da garage como se abaixava aterrissando.

Quando abriu os olhos, viu uma nota em cima do volante.

Arthur, se você quiser colocá-lo em marcha, vai encontrar um carregador de bateria na prateleira à direita. Pise um par de vezes no acelerador, antes de dar o contato, para que a gasolina circule. Não estranhe se em seguida, arrancar; é normal, tratando-se de um Ford 1961. O compressor para inflar os pneus está na caixa, debaixo do carregador.

Beijos

Antoine.

Saiu do veículo, fechou a porta e dirigiu-se à prateleira. Ali, num canto da garage, viu o barco. Aproximou-se e o acariciou com a ponta dos dedos.

Debaixo do assento de madeira, encontrou artefatos de pesca: um fio verde enrolado ao redor de um carretel de cortiça e um anzol oxidado na extremidade. Sentiu-se embargado pela emoção. Por fim pegou o carregador, abriu o capô do velho Ford e conectou os terminais para que a bateria carregasse. Ao sair da garage, estava muito emocionado.

George tomava notas em seu caderno, sem tirar os olhos do suspeito. Viu-o colocar a refeição na mesa, sentar-se, comer e logo deixar a mesa. Fez uma pausa, quando Arthur dormiu sobre os rolamentos, na sombra do pátio.

Seguiu-o quando retornou à garage, ouviu o barulho do compressor e mais claramente do V6 ao colocar-se em marcha depois de pigarros. Saudou com um olhar o automóvel quando passou junto à galeria, decidiu interromper a vigilância e foi ao povoado em busca de alguma informação sobre aquele estranho personagem. As oito regressou e telefonou para Nathalia.

— Bem — disse ela, — a que conclusão você chegou?

— A nenhuma. Não há nada anormal. Bom, quase nada. Ele está sozinho, não para; todo o dia limpa, conserta coisas, descansa para almoço e janta. Perguntei aos comerciantes. A casa pertencia a sua mãe que morreu muito tempo atrás. O

jardineiro continuou morando ali até morrer. Como você vê, tudo isso não me leva a qualquer parte. Ele tem direito de abrir a casa de sua mãe quando tiver vontade.

— Então, por que você disse quase?

— Porque ele faz coisas estranhas. Fala sozinho, comporta-se na mesa como se fossem dois, às vezes permanece em frente ao mar, com um braço levantado na horizontal, durante dez minutos. À noite, abraçou-se com o piso no pátio.

— Como o fez?

— Como se beijasse apaixonadamente uma garota, com a diferença de que estava sozinho.

— Talvez seja sua forma particular de reviver as lembranças.

— Há muitas “possivelmente” em meu candidato!

— Você continua acreditando nessa pista?

— Não o sei, querida, mas de toda forma há algo estranho em seu comportamento.

— Como o quê?

— Está incrivelmente tranqüilo para ser culpado.

— Então, você já não acredita nessa pista?

— Dar-me-ei dois dias e retornarei. Amanhã farei uma incursão com a cara descoberta.

— Tenha cuidado!

George desligou, pensativo.

Arthur acariciava o teclado do largo piano com a ponta dos dedos. Ainda que o instrumento não conservasse suas harmonias de antes, começara a tocar “*Clair de Lune*” do *Werther*, evitando algumas notas demasiado dissonantes.

Era a peça preferida de Lili. Enquanto tocava, dirigiu-se a Lauren, que havia se sentado no batente da janela, tal como gostava de fazer: uma perna estirada sobre o batente, a outra dobrada para dentro, e as costas apoiadas na parede.

— Amanhã fecharei a casa para ir ao povoado fazer umas compras. Já não nos restou quase nada.

— Arthur, durante quanto tempo você pensa em renunciar a toda sua vida?

— É obrigatório ter essa conversa agora?

— Talvez eu fique anos neste estado, e me pergunto se você se dá conta de onde se meteu. Você tem um trabalho, amigos, responsabilidades, o seu mundo.

— O que é meu mundo? Eu sou de todos os povos. Não tenho mundo, Lauren. Chegamos aqui a menos de uma semana e eu não tirava férias faziam muitos anos, assim, dê-me um pouco de tempo.

Abraçou-a e fez como se quisesse dormir.

— Sim, você tem um mundo. Todos temos nosso universo. Para que dois seres vivam um com o outro, não basta que se queiram; é preciso que sejam compatíveis, é preciso que se encontrem no momento oportuno. E, não é precisamente nosso caso.

— Eu disse a você que a quero? — perguntou ele com ar tímido.

— Você me deu provas de que me ama — respondeu Lauren —, o que é muito melhor.

Ela não acreditava no acaso Por que era ele a única pessoa do planeta com quem podia falar, comunicar-se? Por que se haviam entendido tão bem? Por que tinha a sensação de que ele adivinhava tudo sobre ela?

— Posso saber porque você me dá o melhor de você, quando você recebe tão pouco de mim?

— Porque de repente você está aqui, você existe, porque um momento seu é imenso. Ontem é passado, o amanhã não existe, todavia; o que conta é hoje, o presente.

Arthur acrescentou que não tinha outra opção do que fazer todo o possível para não deixá-la morrer...

Mas Lauren tinha medo precisamente “do que ainda não existia”. Para tranquilizá-la, Arthur lhe disse que o dia seguinte seria tal como ela quisesse.

Viveria segundo o que desse de si mesma e do que aceitasse receber.

— O amanhã é um mistério para todo o mundo, e esse mistério deve provocar riso e desejo, não medo nem retrocesso.

Beijou suas pálpebras, tomou sua mão nas suas, e a abraçou. A noite profunda alçou-se sobre eles.

Estava arrumando o interior do porta-malas do velho Ford, quando viu levantar-se poeira na parte alta do jardim. Pilguez

desceu pelo caminho e deteve o carro diante do alpendre.

— Bom dia, posso fazer algo por você? — perguntou Arthur.

— Venho de Monterey. A imobiliária me disse que esta casa estava desocupada, e como estou buscando algo para comprar nesta região, vim vê-la, mas parece-me ter chegado demasiado tarde.

Arthur informou que não havia sido comprada nem estava à venda. Era a casa de sua mãe e acabava de abri-la de novo.

Esgotado pelo calor, ofereceu-lhe um refresco, mas o policial declinou o convite, dizendo que não queria incomodá-lo. Arthur insistiu e o convidou para se sentar na galeria; ele voltaria

em seguida. Fechou o porta-malas, foi até em casa e regressou com uma bandeja onde havia dois copos e um grande jarro de limonada — É uma casa muito bonita — comentou Pilguez. — Suponho que não devam haver muitas como esta na região.

— Não sei. Fiquei anos sem vir aqui...

— O que o fez voltar de repente?

— Acredito que tivesse chegado o momento. Criei-me aqui, e depois da morte de minha mãe nunca tive forças para voltar, mas de repente, converteu-se numa necessidade.

— Assim, sem mais?

Arthur começou a ficar incomodado. Aquele desconhecido fazia perguntas muito pessoais, como se soubesse de algo que não quisesse revelar. Sentiu-se manipulado. Não o relacionou com Lauren, mas pensou que se tratasse de um desses promotores ou vendedores que tentam estabelecer vínculos com suas futuras vítimas.

— De qualquer modo — respondeu, — nunca a venderei...

— Você faz bem. A casa familiar não deve ser vendida; parece-me um sacrilégio.

Arthur começava a suspeitar de algo, e Pilguez intuiu que havia chegado o momento de retroceder. Ia deixá-lo para que fosse fazer suas compras; além do que, ele também tinha que ir ao povoado "para procurar outra casa".

Agradeceu pela bebida e despediu-se efusivamente, entrando em seu carro.

— O que ele queria? — perguntou Lauren, que acabava de aparecer no alpendre.

— Segundo ele, comprar esta casa.

— Não gostei disso.

— Eu, muito menos, mas não sei porque.

— Você acha que é um tira?

— Não. Me parece que estamos paranóicos, porque não sei como puderam encontrar nosso paradeiro. Prefiro pensar que se trate de um vendedor ou de um agente imobiliário que queria sondar o terreno. Não se preocupe. Você fica ou vem comigo?

— Vou com você — disse ela...

Vinte minutos depois que saíram, Pilguez voltou a pé.

Uma vez diante da casa, comprovou que a porta da entrada estava fechada com chave e começou a dar volta pela construção. Ainda que não houvesse qualquer janela aberta, somente estavam fechados os postigos de um dos quartos. Um só cômodo fechado era suficiente para que o velho policial chegasse a conclusões.

Não se entretteve mais tempo ali e voltou rapidamente ao carro.

Marcou o número de Nathalia em um motivo. A conversação foi longa.

Pilguez contou-lhe que seguia sem ter nem provas nem indícios, mas que seu instinto dizia-lhe que Arthur era culpado. Nathalia não colocou em dúvida sua

perspicácia; o problema era que Pilguez não dispunha de uma ordem judicial que lhe permitisse perturbar um homem sem um motivo verossímil.

Estava seguro de que a chave do enigma residia no motivo. E devia ser muito importante para que um homem, aparentemente equilibrado, sem necessidade especial de dinheiro, se expusesse dessa forma. Mas Pilguez não encontrava a chave da solução. Havia considerado todos os motivos clássicos, mas nenhum deles se sustentava.

Então, ocorreu-lhe a idéia do blefe: contar uma mentira para descobrir a verdade, pilhar o suspeito desprevenido e tratar de surpreender uma reação ou uma atitude que corroboraria ou

desmentiria suas dúvidas. Colocou o motor em marcha, entrou na propriedade e estacionou diante do alpendre.

Arthur e Lauren chegaram uma hora mais tarde. Quando o primeiro saiu do Ford, olhou para Pilguez diretamente em seus olhos e este se dirigiu até ele.

— Duas coisas! — disse Arthur. — A primeira, esta casa não está nem estará à venda! A segunda, é uma propriedade privada!

— Eu sei, e para mim é o mesmo que esteja ou não à venda. Já é hora de que me apresente. — Mostrou seu crachá e acrescentou: — Tenho que falar com você.

— Creio que é isso o que você está fazendo!

— Tranquilamente.

— Tenho tempo.

— Podemos entrar?

— Sem uma ordem, não!

— Você faz mal em adotar esta atitude.

— Você fez mal em mentir para mim. Eu o recebi em minha casa e o convidei para beber.

— Podemos ao menos sentarmo-nos no alpendre?

— Podemos. Vá em frente.

Sentaram-se.

Lauren, de pé diante da escada, estava aterrorizada. Arthur fez um sinal para que ela se tranqüilizasse e deu a entender que ele controlava a situação e que não deveria preocupar-se.

— O que posso fazer por você? — perguntou ao policial.

— Explicar-me seu motivo. Aí é onde você me deixou bloqueado.

— Meu motivo para quê?

— Vou ser muito franco. Sei que é você.

— Ainda com risco de parecer um pouco tolo, vou lhe dizer que efetivamente sou eu. Eu sou eu desde que nasci; nunca fui esquizofrênico. De que diabos você está falando?

Queria falar-lhe do corpo de Lauren Kline, que ele havia roubado do Memorial Hospital durante a noite de domingo para segunda com ajuda de um cúmplice, utilizando-se de uma velha ambulância. Informou-lhe que a ambulância tinha sido encontrada em uma oficina de conserto de carrocerias.

Seguindo com sua tática, afirmava estar convencido de que o corpo estava ali, naquela casa, mais concretamente no único aposento com los postigos fechados.

— O que não entendo é o motivo, e não posso parar de dar voltas.

Faltava pouco para se aposentar e o que menos queria era acabar sua carreira com um enigma insolúvel. Queria descobrir os pormenores daquele caso.

A única coisa que o interessava era saber porque ele havia feito.

— Não me importa nem um pouco o colocá-lo atrás das grades. Levei toda a vida fazendo prisioneiros, para que saiam ao cabo de alguns anos e recomecem tudo. Por um crime assim, seriam cinco anos no máximo, desse modo nem vou me importar, mas quero conhecer o motivo.

Arthur fingiu não compreender uma só palavra do que lhe dizia o policial.

— Que história é essa de corpos e ambulâncias?

— Tentarei tomar-lhe menos tempo possível. Você me deixa entrar nos aposentos com os postigos fechados, sem uma ordem judicial?

— Não!

— E por que, se você não tem nada a ocultar?

— Porque esse aposento, como você disse, era o dormitório e o escritório de minha mãe e está fechado desde que ela morreu.

“É o único lugar onde não tive coragem de entrar e por isso os postigos estão fechados. Fazem mais de vinte anos que estão fechados e não cruzarei o umbral daquela porta se não estiver preparado para fazê-lo, nem que seja para evitar que você imagine uma solução para sua mirabolante história. Espero ter sido claro.

— Sua explicação é lógica. Bem, vou indo embora.

— Isso mesmo, vá, tenho que esvaziar o porta-malas.

Pilguez dirigiu-se para seu carro. Enquanto abria a porta, voltou-se e olhou Arthur diretamente nos olhos, vacilou um instante e decidiu levar até o final o rumo que havia bolado.

— Se você quiser visitar esta estância na maior intimidade, coisa que compreendo, faça-o esta noite. Porque eu sou cabeça dura e

voltarei amanhã à última hora, com uma ordem, e então você não estará mais sozinho. Pode tentar transportar o corpo durante a noite, supostamente, mas no jogo do gato e do rato eu tenho mais experiência, estou no ofício fazem trinta anos, e sua vida se converteria num pesadelo. Deixo meu cartão aqui com o número de meu celular caso você queira me dizer alguma coisa.

— Você não terá ordem alguma!

— Cada ofício tem seus truques. Boa noite.

Pilguez partiu depressa. Arthur ficou imóvel durante uns minutos, com os braços na cintura e coração batendo aceleradamente. Lauren não tardou a interromper o rumo de seus pensamentos.

Capítulo 14

— Você tem que dizer-lhe a verdade e negociar com ele!

— Tenho que me apressar em tirar seu corpo daqui.

— Não, não quero! Já basta! Asseguro-lhe de que ele estará escondido por aqui e vai pegá-lo em flagrante delito. Pára, Arthur, é sua vida. Você ouviu, arrisca-se a pegar cinco anos de prisão.

Arthur pressentia que o policial estava jogando verde, que nada tinha, que não conseguiria uma ordem judicial, e expôs seu plano de salvamento: ao cair da noite, sairiam pela parte em frente à casa e colocariam o corpo no barco.

— Bordearemos a costa e vamos esconder você numa gruta durante dois ou três dias.

Se o policial indagasse, descobrisse, ficaria com um palmo maior de nariz e não teria mais remédio do que abandonar.

— Ele vai prosseguir, porque é policial e cabeça dura — ela replicou — Entretanto, você tem uma possibilidade de sair desta confusão se o fizer ganhar tempo com a investigação, se você lhe oferecer a chave do enigma em troca de um arranjo. Faça-o agora; depois, será muito tarde.

Sua vida está em jogo, assim esta noite transportaremos seu corpo.

— Arthur, você tem que ser razoável. Isto é uma fuga e é muito perigoso.

— Esta noite iremos para o mar — repetiu Arthur, abraçando-a.

Logo esvaziou o porta-malas do carro. O resto do dia foi longo. Falaram muito pouco e apenas cruzaram alguns olhares. No final da tarde, ela ficou diante dele e o estreitou em seus braços. Ele a beijou com doçura.

— Não posso deixar que a levem, você não entende? — disse Arthur.

Ela entendia, mas era muito difícil permitir que ele compromettesse sua vida.

Arthur esperou o cair da noite para sair pela janela que dava para a parte debaixo do jardim. Andou até as rocas e comprovou que o mar se opunha ao seu projeto. Grandes ondas rompiam contra a costa, impossibilitando a execução do plano que tinha traçado. O barco se espatifaria no primeiro golpe.

E ameaçava soprar um vento que só pioraria a situação. Colocou-se de cócoras, com a cabeça entre as mãos.

Lauren, que havia se aproximado sem fazer ruído, ficou ao seu lado e passou um braço pelos seus ombros.

— Voltemos — disse, — você vai cair de frio.

— Eu...

— Não diga nada, interprete isto como um sinal. Passaremos esta noite sem nos atormentarmos e você vai ver como amanhã você vai pensar em algo; além do mais, o vento amaina ao amanhecer.

Mas Arthur sabia que o vento do alto mar anunciava uma tempestade que duraria pelo menos três dias. Quando o mar se enfurecia, nunca se acalmava na mesma noite. Jantaram na cozinha, acenderam a chaminé do salão. Falaram bem pouco. Arthur não parava de pensar, mas nada lhe ocorria. Fora, o vento soprava com mais força, dobrando as árvores até quase parti-las, a chuva açoitava os cristais das janelas e o mar iniciara um ataque contra a muralha dos rochedos.

— Antes me encantava quando a natureza ficava assim. Esta noite parece a banda sonora de Tornado.

— Vejo-o muito triste, Arthur, mas você não deveria estar assim. Não estamos nos despedindo. Você não para de me dizer que não devo pensar no amanhã.

Assim vamos aproveitar este momento que agora nos pertence.

— Não o consigo. Já não sei viver o momento sem pensar no que virá. Como você o consegue?

— Penso nos minutos presentes; são eternos.

Lauren decidiu contar-lhe uma história, um jogo para distraí-lo. Pediu que imaginasse ter ganho um concurso, cujo prêmio era o seguinte: todas as manhãs um banco abriria uma conta para ele com 86,400 dólares. Mas como todo jogo tem suas regras, este tinha duas.

— A primeira regra é que tudo o que você não tiver gasto ao longo do dia, vão retirá-lo de você à noite. Você não pode fazer truques, não pode transferir esse dinheiro para outra conta, só pode gastá-lo. Mas, na manhã seguinte, o banco abre outra conta para você com 86,400 para esse dia.

— A segunda regra é que o banco pode interromper este jogo sem aviso prévio. Em qualquer momento, pode dizer a você que terminou, que cancelou sua conta e não vai abrir outra. O que você faria?

Arthur não entendia.

— Mas você é muito ingênuo, homem, é um jogo. Todas as manhãs, ao despertar dão a você 86.400 dólares com a única condição de que o gaste durante esse dia, pois o saldo não utilizado será retirado quando você for dormir. Mas esse dom do céu ou esse jogo pode acabar a qualquer momento, você compreende? E a pergunta é o que você faria se você estivesse em tal situação?

Ele respondeu espontaneamente que o gastaria todo no que quisesse e que faria muitos regalos a pessoas queridas. Empregaria até o último centavo que lhe desse o “banco mágico” em levar felicidade à sua vida e à dos que o rodeavam.

— Incluindo pessoas que não conheço, porque acredito que não possa gastar comigo e com meus seres queridos 86.400 dólares por dia. Mas, onde você quer chegar?

— Este banco mágico todos o temos — disse ela -. É o tempo. A antena da abundância dos segundos que passam.

— Todas as manhãs, ao despertar, nos abonam com 86,400 segundos de vida em nossa conta para esse dia, e quando dormimos à noite, zera. E segue; o que não se viveu nesse dia, está perdido, ontem acaba de passar. Todas as manhãs se repete esse prodígio, mas jogamos com essa regra inevitável: o banco pode cancelar a conta a qualquer momento, sem aviso prévio; a qualquer momento, a vida pode terminar. O que fazemos, pois, com nossos 86.400 segundos diários?

Não são mais importantes alguns segundos de vida do que alguns dólares?

Desde o acidente, comprovava dia a dia, que bem poucas pessoas se apercebiam o que realmente conta. Expôs então as conclusões de sua história:

— Você quer entender o que é um ano de vida? Pergunte-o a um estudante que acaba de suspender o exame do final do curso. Um mês de vida? Diga-o a uma mulher que acaba de trazer ao mundo um filho prematuro e espera que saia da incubadora para estreitá-lo nos braços, são e salvo. Uma semana? Que o conte um homem que trabalha numa fábrica ou em uma mina para manter a família. Um dia? Fale do assunto a duas pessoas que estão loucamente apaixonadas e esperam o momento para voltarem a ficar juntas. Uma hora?

Pergunte a uma pessoa com claustrofobia presa num elevador com defeito. Um segundo? Olhe a expressão de um homem que acaba de se salvar de um acidente de automóvel. E um milésimo de segundo? Pergunte ao atleta que acaba de ganhar a medalha de prata nos Jogos Olímpicos, em vez da Medalha de Ouro, pela qual treina toca sua vida. A vida é mágica, Arthur, e falo com conhecimento de causa, porque desde que sofri o acidente, saboreio o prêmio que é de cada instante. Assim que, por favor, aproveitemos todos estes segundos que nos aguardam.

Arthur a tomou em seus braços e sussurrou em seu ouvido: — Cada segundo com você conta mais que qualquer outro segundo.

Passaram assim o resto da noite, abraçados em frente à lareira. O sono os invadiu ao amanhecer. A tempestade não havia amainado, pelo contrário. A campainha os despertou às dez. Era Pilguez. Pedia que Arthur o recebesse, precisava falar com ele, e também pedia desculpas por seu comportamento do dia anterior. Arthur vacilou; não sabia se aquele homem tentava manipulá-lo ou se era sincero. Pensou na chuva torrencial, que não permitira que ficassem do lado de fora, e que Pilguez utilizaria este argumento para entrar na casa. Sem refletir, convidou-o a comer na cozinha. Talvez para parecer mais forte do que ele, mais desconcertante. Lauren nada comentou; esboçou um sorriso melancólico que passou inadvertido para Arthur.

O inspetor de polícia se apresentou duas horas mais tarde. Quando Arthur abriu a porta, uma violenta rajada de vento entrou e Pilguez teve que ajudá-lo a fechar o batente.

— Isto é um furacão! — exclamou.

— Estou certo de você não veio para falar sobre meteorologia.

Lauren os seguiu até a cozinha. Pilguez deixou a farda em uma cadeira e sentou-se à mesa. Havia dois pratos. Uma salada *César* com frango assado e uma torta de champignon. Tudo acompanhado de um vinho *cabernet* do *Nappa Valley*.

— Agradeço muito sua amabilidade. Não queria causar-lhe tanto transtorno.

— O que me transtorna, inspetor, é que o senhor se empenhe em poupar-me de suas histórias disparatadas.

— Se são tão disparatadas, como você diz, não o cansarei por muito tempo. Você é arquiteto, verdade.

— Você o sabe de sobra.

— Que tipo de arquitetura?

— Especializei-me em restauração de patrimônio.

— Que consiste...

— Em reabilitar edifícios antigos; conservar a pedra, reestruturá-la para adaptá-la à vida atual.

Pilguez havia acertado no alvo; estava levando Arthur a um terreno que o cativava. Mas o que Pilguez descobriu foi que também gostava de Arthur, de modo que o velho inspetor caiu em sua própria armadilha. Ele, que havia querido suscitar o interesse de

Arthur, abrir um caminho através do qual poderia se comunicar com ele, deixou-se atrapalhar pelo relato do suspeito.

Arthur lhe deu uma autêntica aula de história da pedra, desde a arquitetura antiga até a tradicional, adentrando na moderna e na contemporânea. O velho policial estava fascinado, encadeava umas perguntas com outras e Arthur respondia todas elas. A conversa se prolongou mais de duas horas, sem que em nenhum momento resultasse pesada. Pilguez inteirou-se de como havia sido reconstruída sua própria cidade depois do grande terremoto, da história dos grandes edifícios que via todos os dias, de várias anedotas sobre como nascem as cidades e sobre as ruas onde vivemos.

Os cafés se sucediam e Lauren assistia estupefata e impassível à estranha cumplicidade que ia se tecendo entre os homens.

Quando Arthur estava contando como foi concebido o *Golden Gate*, Pilguez o interrompeu, pondo uma mão sobre a sua e mudou bruscamente o assunto.

Queria falar de homem para homem, ignorando seu crachá. Precisava compreender. Descreveu-se com um velho policial ao qual o instinto jamais havia enganado. Por intuição sabia que o corpo da mulher está escondido no aposento fechado ao fundo do corredor. Todavia, não compreendia os motivos do seqüestro. Arthur era, para ele, o tipo de homem que um pai queria ter por filho; parecia-lhe uma pessoa sã, culta, apaixonante. Então, porque ia expor-se a deitar tudo por terra, roubando o corpo de uma mulher em coma?

— É uma lástima, eu creio que simpatizamo-nos de verdade — disse Arthur, levantando-se.

— E assim é! Isto nada tem a ver... ou melhor dizendo, tem tudo a ver. Estou certo de você tem boas razões e me proponho ajudá-lo.

Seria totalmente honesto com ele, e começou por confessar que não conseguiria uma ordem para essa noite, porque faltavam provas. Teria que ir a São Francisco para ver o juiz, discutir com ele, convencê-lo, mas iria conseguir.

Tardaria três ou quatro dias, tempo suficiente para que Arthur transportasse o corpo, mas assegurou-lhe que semelhante manobra seria um erro. Ele desconhecia seus motivos, mas iria arruinar sua

vida. Todavia, podia ajudá-lo, e se oferecia para fazê-lo se Arthur aceitasse falar com ele e lhe explicar as chaves daquele mistério. A réplica de Arthur era de certa ironia. Ficara comovido com a generosa proposta do inspetor e sua benevolência, e ao mesmo tempo, surpreso por ter entabulado com ele duas horas de conversa. Mas também se queixou por não compreender seu convidado. Se apresentava em sua casa, era recebido, o agasalhava e ele se obstinava em acusá-lo sem provas nem motivos de um delito absurdo.

— Não, é você que é obstinado — replicou Pilguez.

— E se for eu o seu culpado, que motivos você tem para me ajudar, além de resolver um enigma a mais?

O velho policial respondeu com sinceridade. Ao longo de sua carreira havia se deparado com muitos casos, com centenas de motivos absurdos, crimes sórdidos, mas todos os culpados tinham um ponto em comum, o de serem criminosos, mentes retorcidas, maníacos, malfeitores, e não parecia que isso se aplicasse de modo algum a Arthur. De modo que depois de ter passado sua vida colocando dementes atrás das grades, se pudesse evitar que um bom sujeito fosse parar ali por ter se metido em uma embrulhada “ao menos teria a sensação de ter estado uma vez do lado bom das coisas” concluiu.

— É muito amável de sua parte, sou sincero quando o digo, e desfrutei desta comida com você, mas não me encontro na situação que você descreve. Não me queixo, mas tenho trabalho. Talvez tenhamos ocasião de voltarmos a nos ver.

Pilguez assentiu com um gesto aflito de cabeça, levantou-se e colocou a farda. Lauren, que durante toda a conversação dos dois homens ficara sentada no aparador, desceu de um salto e os seguiu quando entraram no corredor que conduzia à entrada da casa.

Pilguez deteve-se em frente à porta do escritório e ficou olhando a maçaneta.

— Você abriu o baú de recordações?

— Não, ainda não — respondeu Arthur.

— Às vezes é duro mergulhar no passado. Faz falta muita força, muito valor.

— Sim, eu o sei. É o que trato de encontrar.

— Estou convencido de que não me engano, jovem. Meu instinto jamais me enganou.

Quando Arthur se dispunha a convidá-lo a ir-se, a fechadura começou a girar, como se alguém mexesse nela no interior do aposento, e a porta se abriu.

Arthur virou-se, estupefato. Viu Lauren em um vão da porta, sorrindo-lhe com tristeza.

— Por que você fez isso? — murmurou, com a respiração entrecortada.

— Porque o amo.

De onde estava, Pilguez viu imediatamente o corpo que repousava sobre a cama, com o tubo... “Graças a Deus, está com vida”, pensou. Entrou, deixando Arthur na entrada e se aproximou do corpo. Lauren estreitou Arthur em seus braços e o beijou ternamente na face.

— Não consegui. Não quero que você arruíne o resto de sua vida por mim.

Quero que você viva livre e que você seja feliz.

— Mas minha felicidade é você.

Ela colocou um dedo em seus lábios.

— Nestas circunstâncias, não.

— Com quem você fala? — perguntou o velho policial em tom amistoso.

— Com ela.

— Agora você deve me contar tudo, se você quiser que eu o ajude.

Arthur dirigiu a Lauren um olhar cheio de desespero.

— Você precisa contar-lhe toda a verdade. Talvez acredite, talvez não, mas conte a verdade.

— Venha — disse Arthur dirigindo-se a Pilguez, — vamos ao salão. Vou contar-lhe tudo.

Os dois homens sentaram-se no sofá grande e Arthur contou toda a história, desde a primeira noite em seu apartamento, quando uma desconhecida que estava escondida no armário tinha dito: — “O que vou dizer-lhe é difícil de entender e resulta impossível de

admitir, mas se você tiver a bondade de escutar minha história, confiar em mim, então, talvez, você acabe acreditando, e é muito importante, porque você é, sem o saber, a única pessoa do mundo com quem com quem possa partilhar este segredo.”

Pilguez o escutou, sem interrompê-lo uma só vez. Muito mais tarde, quando terminou seu relato, Arthur levantou-se e observou seu interlocutor.

— Você pode ver, inspetor, com semelhante história, vai ter que acrescentar outro louco à sua coleção.

— Ela está aqui, conosco?— perguntou Pilguez.

— Sentada na poltrona, em frente a você, e o está olhando.

Pilguez coçou a curta barba meneando a cabeça.

— Claro — disse — , claro.

— O que você fará agora?— perguntou Arthur.

Acredito em você! E se Arthur se perguntava porque, a resposta era muito simples. Porque para inventar semelhante história e correr os riscos que ele havia corrido, não podia ser louco, tinha que estar completamente demente. E o homem que havia conversado com ele na mesa, sobre a história da cidade a qual ele servia há mais de trinta anos, não tinha nada de demente.

— Sua história tem que estar certa de cabo a rabo para que você tenha montado tudo isto. Eu não creio muito em Deus, mais creio na alma humana; além do que estou no final de minha carreira e sobretudo tenho vontade de acreditar.

— Então, o que você fará?

— Posso levá-la ao hospital em meu carro sem que corra qualquer perigo?

— Sim — disse Arthur com voz angustiada.

Então, conforme tinha prometido, o tiraria daquele apuro.

— Mas não quero separar-me dela. Não quero lhe apliquem eutanásia.

Essa era outra batalha.

— Não posso fazer tudo, amigo.

Já ia expor-se devolvendo o corpo, e só tinha a noite e três horas de transporte para que lhe ocorresse uma explicação convincente que explicasse o fato de ter encontrado a vítima, sem ter

identificado o seqüestrador. Como a moça estava com vida e não tinha sofrido qualquer sevícia, acreditava que poderia acertar tudo para que o expediente fosse parar na gaveta dos casos arquivados. Era só o que poderia fazer.

— Mas já é muito, não?

— Sim, o sei — disse Arthur, agradecido.

— Deixarei a noite para os dois e passarei amanhã de manhã, até as 8h.

Prepara-a toda para a viagem.

— Por que você faz isto?

— Já disse: porque gostei de você. Nunca saberei se sua história é real ou se você sonhou. Mas, em qualquer caso, seguindo a lógica de seu raciocínio, você agiu no interesse dela. Quase poderia afirmar que era legítima defesa, ainda que outros o chamassem de assistência a uma pessoa em perigo; para mim é igual.

O valor é patrimônio de quem atua bem, o melhor possível no momento que tenha que atuar, sem calcular as conseqüências que possam derivar-se disso.

Bom, já está bem, aproveite o tempo que resta.

O policial se levantou e Arthur e Lauren o seguiram. Um violento vendaval os acolheu quando abriram a porta da casa

— Até amanhã — disse Pilguez.

— Até amanhã — contestou Arthur com as mãos nos bolsos.

O inspetor desapareceu na tormenta.

Arthur não dormiu, e quando amanheceu foi ao escritório.

Preparou o corpo de Lauren, subiu a seu quarto para arrumar a mala, fechou os postigos de toda a casa, o botijão de gás, e cortou a eletricidade. Tinham que retornar ao apartamento de São Francisco. Lauren não podia permanecer longe de seu corpo muito tempo, sem sentir um grande cansaço. Tinham conversado durante a noite e estavam convencidos de que seria assim. Quando Pilguez tivesse levado o corpo, também regressaria.

Pilguez se apresentou à hora marcada. Em um quarto de hora, Lauren foi envolta em mantas e instalada no assento traseiro da viatura policial. Às nove, a casa estava fechada, sem nenhum ocupante, e os dois veículos iam a caminho da cidade. O inspetor

chegou ao hospital ao meio-dia; Arthur e Lauren entraram no apartamento mais ou menos na mesma hora.

Capítulo 15

Pilguez cumpriu sua promessa. Deixou a passageira inerte no serviço de emergências. Menos de uma hora mais tarde, o corpo de Lauren fora instalado no aposento de onde fora seqüestrado. O inspetor foi à delegacia e se dirigiu diretamente ao escritório do diretor. Ninguém soube jamais o conteúdo da conversa que os dois homens tiveram, que durou duas longas horas, mas ao sair de lá, o inspetor for ver Natália com um gordo expediente debaixo do braço, deixou cair a caneta sobre sua mesa, e, olhando-a fixamente nos olhos, ordenou que imediatamente guardasse aqueles documentos na caixa de “casos resolvidos”.

Arthur e Lauren se instalaram no apartamento de Green Street. Passaram a tarde em *La Marina*, passeando à beira mar. O fato de que nada indicasse que o procedimento de eutanásia seguiria seu curso, os fez alimentar certa esperança.

Depois de todos aqueles acontecimentos, talvez a mãe de Lauren modificasse sua decisão. Jantaram no *Perry's* e voltaram às dez para ver um filme na TV.

A vida recuperou sua normalidade, e, à medida que os dias passavam, cada vez faziam menos alusão à situação que tanto os preocupava.

Arthur aparecia de vez em quando em seu escritório para assinar papéis. O resto do dia passavam junto, indo ao cinema, passeando durante várias horas pelas alamedas de *Golden Gate Park*. Um final de semana, foram a Tiburón, na casa que um amigo de Arthur emprestava quando ia para a Ásia. A primeira parte de outra semana dedicaram-se a velejar na baía, navegando de uma enseada a outra.

Assistiam a muitos espetáculos na cidade: music-halls, balés, concertos e teatro. As horas transcorriam como se fossem grandes férias nas quais todos os caprichos são permitidos. Viver o instante presente, ao menos por uma vez, sem planejar, esquecendo o amanhã. Sem pensar em mais nada a não ser no que acontecia. A

teoria dos segundos, como eles diziam. As pessoas pensavam que Arthur fosse louco, ao vê-lo falar sozinho ou com um braço levantado na horizontal. Nos restaurantes onde iam, os garçons estavam acostumados à presença daquele homem que, sentado sozinho na mesa, sempre fazia o gesto de tomar uma mão invisível para todos e beijá-la, falava sozinho em voz baixa e se colocava de lado no umbral da porta para deixar passar uma pessoa inexistente. Uns pensavam que tinha perdido a razão; outros imaginavam que ele pensava estar com sua esposa falecida. Arthur já não tentava dissimular, saboreava cada um desses instantes que teciam a rede de seu amor. No espaço de algumas semanas tinham se convertido em cúmplices e amantes e compartilhavam a vida. Paul já não se preocupava; havia aceitado o fato de que seu amigo estivesse atravessando uma crise. Tranqüilizado pelo fato de que o

seqüestro não tivera conseqüências, ocupava-se da gestão do escritório, convencido de que antes ou depois seu sócio se recuperaria e as águas voltariam ao seu curso. Não tinha pressa. O importante era que aquele a quem chamava irmão melhorara ou se restabelecera por completo, qualquer que fosse o mundo no qual vivesse.

Transcorreram-se assim três meses, sem que nada perturbasse sua intimidade. Aquilo aconteceu numa terça à noite. Haviam se deitado para assistir um filme apazível em casa. Depois de abraços cúmplices, compartilharam as últimas linhas de uma novela que liam juntos, pois ele tinha que passar-lhe as páginas. Haviam adormecido tarde, um nos braços do outro.

Às seis da manhã, Lauren deu um salto e chamou Arthur, gritando. Este acordou sobressaltado se surpreendeu ao vê-la sentada com as pernas cruzadas, a tez pálida e cristalina.

— O que está acontecendo? — perguntou com a voz inquieta.

— Abrace-me, por favor, depressa.

Ele o fez, imediatamente, e ela, antes que ele repetisse a pergunta, colocou uma mão em sua face obscurecida pela barba que nascia, e a acariciou, deslizando logo os dedos até seu queixo e rodeando sua nuca com uma imensa ternura. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Chegou o momento, meu amor, me levam, estou desaparecendo — disse Lauren.

— Não! — rebelou-se ele, estreitando-a com mais força ainda.

— Deus meu, não quero deixar você! Antes de começar esta vida com você, já estava desejando que jamais acabasse.

— Você não pode partir, não!! Resista!! Eu suplico!

— Não diga nada e me escute, pressinto que tenho pouco tempo. Você me deu algo que eu jamais suspeitei que existisse; antes de viver através de você não supunha que o amor pudesse trazer tantas coisas singelas. Nada do que vivi antes de conhecê-lo valeu um só dos segundos que passamos juntos. Quero que você sempre saiba até que ponto eu amei você; não sei bem para que terras eu parto, mas se existir alguma, continuarei amando você com toda essa força e essa alegria com que você encheu minha vida.

— Não quero que você vá!

— Chiss..., não fale nada, me escute.

E enquanto falava, sua figura adquiria transparência. Sua pele tornava-se clara como a água. Os braços de Arthur se fechavam sobre um vazio que pouco a pouco ia se criando. Dava a sensação de que Lauren se tornava evanescente.

— Tenho a cor de seus sorrisos em meus olhos — prosseguiu — Obrigada por esses sorrisos, por toda sua ternura. Quero que você viva, que retome o curso de sua vida quando eu já não estiver aqui.

— Não poderei fazê-lo sem você.

— Não guarde o que você tem dentro de si, deve dá-lo a outra; do contrário seria um enorme desperdício.

— Por favor, não se vá. Lute.

— Não posso, é mais forte do que eu. Não sinto dor, simplesmente tenho a impressão de que você se afasta, olho-o como se estivesse envolta com algodão, começo a vê-lo borrado. Tenho muito medo, Arthur. Sem você, tenho muito medo. Segure-me um pouco mais

— Estou abraçando você! Não está sentindo?

— Não muito bem, meu amor.

Assim, choravam os dois, pudica e silenciosamente; compreendiam todavia melhor o sentido de um segundo de vida, o valor de um instante, a importância de uma só palavra. Abraçaram-se. Em uns minutos de um beijos inacabado, ela desapareceu totalmente. Os braços de Arthur fecharam-se sobre eles mesmos; retorceu-se de dor e começou a chorar aos gritos.

Seu corpo todo tremia. Sua cabeça balançava de um lado para outro em um movimento que escapava a seu controle. Apertava os dedos com tanta força que as unhas se cravaram nas palmas das mãos até fazê-las sangrar.

O "não" que proferiu em um bramido animal fez ribombar a habitação e vibrar os cristais. Tentou levantar-se, mas cambaleou e caiu ao solo; seguia tendo os braços fechados ao redor do corpo. Esteve inconsciente várias horas e só voltou a si muito mais tarde. Estava pálido. Sentia-se sem forças. Arrastou-se até o batente da janela, onde ela tanto gostava de se sentar, e se deixou cair, com o olhar perdido.

Arthur submergiu no mundo da ausência, com o sabor singular que esta tem quando ressoa dentro da cabeça. A ausência penetrou surdamente em suas veias e se infiltrou em seu coração, que a cada dia palpitava num ritmo diferente do outro.

Os primeiros dias provocaram-lhe cólera, dúvidas, anseios; não dos demais, mas dos momentos roubados, do tempo que passava. A dissimulada ausência, infiltrando-se, modificava suas emoções, as aguçava, as afiava, tornando-as mais cortantes. A princípio, tinha se dito que sua missão era feri-lo, mas, longe disso, a emoção mostrava sua cara mais refinada para raciocinar melhor dentro dele.

Arthur sentia a ausência do outro, do amor, incluso na carne, do desejo do corpo, do nariz que persegue um cheiro, da mão que busca o ventre para acariciá-lo, do olho que através das lágrimas, já só, vê recordações, da pele que busca a pele, da outra mão que se aperta no vazio, de cada falange resfolegando metodicamente no ritmo que aquela outra impõe, do pé que cai e se balança no vazio.

Permaneceu assim, prostrado em sua casa, dias e noites intermináveis. Ia da mesa de trabalho onde escrevia cartas para um fantasma, à cama, onde contemplava o teto, sem nem sequer vê-lo.

O telefone permanecia muito tempo fora do gancho, sem que ele se desse conta. Era igual; não esperava qualquer chamada. Nada mais tinha importância..

Saiu aquela noite em busca de ar, depois de um dia sufocante. Colocou o casaco para proteger-se da chuva. Só teve forças para cruzar a rua até a calçada em frente.

A ruela se vestia de branco e negro; Arthur sentou-se sobre um muro baixo.

Ao final do largo corredor que formava aquele esboço de rua, a casa vitoriana descansava sobre seu jardim.

Tão somente a janela do salão vertia um raio de luz sobre aquela noite sem lua. Ainda que houvesse cessado a chuva, ele não estava seco. Seguia vislumbrando Lauren, seus movimentos ágeis.

Arthur parecia ver ainda o delicado balanço de seu corpo ao desaparecer na sombra do pavimento ao virar a esquina. Como de costume, nesses momentos em que se sentia frágil, havia colocado as mãos nos bolsos da gabardina e havia começado a andar, meio encurvado.

Havia seguido os passos de Lauren ao longo das paredes cinzas e brancas, com a suficiente lentidão que não lhe permitia alcançá-la. Detivera-se vacilante na entrada do beco.

Sentado sobre um parapeito, revivia cada minuto daquela vida que havia acabado demasiado bruscamente.

“Arthur, a dúvida e a escolha que a acompanha são as duas forças que fazem vibrar as cordas de nossas emoções. Recorda que só conta a harmonia dessa vibração.”

A voz e a lembrança de sua mãe haviam surgido no fundo dele. Então, levantou-se com decisão, deu uma última olhada e regressou com a sensação culpada de ter fracassado.

O céu que começava a clarear, anunciava o começo de um dia sem cor. Todos os amanheceres são silenciosos, mas somente determinados silêncios são sinônimo de ausência, enquanto que outros estão às vezes carregados de cumplicidade. Arthur pensava nesses últimos, enquanto voltava..

Havia se deitado sobre o tapete do salão, e parecia como se estivesse falando com os pássaros, quando o chamaram

violentamente à porta. Não se levantou.

— Arthur? Você está aí? Sei que você está aí dentro. Abra a porta! Abra!!

gritava Paul — Abra ou a ponho abaixo.

O marco vibrou com o primeiro empurrão.

— Merda, me machuquei!! Desloquei a clavícula! Abra!!!

Arthur se levantou e se dirigiu à porta; abriu-a e sem esperar um segundo, caiu no sofá. Ao entrar no salão, Paul ficou surpreso pela desordem que ali reinava. Dezenas de folhas de papel, todas com a caligrafia de seu amigo, amontoavam-se pelo chão. Na cozinha havia latas de conserva espalhadas sobre as superfícies de trabalho. O fogão cheio de panelas sujas.

— O que aconteceu? Houve uma guerra aqui e você perdeu?

Arthur não respondeu.

— Tá, torturam você, cortaram suas cordas vocais. Olhe mas, você está surdo?

Sou eu, seu sócio. Você está cataléptico ou empinou tanto o cotovelo que segue sob os efeitos da bebedeira?

Paul viu que Arthur começara a chorar. Sentou-se ao seu lado e passou um braço pelos seus ombros.

— Arthur, o que aconteceu?

— Morreu fazem dez dias. Numa manhã se foi. Mataram-na. Eu não consigo superar, Paul, não consigo!

— Eu o vejo.

Estreitou-o em seus braços.

— Chore, amigo, chore tudo o que você puder. Dizem que isso diminui o sofrimento.

— É a única coisa que faço, chorar!!

— Bem, pois continue. Está claro que ainda lhe restam lágrimas, que o depósito não se esvaziou.

Paul olhou o telefone e colocou-o no gancho.

— Eu o chamei duzentas vezes. Por que você o desligou?

— Não me havia dado conta.

— Você não recebe qualquer chamada em dez dias e não se dá conta de que algo acontece?

— À merda, o telefone!!

— Você tem que por um freio nisso, amigo. Toda esta aventura me superava, mas agora, está superando a você. Você sonhou, Arthur, entrou numa história maluca. Você deve restabelecer contato com a realidade, porque você está destruindo sua vida. Você deixou de trabalhar, está com cara de drogado e mais fraco do que um palito. Faz semanas que você não é visto no escritório; as pessoas perguntam se você existe. Você se enamorou de uma mulher em coma, inventou uma história alucinante, roubou seu corpo e agora está chorando por um fantasma. Nesta cidade tem um psiquiatra que vai tornar-se milionário e que ainda não o sabe. Você necessita de tratamento, amigo. Você não tem opção. Não posso deixá-lo nesse estado. Tudo foi um sonho que está se convertendo em pesadelo.

Paul foi interrompido pelo telefone. Depois de atendê-lo e escutar por instantes, passou-o para Arthur:

— É o tira, e está impaciente. Ele também tem telefonado para você nos últimos dez dias. Quer falar com você.

— Não tenho nada a falar com ele.

Paul tinha tapado o fone com a mão.

— Ou você fala com ele, ou faço você engolir o aparelho — disse. Colocou o fone no ouvido de Arthur, que escutando, levantou-se de um salto. Agradeceu ao policial e começou a procurar freneticamente as chaves, no meio da bagunça.

— Posso saber o que está acontecendo? — perguntou seu sócio.

— Agora não posso perder tempo. Preciso encontrar as chaves.

— Vão prendê-lo?

— Não, homem, não! Ajuda-me em vez de falar besteiras.

— Você está melhor... começou outra vez a me dar atenção..

Arthur encontrou as chaves. Disse ao seu sócio, que não tinha tempo para explicar-lhe coisa alguma, que o tempo urgia, mas que lhe contaria tudo à noitinha. Seu amigo o olhou assombrado.

— Não sei onde você vai, mas se for num local público, aconselho que lave seu rosto e que troque suas roupas.

Depois de um breve vacilo, Arthur arriscou uma olhadela no espelho do salão e correu ao banheiro. Afastou os olhos do armário; existem lugares que traziam à memória fatos dolorosos. Minutos

mais tarde estava pronto. Sem sequer se despedir, desceu rapidamente as escadas até a garage.

Atravessou a cidade, dirigindo a toda velocidade até chegar ao estacionamento do Hospital Memorial San Francisco. Sem perder tempo em fechar a porta com chave, correu até a recepção. Quando chegou, exausto, Pilguez já o aguardava sentado numa cadeira da sala de espera. O inspetor se levantou e passou um braço pelos seus ombros, dizendo para que se acalmasse.

A mãe de Lauren estava no hospital. Considerando as circunstâncias, Pilguez tinha contado tudo para ela; bem, quase tudo. Ela o esperava no quinto andar, no corredor.

Capítulo 16

A mãe de Lauren estava sentada numa cadeira, em frente de uma das salas de reanimação. Ao vê-lo, levantou-se e foi até ele. Abraçou-o e o beijou na face.

— Não o conheço, só nos vimos uma vez, não sei se você se lembra... foi na Marina. A cadelinha o reconheceu. Não sei porque, nada entendo, mas lhe devo tanto, que nunca saberei como agradecê-lo por tudo.

Depois, explicou a situação. Lauren tinha saído do coma dez dias atrás, por alguma razão que ninguém sabia explicar. Uma manhã, o eletroencefalograma, durante meses sem mudanças, horizontal, tinha começado a se mover, manifestando uma intensa atividade elétrica. A enfermeira de plantão foi a primeira a verificar a mudança e imediatamente avisara ao plantonista. Horas depois, o aposento foi invadido por muitos médicos, uns indo para dar sua opinião, outros, simplesmente, para ver a paciente que tinha saído do coma profundo. Nos primeiros dias, Lauren permanecera inconsciente. Pouco a pouco, havia começado a mover os dedos, as mãos. Desde o dia anterior, passava horas com os olhos abertos, olhando tudo o que acontecia ao seu redor, mas incapaz, ainda, de falar ou emitir qualquer som. Alguns médicos achavam que talvez fosse necessário ensiná-la a falar de novo, outros, estavam seguros, que com o

tempo, recuperaria também esta capacidade. Na noite anterior, tinha respondido a uma pergunta com uma piscadela. Estava muito fraca; levantar um braço parecia exigir-lhe um grande esforço. Os médicos acreditavam numa atrofia dos músculos, em virtude da posição horizontal e de sua inércia durante tantos meses. Com tempo e fisioterapia, também isso voltaria à normalidade.

Os resultados dos scanners e dos outros testes eram otimistas. O tempo confirmaria este otimismo.

Arthur, sem ouvir o final da narração, entrou no aposento. O cardiógrafo emita um sinal regular e tranqüilizador. Lauren tinha os olhos fechados; dormia. Tinha a tez pálida, mas sua beleza permanecia intacta. Ao vê-lo, Arthur foi dominado pela emoção. Sentou-se à beira da cama, pegou uma de suas mãos entre as suas e beijou a palma. Logo se instalou em uma cadeira e permaneceu várias horas olhando para Lauren.

Na primeira hora da noite, Lauren abriu os olhos, fixou-os nele e sorriu.

— Tudo está bem, estou aqui — ele disse em voz baixa. — Não faça esforços, dentro em pouco você poderá falar.

Ela franziu as sobrancelhas, vacilou um instante, sorriu-lhe novamente, e, logo adormeceu.

Arthur ia todos os dias ao hospital. Sentava-se em frente a ela e esperava que acordasse. Cada vez que o fazia, falava com ela, contava-lhe o que estava acontecendo lá.

Ela não podia falar, mas sempre o olhava intensamente quando se dirigia a ela, e depois, tornava a adormecer.

Passaram assim, mais dez dias. A mãe de Lauren e ele trocavam de turno para ficarem com ela. Duas semanas mais tarde, quando Arthur chegou, a Sra.

Kline saiu do corredor para comunicar-lhe que na noite anterior, Lauren havia recuperado o uso da fala. Tinha pronunciado algumas palavras, muito lentamente e com voz rouca. Ele entrou no aposento e sentou-se perto dela.

Dormia. Passou a mão em seu cabelo e acariciou suavemente sua frente.

— Sinto saudades do som de sua voz...— disse.

Ela abriu os olhos, olhou-o, vacilante, e perguntou: — Quem é você? Por que você vem todos os dias?

Arthur compreendeu imediatamente o que acontecia. Com o coração tímido, sorriu-lhe cheio de ternura e amor, respondendo: — O que vou lhe contar é difícil de entender e parece ser impossível de admitir, mas se você tiver a paciência de ouvir minha história, de acreditar em mim, então, creia, é muito importante, porque sem que você o saiba, você é a única pessoa do mundo com quem eu posso compartilhar este segredo.

FIM